

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS  
Programa de Pós-graduação em Letras

**EXÍLIO CABO-VERDIANO: memórias e identidades em trânsito**

Belo Horizonte

2023

Cristina Queiroga Bueno

**EXÍLIO CABO-VERDIANO: memórias e identidades em trânsito**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras – Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Terezinha Taborda  
Moreira

Belo Horizonte

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

B928e Bueno, Cristina Queiroga  
Exílio cabo-verdiano: memórias e identidades em trânsito / Cristina Queiroga Bueno. Belo Horizonte, 2023.  
96 f.

Orientadora: Terezinha Taborda Moreira  
Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.  
Programa de Pós-Graduação em Letras

1. Amarílis, Orlanda, 1924- - Ilhéu dos Pássaros - Crítica e interpretação. 3. Literatura cabo-verdiana. 4. Diáspora africana. 5. Exílio - Cabo Verde. 6. Identidade cultural. 7. Memória coletiva - Cabo Verde. I. Moreira, Terezinha Taborda. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 869.0(665.8)

Ficha catalográfica elaborada por Daniela Luzia da Silva Gomes - CRB 6/2505

Cristina Queiroga Bueno

**EXÍLIO CABO-VERDIANO: memórias e identidades em trânsito**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras – Literaturas de Língua Portuguesa.

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Terezinha Taborda Moreira (PUC Minas) - Orientadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Priscila Campolina de Sá Campello (PUC Minas) – Banca Examinadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Roberta Ferreira Alves (UFVJM) – Banca Examinadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Raquel Beatriz Junqueira Guimarães (PUC Minas) - Suplente

Belo Horizonte, 25 de agosto de 2023.

*A Deus, por me guiar e iluminar meu caminho.  
Aos meus pais, meu porto-seguro.  
Ao César, pelo apoio incondicional e constante incentivo.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por me fortalecer nos momentos desafiadores e por guiar os meus caminhos.

Aos meus pais, José Oswaldo e Romilda, meu porto-seguro, pelo apoio psicológico, emocional e financeiro.

Ao meu marido, César, pelo constante incentivo, companheirismo e por me ajudar a persistir e concluir esta etapa.

Ao meu irmão, Ricardo, e aos meus sobrinhos, Yuri e Igor, que mesmo distantes, sempre possuem palavras de carinho e amor.

À minha querida orientadora, Professora Doutora Terezinha Taborda, pelos ensinamentos, por acreditar em mim desde a graduação e ser responsável por fazer com que eu me apaixonasse pela Literatura Africana.

Às queridas amigas e colegas de profissão, Graziela Rodrigues e Mariana Queiroga, pelas revisões, incentivos e amizade sincera.

À agência de fomento CAPES, por custear meus estudos durante dois anos.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC Minas, pelas aulas enriquecedoras e por me proporcionarem momentos de muito aprendizado.

Aos funcionários da secretaria do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC Minas, pela ajuda incessante e pela colaboração na realização deste trabalho.

Aos meus amigos e familiares, por entenderem a minha ausência em alguns eventos importantes.

A todos que contribuíram, meus sinceros agradecimentos.

*“Rodeada pelo mar de pedras de S. Pedro haveria de descortinar lá longe o Ilhéu dos Pássaros. Ou não? Não importa. O Ilhéu era a sentinela entre S. Vicente e Santo Antão. Mas ela nada receava”. (AMARÍLIS, 1983).*

## RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo examinar como a escrita da cabo-verdiana Orlanda Amarílis contribui para a compreensão da construção identitária de Cabo Verde, da diáspora, do deslocamento e do exílio. Para isso, buscamos entender o papel dela como intelectual da diáspora e sua contribuição para a sociedade, além de discutir melhor sobre os conceitos de identidade, diáspora, exílio, deslocamento e espaço. Além disso, realizamos uma análise comparativa de três contos de seu livro *Ilhéu dos Pássaros* (1983): “Thonon-les-bains” (1983), “Canal Gelado” (1983) e “Luna Cohen” (1983), a fim de identificar as estratégias narrativas utilizadas por Amarílis para discutir os temas mencionados acima. Por meio desse estudo, percebemos que o conflito vivenciado por meio da diáspora e do exílio são constantemente representados nas narrativas da autora, além de serem apresentadas as dificuldades enfrentadas na construção identitária cabo-verdiana. Assim, podemos identificar como as obras de Orlanda Amarílis são essenciais para compreendermos a sociedade de Cabo Verde como um todo, sua cultura e suas lutas sociais e políticas, além de dar voz aos que antes eram silenciados.

Palavras-chave: Literatura cabo-verdiana. Orlanda Amarílis. Identidade. Diáspora. Exílio.

## **ABSTRACT**

This dissertation aims to examine how the writing of Cape Verdean Orlanda Amarílis contributes to understanding the construction of Cape Verdean identity, the diaspora, displacement and exile. To this end, we sought to understand her role as a diasporic intellectual and her contribution to society, as well as to discuss the concepts of identity, diaspora, exile, displacement and space. In addition, we carried out a comparative analysis of three short stories from her book *Ilhéu dos Pássaros* (1983): "Thonon-les-bains" (1983), "Canal Gelado" (1983) and "Luna Cohen" (1983), in order to identify the narrative strategies used by Amarílis to discuss the themes mentioned above. Through this study, we can see that the conflict experienced through diaspora and exile is constantly represented in the author's narratives, as well as the difficulties faced in the construction of Cape Verdean identity. In this way, we can identify how the works of Orlanda Amarílis are essential for understanding Cape Verdean society as a whole, its culture and its social and political struggles, as well as giving a voice to those who were previously silenced.

Keywords: Cape Verdean literature. Orlanda Amarílis. Identity. Diaspora. Exile.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 ORLANDA AMARÍLIS: A INTELLECTUAL CABO-VERDIANA DA DIÁSPORA ...</b>	<b>11</b>
2.1 Reflexões sobre Orlanda Amarílis .....	11
2.2 A história cabo-verdiana .....	25
<b>3 PERSONAGENS EM DESLOCAMENTO.....</b>	<b>30</b>
3.1 A encenação do deslocamento na escrita amariliana .....	30
3.2 Personagens do entre-lugar nos contos de <i>Ilhéu dos Pássaros</i> .....	32
3.3 A identidade cabo-verdiana na escrita de Amarílis.....	37
<b>4 DIÁSPORA E EXÍLIO NA ESCRITA AMARILIANA.....</b>	<b>45</b>
4.1 A diáspora e o espaço na literatura.....	45
4.2 O espaço do exílio.....	51
4.3 Narrativas da diáspora e do exílio na escrita de Amarílis .....	54
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>61</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>63</b>
<b>ANEXO A – Conto “Canal gelado” .....</b>	<b>66</b>
<b>ANEXO B – Conto “Luna Cohen” .....</b>	<b>75</b>
<b>ANEXO C – Conto “Tonon-les-Bains” .....</b>	<b>86</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A diáspora, o exílio e o deslocamento são fenômenos complexos, que têm marcado a história e a cultura de diversas sociedades ao redor do mundo. Eles são experiências vividas por indivíduos e comunidades que são obrigados a deixar suas terras natais, por motivos políticos, econômicos, sociais ou culturais. Esses eventos traumáticos e, muitas vezes, forçados deixam cicatrizes profundas nas vidas daqueles que os vivenciam, mas também podem se tornar fonte de inspiração e expressão artística. Além disso, tais fenômenos têm um grande impacto na formação identitária dos indivíduos que passam por eles.

Nesse contexto, a escrita tem sido uma forma de expressão artística importantíssima para os indivíduos que passam por situações de exílio, além de ser um elemento crucial para a compreensão do comportamento dos indivíduos e das dificuldades enfrentadas por eles. Por isso, a literatura tem sido alvo de constantes estudos e análises. Entre as várias temáticas possíveis, interessa-nos, em especial, a literatura de migrantes.

Sendo assim, a escritora Orlanda Amarílis emerge como uma voz singular e poderosa, cuja obra literária explora de maneira sensível e impactante as temáticas da diáspora, do exílio e do deslocamento. Nascida em Cabo Verde, uma pequena nação insular africana na qual a população também enfrenta, ao longo de toda a sua formação histórica e cultural, sua própria história de migração e deslocamento, Amarílis traz consigo e, em sua escrita, as vivências e memórias de um povo marcado por essas experiências de migração.

Ao longo de sua trajetória literária, Orlanda Amarílis dedicou-se a retratar, em suas obras, os desafios, as dores e as esperanças daqueles que foram forçados a deixar suas terras, bem como os confrontos culturais e as transformações pessoais que decorrem dessas experiências. Suas narrativas capturam as vivências das vidas deslocadas, apresentando personagens complexos que lidam com a saudade, a busca por sua identidade e a reinvenção em terras estrangeiras.

Considerando sua condição de intelectual da diáspora, termo que será discutido e explicado ao longo deste estudo, Amarílis possui uma ótica privilegiada sobre a vida contemporânea. Isso, porque seu constante trânsito entre os diferentes espaços, como as tradicionais colônias e as grandes metrópoles mundiais, conferiu à

autora uma visão crítica sobre a condição de entre-lugar do imigrante cabo-verdiano.

No presente trabalho, pretendemos analisar, no segundo capítulo, já que o primeiro é destinado a apresentação geral do trabalho por meio da introdução, a vida da autora e por que ela é identificada como intelectual da diáspora, além de compreender a história de Cabo Verde, passando brevemente pelas temáticas que ela aborda em sua escrita, como diáspora, exílio, identidade e deslocamento. Para discutir tais temáticas, apoiaremos-nos nas concepções construídas por teóricos, como Antonio Gramsci (1995), Denise Rollemberg (1999), Edward Said (2005), Homi K. Bhabha (1998), Inocência Mata (2015) e Stuart Hall (2003).

No terceiro capítulo, exploraremos a profundidade de sua escrita, analisando as formas como ela aborda os deslocamentos e a construção da identidade em seus textos. Para isso, utilizaremos três de seus contos presentes na obra *Ilhéu dos Pássaros* (1983): “Thonon-les-bains”, “Canal Gelado” e “Luna Cohen”.

No quarto capítulo, buscaremos compreender como a autora constrói suas narrativas, nesses três textos mencionados, evidenciando os elementos que contribuem para identificar a representação da diáspora e da condição de exílio do povo cabo-verdiano.

Dessa forma, temos o objetivo de expor a relevância da escrita de Orlanda Amarílis não apenas no âmbito literário, mas também no sentido de preservação e difusão da memória coletiva dos povos diaspóricos, ao criar condições para que aqueles que foram, por muito tempo, silenciados, possam ganhar visibilidade e audibilidade. É preciso destacar, também, o quanto sua obra contribui para a compreensão e valorização das histórias individuais e coletivas desses grupos, resgatando narrativas que, muitas vezes, foram marginalizadas.

Ao final desta dissertação, esperamos contribuir para uma visão abrangente e aprofundada da escrita de Orlanda Amarílis no que tange à identidade, à diáspora, ao exílio e ao deslocamento. Buscaremos destacar, também, a importância de sua voz literária na representação dessas experiências migratórias, bem como na promoção do diálogo intercultural e na construção de pontes entre as diferentes realidades vividas pelos deslocados ao redor do mundo.

## 2 ORLANDA AMARÍLIS: A INTELLECTUAL CABO-VERDIANA DA DIÁSPORA

### 2.1 Reflexões sobre Orlanda Amarílis

Orlanda Amarílis Lopes Rodrigues Fernandes Ferreira nasceu em Santa Catarina, na ilha de Santiago, Cabo Verde, em 08 de outubro de 1924. Por meio de contos que narram problemas sociais do povo cabo-verdiano, Amarílis consagrou-se como escritora e intelectual da diáspora.

Ela iniciou sua vida estudantil em Cabo Verde. Na cidade Pangim, em Goa, no Estado da Índia Portuguesa, onde Amarílis viveu por seis anos, concluiu o Magistério Primário. Anos mais tarde, graduou-se em Ciências Pedagógicas na Faculdade de Letras de Lisboa.

No ano de 1945, casou-se com escritor Manuel Ferreira, e, por motivos profissionais e literários, viajou junto ao seu marido para diversos lugares do mundo, como Nigéria, Canadá, Estados Unidos da América, Índia, Moçambique, Angola, Espanha e Hungria, entre outros. Essas viagens foram não só para acompanhar Ferreira, que servia o exército português, mas também para participar de vários encontros culturais.

Ademais, é importante ressaltar que, apesar de tantas viagens e de ter nascido em Cabo Verde, Orlanda Amarílis viveu, por muitos anos, em Lisboa. Sendo assim, de acordo com Barros

A sua escritura parece tirar proveito dessa condição de duplo deslocamento (originária de um país colonizado e auto-exilada), ou seja, a autora escreve suas narrativas sob o ponto de vista de um ser de um país colonizado por Portugal e sua própria condição de exilada. (BARROS, 2005, p. 86).

Nessa perspectiva, podemos dizer que Amarílis experimentou o que é vivenciar a condição de exilado na prática, ainda que esse exílio não tenha se dado por fatores socioeconômicos de seu país, como comumente acontece com boa parte de seus conterrâneos, que, para fugirem da seca, fome e escassez, recursos esses fundamentais para sobrevivência, veem, na diáspora, uma possibilidade de sobrevivência.

À vista disso, tal vivência, de alguma maneira, é refletida em suas obras literárias. A experiência de personagens cabo-verdianos que vivenciam a migração,

bem como os sentimentos conflituosos ocasionados por ela, está presente como temática em diferentes contos da autora.

Assim, é possível dizer que os diversos contos de Amarilis podem ser catalogados como literatura da diáspora, uma vez que suas obras têm como um de seus eixos o deslocamento contemporâneo.

O termo diáspora deriva de uma palavra grega que pode ser traduzida como “dispersão”. Num sentido mais geral, a diáspora é a desagregação ou êxodo dos membros de uma comunidade que deixam sua terra natal.<sup>1</sup>

Ainda sobre tal definição, é pertinente trazer o discurso de Khachig Tölölian, recuperado por James Clifford em seu estudo intitulado “Diasporas”. Sobre o termo, o autor diz que

[...] outrora descrevia a dispersão judaica, grega e arménia partilha, agora, significados com um domínio semântico bem mais vasto, que inclui palavras como imigrante, expatriado, refugiado, trabalhador convidado, comunidade de exilados, comunidade estrangeira, comunidade étnica. (TÖLÖLIAN *apud* CLIFFORD, 1994, p. 303, tradução minha)<sup>2</sup>.

Para compreendermos melhor o sentido da diáspora, é relevante entendermos a perspectiva apresentada por Stuart Hall (2003) acerca deste conceito. Nascido em 1932, em uma família negra de classe média em Kingston, Jamaica, seu pai, Herman Hall, foi o primeiro homem não branco do país a ocupar um cargo de gestão (contador-chefe) na United Fruit Company, e sua mãe, Jesse, tinha ascendência branca, porque ela era descendente de escoceses, escravos africanos e judeus portugueses. Hall foi educado em inglês clássico na prestigiada Kingston Boys' High School Jamaica Academy, enquanto aliava-se à luta contra o colonialismo e a independência jamaicana.

Hall migrou para o Reino Unido em 1951 depois de receber uma bolsa Rhodes para estudar na Universidade de Oxford, durante o aumento das tensões raciais e políticas no país. Isso, porque parte da imigração jamaicana em massa começou três anos antes, com a chegada do Empire Windrush.

<sup>1</sup> Disponível em: <[https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$diaspora](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$diaspora)>. Acesso em: 10 set. 2022.

<sup>2</sup> “[...] the term that once described Jewish, Greek, and Armenian dispersion now shares meanings with a larger semantic domain that includes words like immigrant, expatriate, refugee, guest-worker, exile community, overseas community, ethnic community” (TÖLÖLIAN, 1991: 4-5).

Em um contexto de Segunda Guerra Mundial, o Reino Unido teve uma queda de produção devido à perda de mão de obra por causa dos conflitos da época, o que motivou o incentivo à imigração para o país. O Empire Windrush foi o navio mais relevante para a onda de imigrações até o Reino Unido por levar os primeiros imigrantes vindos do Caribe, em especial da Jamaica.

Hall enfatiza a importância dos questionamentos que as diásporas geram, pois são centrais não apenas para o povo que se desloca, mas para as artes e culturas que geram esses deslocamentos, nas quais um sujeito imaginário está sempre em jogo (HALL, 2003, p. 26). Essa percepção da diáspora conversa com o que James Clifford discute sobre o termo, porque, segundo ele, “diásporas normalmente pressupõem longas distância e uma separação que parece mais um exílio [...]. Da mesma forma, diásporas conectam diversas comunidades de uma população dispersa.”<sup>3</sup> (CLIFFORD, 1994, p.304, tradução minha).

O autor ainda cita o livro *Narratives of Exile and Return*, de Mary Chamberlain, que, por meio de entrevistas a diferentes gerações de famílias barbadianas que vivem no Reino Unido atualmente, destaca como a conexão entre o povo e seus costumes permanece forte. Apesar da distância do país de origem, as investigações de imigração confirmam que essa ligação com a cultura não se desfaz. Na obra de Chamberlain, os entrevistados também falaram sobre as dificuldades que os retornados têm em ser e em se conectar com suas sociedades de origem, já que sofreram influências da cultura na qual estiveram inseridos por tanto tempo. Isso assegura o que Hall aponta, no contexto da diáspora, quando diz que as identidades tornam-se múltiplas.

Apesar de viver há muitos anos no Reino Unido, Hall afirma não sentir pertencimento ao lugar em que vive, não se reconhecer como inglês, e viver a experiência de exílio longe de sua terra natal ao dizer que

não sou nem nunca serei um inglês. Conheço intimamente os dois lugares, mas não pertenço completamente a nenhum deles. Esta é exatamente a experiência diaspórica, longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o suficiente para entender o enigma de uma chegada sempre adiada. (HALL, 2003, p. 415).

---

<sup>3</sup> “Diasporas usually presuppose longer distances and a separation more like exile [...]. Diasporas also connect multiple communities of a dispersed population.” (HALL, 2003, p. 415).

Como imigrante que se sentia no entre-lugar da diáspora, Hall fez parte da primeira onda de diáspora da Grã-Bretanha e afirma que

acabei participando da primeira onda de diáspora por aqui. Quando vim para a Grã-Bretanha, os únicos negros aqui eram estudantes e todos eles queriam voltar para seus países depois da faculdade. Aos poucos, durante minha pós-graduação e o início da Nova Esquerda, uma população negra trabalhadora se fixou aqui e essa se tornou a diáspora de uma diáspora. O Caribe já é a diáspora da África, da Europa, da China, da Ásia e da Índia, e essa diáspora se re-diasporizou aqui. Isso explica porque a maior parte do meu trabalho recente não se volta somente para o pós-colonial, mas tem a ver com os fotógrafos negros, os negros que fazem filmes, com os negros no teatro, com a terceira geração negra britânica. (HALL, 2003, p. 431).

Antes de prosseguir para a discussão acerca do que se entende por diáspora, cabe, primeiro, compreender melhor o que se entende por “entre-lugar”. Tal conhecimento é indispensável quando trabalhamos com a ideia de um indivíduo diaspórico, uma vez que ele encontra-se em uma espécie de “meio-termo”, nem ligado a sua terra natal nem ao lugar para o qual imigrou.

Em seu artigo “O Entre-lugar” (2005), Nubia Hanciau discute o conceito atribuído à situação citada no parágrafo anterior, apresentando uma série de contraposições que são trazidas ao afirmar que

O conceito de entre-lugar torna-se particularmente fecundo para reconfigurar os limites difusos entre centro e periferia, cópia e simulacro, autoria e processos de textualização, literatura e uma multiplicidade de vertentes culturais que circulam na contemporaneidade e ultrapassam fronteiras, fazendo do mundo uma formação de entre-lugares. Marcado por múltiplas acepções, o entre-lugar é valorizado pelos realinhamentos globais e pelas turbulências ideológicas iniciadas nos anos oitenta do último século, quando a desmistificação dos imperialismos revela-se urgente. (HANCIAU, 2005, p.1).

Pautada na discussão de Santiago, em seu ensaio “O entre-lugar do discurso latino-americano” (2000), a autora aponta que é exatamente nessa dicotomia entre “o ser e o ser outro” (HANCIAU, 2005), que nasce uma espécie de espaço paradoxal, denominado entre-lugar. Hanciau traz, ainda, “a aporia fundamental encerrada pela questão identitária é afirmar-se e excluir o outro”, ou seja, a identidade só é validada e/ou afirmada, quando se nega a alteridade, o outro.

No entanto, o universo pós-moderno, ou melhor, pós-colonialista, como será

tratado no presente estudo, rompe com essa visão de uma construção identitária homogênea, pura e separada por uma fronteira, trazendo consigo uma característica heterogênea, híbrida e mestiça.

O fenômeno da mistura tornou-se realidade cotidiana, visível nas ruas e nas telas. Multiforme e onipresente, associa seres e formas que, a priori, nada aproximaria. Esta telescopagem de estilos prolifera, surpreende e sacode as referências tradicionais. Um mundo moderno, homogêneo e coerente vai ceder lugar a um universo pós-moderno, fragmentado, heterogêneo e imprevisível. (HANCIAU, 2005, p.6).

Essa mistura dá-se a partir das migrações, que acabam diminuindo as distâncias e tornando as fronteiras, antes impostas, como algo muito bem demarcado, “porosas, permeáveis, flexíveis.” (HANCIAU, 2005).

Ainda de acordo com Hall (2003), questões como a pobreza, o subdesenvolvimento e a falta de oportunidades levam as pessoas ao “espalhamento”, à dispersão, forçando-as, assim, a migrarem para outros lugares, muitas vezes, distantes de suas terras natais. Muitos vivem no entre-lugar, suportando más condições de vida e trabalho.

Nesse sentido, teorizar sobre a diáspora, para Hall, abre uma perspectiva discursiva para aprofundar e resolver problemas, como identidade; nostalgia; exílio; deslocamento; hibridização; cultura; língua, entre outros temas.

Tal fato acontece na obra literária de Amarílis. Em seus contos, a autora coloca em foco a diáspora, os elementos da cultura, da sociedade e da tradição, bem como a condição da mulher cabo-verdiana. Assim, sua escrita mostra a realidade como um processo do qual seus conterrâneos fazem parte.

Por meio de alguns personagens, Amarílis mostra que estar fora ou longe da pátria implica uma séria negociação identitária. Ainda, por meio da ficção, a autora mostra a condição marginal, limiar e intermediária que está reservada aos que migram. Assim, é possível dizer que a autora ficcionaliza as muitas nuances de quem vive a diáspora, ou seja, apresenta um modo único e próprio de problematizar a condição do exilado.

Segundo Denise Rollemberg, o exílio faz parte da história da humanidade e “é uma experiência primordial, ao mesmo tempo social e individual” (ROLLEMBERG, 1999, p. 23). Isso, porque ele é uma experiência única, definida pelas especificidades

de cada momento histórico e de cada espaço.

Apesar de, na maioria das vezes, estar ligado a uma ideia negativa, como fruto da exclusão, da negação, da anulação do indivíduo, o exílio também pode ser visto como uma forma de resistência e luta pela afirmação, como menciona Rollemberg (1999):

O exílio tem, na história, a função de *afastar/excluir/eliminar* grupos ou indivíduos que, manifestando opiniões contrárias ao *status quo*, lutam para alterá-lo. O exilado é motivado pelas questões do país, envolve-se em conflitos sociais políticos, diz *não* a uma realidade. [...] O exílio é o afastamento deste universo e recai sobre o “homem revoltado”, na expressão de Albert Camus, como um castigo. Ao mesmo tempo, o exílio aparece como possibilidade, quando a resistência interna é impossível. (ROLLEMBERG, 1999, p. 25, grifos da autora).

Ademais, o exílio pode trazer ganhos, como defende Salman Rushdie, em seu ensaio “Imaginary homelands: essays and criticism, 1981-1991”, ao classificar sujeitos diaspóricos. Ele afirma que, “[p]or ter nascido no outro lado do mundo, somos homens traduzidos. Supõe-se normalmente que algo sempre se perde na tradução; eu me preendo obstinadamente à noção de que se pode também ganhar algo.”<sup>4</sup> (RUSHDIE, 1992, p. 17).

No entanto, para prosseguir com a discussão acerca das percepções da autora, é preciso recuperar os significados de intelectual e intelectual diaspórico. Quanto aos limites máximos da significação de intelectual, Gramsci (1995) aponta que pensar no uso do intelecto em si como algo que é próprio da ação torna-se um equívoco quando se estabelece critérios para a atividade intelectual. Nessa medida, ainda de acordo com o autor, utilizar o intelecto como parâmetro metodológico não se configura para a caracterização de alguém como intelectual. Para Gramsci, pensando na diferenciação em níveis, no plano mais alto, devem estar “os criadores das várias ciências, da filosofia, da arte, etc.; no mais baixo, os ‘administradores’ e divulgadores mais modestos da ‘riqueza intelectual’ já existente, tradicional, acumulada.” (GRAMSCI, 1995, p. 11, grifos do autor). Assim, pode-se inferir que o que deve ser considerado imprescindível é aquilo que o sujeito constrói a partir da intelectualidade.

Outro equívoco quanto a uma definição de intelectual, de acordo com Bobbio

---

<sup>4</sup> “Having been borne across the world, we are translated men. It is normally supposed that something always gets lost in translation; I cling, obstinately, to the notion that something can also be gained.” (GRAMSCI, 1995).

(1997), está no fato de agrupar, em um só conceito, os diferentes tipos de intelectuais. Para o autor, é significativo diferenciar os intelectuais em dois tipos, a saber: expertos e ideólogos. Nesse sentido, ainda segundo Bobbio (1997), o critério

que distingue um do outro é precisamente a diversa tarefa que desempenham como criadores ou transmissores de idéias ou conhecimentos politicamente relevantes, é a diversa função que eles são chamados a desempenhar no contexto político. (BOBBIO, 1997, p. 72).

Nessa perspectiva, considerando o critério proposto e o papel que os intelectuais desempenham na sociedade, pode-se inferir que os intelectuais expertos são aqueles que utilizam seus conhecimentos técnicos para esclarecer ou justificar suas atitudes, enquanto ideólogos são aqueles nas quais as ações racionais são justificadas pelos valores e princípios.

Por fim, na concepção de Said (2005), o intelectual é um sujeito com consciência de que todos têm direito à justiça e ao livre-arbítrio. Assim, conforme o autor, quando se pensa na questão do intelectual atrelada à noção de exílio, há uma confusão na concepção de que o exilado desliga-se totalmente do seu lugar de origem.

Dessa forma, os intelectuais seriam

inconformados e exilados no que se refere aos privilégios, ao poder e às honrarias. [Nunca se encontram] plenamente adaptados, sentindo-se sempre fora do mundo familiar e da ladainha dos nativos [...] Para o intelectual, o exílio nesse sentido metafísico é o desassossego, o movimento, a condição de estar sempre irrequieto e causar inquietação nos outros. (SAID, 2005, p. 60).

À vista disso, essa afirmativa feita por Said exemplifica que a situação do intelectual assemelha-se à do exilado. Segundo o teórico, o que melhor representa o caminho do intelectual inconformado é a situação do exilado, uma vez que ele nunca se adapta completamente, sempre se sente fora do lugar na sociedade familiar e nas rotinas dos locais nativos. Assim, o indivíduo está inclinado a evitar e, até mesmo, a desconfiar das “armadilhas da acomodação e do bem-estar nacional.” (SAID, 2005).

Nesse sentido, é crucial que o intelectual represente e articule em favor da população. Nesse contexto, Said (2005) aponta que

A questão central para mim, penso, é o fato de o intelectual ser um indivíduo dotado de uma vocação para representar, dar corpo e articular uma

mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para (e também por) um público. (SAID, 2005, p. 25).

Assim, o intelectual deve ser responsável em relação ao que afirma, à medida que é reconhecido por determinado público. É o que ocorre no caso de Amarílis. A intelectual é dotada de vocação para escrever sobre suas ideias, opiniões e vivências sob seu ponto de vista para um determinado público, sendo reconhecida por sua representatividade na escrita sobre o povo de Cabo Verde e suas questões sociais, culturais, históricas e econômicas.

De acordo com Vera Lúcia Follain de Figueiredo (2004), a ideia de o intelectual diaspórico ser aquele que deixou seu país para viver em grandes centros, que está erradicado de sua nação, garante-lhe a distância necessária para garantir a objetividade, bem como

a imparcialidade no tratamento das questões referentes às etnias marginalizadas. Isso porque cria-se a expectativa de que, liberto das amarras dos laços nacionais, vivendo na Europa ou nos Estados Unidos, o intelectual periférico possa ver com mais clareza a complexidade da relação dos indivíduos com sua terra de origem, lançando luz sobre o problema das identidades culturais, inclusive no que diz respeito ao país onde vive. O preço da maior visibilidade de sua produção é o afastamento do foco, a palavra cosmopolita, apartada de uma ação política local e, portanto, livre de um tipo de militância que a colocaria à prova. (FIGUEIREDO, 2004, p. 137).

Esse distanciamento ocasionado pela diáspora torna o intelectual, de acordo com Figueiredo (2004), um cidadão do mundo e, conseqüentemente, dá-lhe propriedade para tomar posições em relação a determinadas culturas sem correr o risco de ater-se demasiadamente a elas, ou seja, efetivar política fora do ambiente acadêmico. Assim, podemos dizer que Amarílis, por desfrutar dessa condição diaspórica e refletir em si mesma a nação híbrida da qual faz parte, prioriza, em sua obra, a releitura das relações desiguais que acontecem entre Cabo Verde e as nações do norte, ou seja, da Europa.

Com relação à sua escrita, a autora aborda temas relevantes para compreender a construção da identidade cabo-verdiana e as questões de gênero e exílio. Em primeiro plano, seguindo a ideia da discussão sobre a caracterização da autora como intelectual diaspórica, percebe-se ser necessário discutir um pouco sobre como ela trata do tema em suas obras.

Para compreender esse processo, antes é preciso recuperar a discussão a

respeito da identidade feita por Stuart Hall em algumas de suas obras. A fim de discutir acerca de tal temática, o teórico expõe três concepções de identidade: do sujeito iluminista, do sujeito sociológico e do sujeito pós-moderno. A partir da análise delas, será possível identificar como as diferenças históricas, sociais e culturais contribuem para a construção da identidade do indivíduo.

Em sua exposição, Hall (2006) caracteriza o sujeito iluminista como um indivíduo totalmente centrado e unificado, que detém a capacidade da razão. Na concepção desse sujeito, o “centro” remete a um núcleo interior que surge assim que o indivíduo nasce e desenvolve-se, sem alterar a sua essência, ao longo da existência desse sujeito.

O sujeito sociológico, segundo o teórico, caracteriza-se como um indivíduo que se constrói a partir da sua relação com a sociedade e com diferentes culturas, valores e práticas. Assim, o núcleo interior do sujeito moderno não se configura como autônomo ou autossuficiente, mas se forma na relação com outros indivíduos de uma sociedade.

Por último, a concepção do sujeito pós-moderno exposta por Hall apresenta um indivíduo sem uma identidade fixa ou permanente, mas no qual encontramos a presença de uma identidade em constante mudança. Dessa forma, a identidade é formada e transformada continuamente ao longo das interações que o sujeito tem com o mundo que o cerca e com os diversos diálogos culturais que o rodeiam, sendo definida historicamente e não biologicamente.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2006, p.13, grifos do autor).

Da mesma forma, podemos notar a presença desse sujeito fragmentado na obra de Amarílis, uma vez que a própria autora fala a partir desse lugar híbrido. Desse modo, a escritora, em suas produções, explora e expõe as tensões pós-coloniais, tratando dos aspectos da identidade cabo-verdiana na perspectiva da diáspora. As obras manifestam o hibridismo cultural, bem como a alteridade no processo de construção da identidade, ou seja, a construção de um novo sujeito, um ser que vive no entre-lugar, entre-culturas, entre-costumes, entre-religiões, entre diversas novas

realidades.

Ainda, de acordo com Hall (2003),

A experiência da diáspora, como aqui a pretendo, não é definida por pureza ou essência, mas pelo reconhecimento de uma diversidade e heterogeneidade necessárias; por uma concepção 'identidade' que vive com e através, não a despeito, da diferença; por hibridização. Identidades de diáspora são as que estão constantemente produzindo-se e reproduzindo-se novas, através da transformação e da diferença. (Hall, 2003, p. 75, grifos do autor).

É pertinente, também, ressaltar o papel que a figura feminina assume na escrita da autora cabo-verdiana e como a questão do gênero é tratada ao longo desta. Em seus contos, Amarílis encena a perspectiva do olhar feminino sobre a vida, ressaltando não só o olhar para a terra cabo-verdiana, mas, principalmente, para as mulheres desta terra. Isso pode ser percebido pela escolha da autora em trazer personagens-narradoras, ou seja, trazer a voz da mulher, para contribuir na construção da identidade cabo-verdiana e, também, expor e problematizar questões, como o machismo e o patriarcado. Tal fato pode ser confirmado pela construção de personagens femininas fortes, como a personagem Nh'Ana, do conto "Thonon-les-Bains" (1983), que precisaram liderar a família, já que seus companheiros e filhos mais velhos migraram em busca de uma melhora de vida para sua família.

O fato de Cabo Verde ser um país insular corroborou as complicações socioeconômicas de grande parte da população, sendo isso demonstrado de forma recorrente na escrita da autora. Por falta de condições de trabalho e qualidade de vida adequadas, muitos cabo-verdianos foram forçados a migrar para fora da sua nação em busca de melhores condições para seus familiares e para si, sendo condenados ao exílio.

Mesmo Cabo Verde sendo uma sociedade patriarcal e racista, Amarílis manifestou-se acerca do estado e da identidade da sua nação, Cabo Verde, pertencente a um continente que é estigmatizado pelo processo de colonização pelo qual passou e que também é marcado pelo estigma de que o homem e a mulher africanos são inferiores ao homem e à mulher brancos. Esses fatores corroboram a presença da diáspora em sua obra e também contribuem para que a autora reflita sobre o contato com outras culturas na encenação da própria identidade cultural que promove em sua escrita.

É conveniente destacar, também, que Amarílis, ao contrário de grande parte da população imigrante, viveu o exílio de forma diferenciada, uma vez que, após concluir seus estudos, passa a viajar pelo mundo com seu marido por razões profissionais. Dessa forma, podemos observar, em diversos contos de Amarílis, críticas sociais, assim como as características do modo de vida do país. Por essa razão, é possível que estes fatores sejam úteis para ajudar na percepção da relação entre essas obras literárias e as perspectivas socioculturais de Cabo Verde.

Assim, a autora escreve sobre personagens femininas pós-coloniais, que retratam a diáspora como parte da vida do povo cabo-verdiano, os problemas enfrentados pelo imigrante em exílio, o machismo e o patriarcado presentes na sociedade.

Ainda sobre a questão do exílio, em relação à figura da mulher caboverdiana encenada na obra de Amarílis e à criação de personagens femininas pós-coloniais pela autora, é pertinente recuperar o conceito de sujeito subalterno discutido pela pesquisadora indiana Gayatri Chakravorty Spivak. Segundo ela, o sujeito subalterno é aquele que pertence

às camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante. (SPIVAK, 2010, p. 13).

Spivak (2010) é uma renomada teórica que aborda não apenas questões pós-coloniais, mas também, criticamente, questões de gênero e culturais. Além disso, a autora reflete sobre si mesma e sobre as tensões que a atravessam, assim como o lugar que ela ocupa. A indiana ressalta que não importa de que lado você esteja, a "voz da consciência" das mulheres subalternizadas em vários espaços é sempre suprimida, porque não há estrutura política, espaço jurídico ou linguagem para ouvir suas demandas, por isso, são sempre subjugadas.

Para a estudiosa, o ser subalterno seria um sujeito excluído dos mercados, de representação política e legal e, por essas razões, precisaria migrar para ser incluído, para se tornar um membro da classe dominante fora de sua pátria de origem.

As ponderações da estudiosa podem nos auxiliar a compreender a condição do sujeito exilado, assim explicada por Edward Said, ao afirmar que

(...) o exílio nos compele a pensar sobre ele, mas é terrível de vivenciar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre um eu e seu verdadeiro lar. Sua tristeza essencial jamais pode ser superada (...) As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre. (SAID, 2003, p.46).

O exílio é algo que machuca a alma do sujeito exilado, sua vida nunca mais será a mesma depois da migração. Assim, nasce um novo sujeito, um ser que vive no entre-lugar, entre-culturas, entre-costumes, entre-religiões, entre diversas novas realidades.

Considerando as temáticas apresentadas até o momento, nesta dissertação, serão analisados três contos da coletânea *Ilhéu dos Pássaros* (AMARÍLIS, 1983), escrita pela autora cabo-verdiana oito anos após o fim do período colonial. A coletânea contém sete contos, sendo o primeiro "Thonon-le-Bains", "Luna Cohen" o terceiro conto e "Canal Gelado" o quarto. A compilação aborda temas, como o exílio, a diáspora cabo-verdiana, a vida do imigrante pós-migração, memória, deslocamento, feminicídio e patriarcado. Esses temas já foram mencionados e ainda serão abordados com maior detalhamento ao longo deste estudo.

É válido considerar que, nos três contos, as personagens protagonistas são mulheres cabo-verdianas que se deslocam, dialogando com o que foi discutido ao longo deste primeiro capítulo. Piedade, personagem de "Thonon-le-Bains", migra para a França. Já Luna Cohen, do conto intitulado com o mesmo nome, desloca-se também, porém dentro do continente africano. Em "Canal Gelado", a personagem principal migra-se para o interior da cidade de Mindelo, ou seja, dentro de Cabo Verde.

Levando em conta as abordagens que Amarilis propõe em suas obras e que foram destacadas até aqui, pode-se confirmar, também, que sua escrita vai ao encontro das proposições defendidas pela crítica pós-colonial. A fim de entender melhor o motivo de a escrita da autora apresentar-se como pós-colonial, cabe uma breve discussão sobre o tema.

Para isso, vale destacar a visão de Mata (2003), que diz que a literatura pós-colonial africana de língua portuguesa mobiliza estratégias de contradiscursos que buscam deslegitimar a visão ilusória de uma nação monocolor que ganhou forma nos primeiros momentos pós-independência. Nessa perspectiva, podemos dizer que a literatura de Amarilis cumpre essa tarefa e reverbera a necessidade de repensar os relacionamentos globais advindos da colonização.

O teórico Homi K. Bhabha (1998) também reflete sobre o pós-colonial como sendo a discussão que emerge dos discursos e testemunhos dos países do Terceiro Mundo que foram colonizados. Ao discorrer sobre o assunto, Bhabha diz que essas discussões são formadas levando em conta diferentes histórias de povos, nações, comunidades, além de suas diferenças culturais, sociais e políticas, “a fim de revelar os momentos antagônicos e ambivalentes no interior das ‘racionalizações’ da modernidade.” (BHABHA, 1998, p. 239, grifo do autor).

Além disso, ele reforça que o pós-colonialismo, no nível teórico, não se trata apenas do antagonismo de classe, mas de “contingências históricas amplamente dispersas” (BHABHA, 1998, p.240), o que marca a presença de um espaço conflituoso, porém proveitoso. É nesse sentido que ele salienta a importância de aprender a partir daqueles que “sofreram o sentenciamento da história” (BHABHA, 1998, p.240). Isso, porque, na experiência com a diáspora, os problemas de identidade, gênero e exílio, por exemplo, contribuem para a construção de sentido e valor cultural. Segundo o teórico, essa experiência

nos força a encarar o conceito de cultura exteriormente aos *objets d'art* ou para além da canonização da “idéia” de estética, a lidar com a cultura como produção irregular e incompleta de sentido e valor, freqüentemente composta de demandas e práticas incomensuráveis, produzidas no ato da **sobrevivência social**. (BHABHA, 1998, p. 240, grifo meu).

Ao contemplar a cultura como uma estratégia de sobrevivência, o crítico a avalia como transnacional e tradutória, porque

os discursos pós-coloniais contemporâneos estão enraizados em histórias específicas de deslocamento cultural, seja como “meia-passagem” da escravidão e servidão, como “viagem para fora” da missão civilizatória, a acomodação maciça da migração do Terceiro Mundo para o Ocidente após a Segunda Guerra Mundial, ou o trânsito de refugiados econômicos e políticos dentro e fora do Terceiro Mundo. [...] tradutória porque essas histórias espaciais de deslocamento [...] tornam a questão de como a cultura significa, ou o que é significado por *cultura*, um assunto bastante complexo. (BHABHA, 1998, p. 241, grifos do autor).

Assim, torna-se essencial ver como esses dois aspectos elencados por Bhabha (1998) encaixam-se. Segundo ele, a dimensão transnacional da cultura atribui ao processo tradutório uma complexidade maior na significação, o que nos faz conscientes da construção cultural e da criação da tradição. É preciso reforçar também

que essa perspectiva pós-colonial

tenta revisar aquelas pedagogias nacionalistas ou “nativistas” que estabelece binária de oposição. [...] Ela força um reconhecimento das fronteiras culturais e políticas mais complexas que existem no vértice dessas esferas políticas frequentemente opostas. (BHABHA, 1998, p. 240-242, grifos do autor).

É a partir desse lugar cultural híbrido, ou entre-lugar, como diversos pensadores definem, que Amarílis pensa e fala. Assim, a escritora assume um discurso que não nega a alteridade, mas que articula essas diferenças para contar a história de um povo, de uma nação, do ponto de vista do colonizado e não do colonizador. Tal discurso pode ser compreendido na perspectiva de Bhabha, quando afirma que, “os discursos críticos pós-coloniais exigem formas de pensamento dialético que não recusem ou neguem a outridade (alteridade) que constitui o domínio simbólico das identificações psíquicas e sociais.” (BHABHA, 1998, p. 242).

Essa perspectiva para pensar o lugar ocupado pelo intelectual, a partir do qual ele se manifesta, como um entre-lugar, remete-nos à condição limiar do pensamento latino-americano frente à crítica europeia colocada em discussão por Silvano Santiago, em seu ensaio “O entre-lugar do discurso latino-americano” (2000). Assim como Hanciau, em seu texto, o ator afirma que há uma quebra da ideia de algo puro e único.

A maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental vem da destruição sistemática dos conceitos de *unidade* e de *pureza*: estes dois conceitos perdem o contorno exato de seu significado, perdem seu peso esmagador, seu sinal de superioridade cultural, à medida que o trabalho de contaminação dos latino-americanos se afirma, se mostra mais e mais eficaz. (SANTIAGO, 2000, p.16, grifo do autor).

O intelectual latino-americano, assim como o africano, ocupa esse espaço intersticial por estar entre a submissão e a agressão ao código, uma vez que se mostra resistente à imposição dos valores impostos pelo colonizador europeu, porém, ao mesmo tempo, tem consciência de que não se pode ficar imune às interferências deste no seu discurso.

Nesse ponto, Amarílis, como intelectual cabo-verdiana da diáspora que se constrói no entre-lugar, rasura a literatura canônica ao produzir sua obra recriando os valores locais, a oralidade e, inclusive, a diversidade cabo-verdiana em sua narração. Ao fazê-lo, a escritora transgride a estrutura convencional da escrita literária, em que

a história do colonizador sempre se sobrepõe à do colonizado.

## **2.2 A história cabo-verdiana**

Cabo Verde é um arquipélago que abriga dez ilhas pequenas e montanhosas. As ilhas são divididas em dois grupos: o de Barlavento e o de Sotavento, de onde sopra o vento e por onde se escoam os ventos, respectivamente. Assim, de Barlavento fazem parte Santo Antão, S. Vicente, Santa Luzia, S. Nicolau, Sal e Boa Vista, enquanto Maio, Santiago, Fogo e Brava integram o grupo das ilhas de Sotavento.

No ano de 1460, o arquipélago de Cabo Verde foi colonizado por portugueses e italianos. Entre 1461 e 1462, a ilha de Santiago começou a ser povoada. Devido à sua posição estratégica com rotas que conectam América, Europa e África, Cabo Verde serviu de ponto de tráfego de escravos.

Em virtude da abolição do comércio de escravos e da constante deterioração das condições climáticas, Cabo Verde entrou em decadência e passou a viver com base numa economia pobre, ou seja, de subsistência.

Em 1956, Amílcar Cabral fundou o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), com o objetivo de lutar contra o colonialismo e pela independência de Cabo Verde. No ano 1974, em dezembro, houve um acordo entre Portugal e PAIGC, para a criação de um governo de transição em Cabo Verde. Em 5 de julho de 1975, foi proclamada a independência de Cabo Verde. No ano de 1991, nas primeiras eleições multipartidárias realizadas no país, foi instituída uma democracia parlamentar com todas as instituições necessárias para a manutenção do país.

O arquipélago de Cabo Verde começou, após sua independência, gradualmente, a tomar forma, tanto em relação à população da ilha quanto em relação à sua organização social, cultural, política e administrativa. Sua história nasce da fusão com outras civilizações, especialmente, Europa e África. Mesmo diante de tal realidade, Cabo Verde conseguiu construir identidades sociais, culturais e políticas, assim como um Estado-Nação forte e único, unindo os cabo-verdianos de todas as regiões.

A formação da identidade cabo-verdiana e o nascimento do Estado-Nação deste local refletem um país repleto de fatores históricos e movimentos culturais que

contribuíram para o surgimento da cultura e da identidade cabo-verdianas. Devido aos problemas que enfrentavam no arquipélago, europeus e africanos uniram-se para compartilhar recursos e princípios culturais, emergindo, assim, uma cultura e identidade singulares, resultado de várias miscigenações.

De acordo com João Lopes Filho,

o encontro em Cabo Verde de duas culturas diferentes significou a separação de cada uma delas do seu tronco original, numa dada época histórica da sua própria evolução. Isto também ocasionou a transplantação e o contacto mútuo, pois ambas se viram separadas da sua própria raiz e do percurso evolutivo das suas culturas de origem (LOPES FILHO, 2003, p. 227).

Com esta miscigenação, surge o mestiço, elemento essencial da identidade cultural do povo cabo-verdiano. O mestiço começa a lutar por seus direitos em uma sociedade insular, colonizada e racializada, buscando por posições que, até então, eram ocupadas pelos segmentos brancos e ricos da população. Ele simboliza a luta pela afirmação cultural e conquista de direitos na sociedade cabo-verdiana.

Os princípios culturais também passaram por um processo de mestiçagem de Cabo Verde, emergindo, assim, no país, uma cultura crioula. Para o autor Stuart Hall, “a cultura é uma produção. [...] Estamos sempre em processo de formação cultural.” (Hall, 2003, p. 49). O autor esclarece que os elementos de formação de uma cultura como produção podem ser a música, a língua, a religião, o casamento, a gastronomia, a literatura, a dança, dentre outros.

A língua crioula, utilizada mais precisamente na pós-independência, é um dos elementos culturais primordiais de Cabo Verde, pois

A língua cabo-verdiana representa uma memória social, uma vez que é instrumento de uma cadeia de reprodução de saberes que se vão comunicando e transmitindo às novas gerações. Ela é o principal elemento identitário do cabo-verdiano e, conseqüentemente, um dos factores mais importantes da cabo-verdianidade. (MADEIRA, 2014, p.11).

Outro elemento cultural primordial da sociedade cabo-verdiana é a religião. O país é, predominantemente, católico, já que quase 90% da população identifica-se como católica, por causa da colonização portuguesa e do povoamento. Para Madeira, “a Igreja Católica assume-se como a primeira instituição de relevância no arquipélago de Cabo Verde, com uma base moral, sob a qual se estrutura a sociedade cabo-

verdiana." (MADEIRA, 2014, p.12).

É importante ressaltar que o casamento é um símbolo em uma sociedade cristã como a de Cabo Verde. Ele exerce um papel fundamental como elemento de alto valor na cultura desse país. Além disso, ele era também um grande símbolo da sociedade patriarcal e machista.

Em relação à música cabo-verdiana, como expressão cultural, ela é um dos instrumentos mais notáveis dessa sociedade insular e uma das partes mais representativas da sua identidade cultural. Os ritmos e sonoridades de Cabo Verde, especialmente a sua música tradicional, a morna, são marcantes elementos de confirmação de identidade tanto para a população que vive no arquipélago como para os que vivem mais longe.

Quanto à gastronomia de Cabo Verde, ela é repleta de pratos e bebidas típicas da região. Os pratos são feitos à base de milho, feijão, batata-doce e mandioca. Um dos pratos cabo-verdianos mais famosos é a cachupa, que é dividida entre a rica, que leva vários tipos de carnes, e a pobre, que leva apenas peixe. A bebida mais popular é o grogue.

Ao mencionar a dança típica deste país, esta corresponde aos gêneros musicais que, mesmo na sua diáspora, os cabo-verdianos dançam, como a morna, a coladeira, a funana, o batuque, o colá e o talaia-baixo, estilos comuns a todos os nativos.

No que se refere à literatura, esta constitui verdadeiro elemento da afirmação de uma elite intelectual cabo-verdiana. Segundo Maria Nazareth Fonseca e Terezinha Moreira (2007), grande parte dos críticos e historiadores afirmam que os momentos que dividem as etapas da literatura africana surgem a partir de grandes movimentos literários ou de obras que são consideradas significativas para a formação das literaturas. Uma dessas obras é a que divide o movimento literário cabo-verdiano em três grandes fases, sendo elas a Pré-claridosa, a Claridosa e a Pós-claridosa.

A fase Pré-claridosa, que abarcou o final do século XVIII, caracterizou-se, no contexto das ilhas, pela ideia difundida de venda das colônias, representando, assim, o ápice da indiferença e do abandono por parte da metrópole. Por causa da influência da cultura clássica que vinha da colônia e da condição econômica da elite de Cabo Verde, nessa fase,

a poesia que se escrevia em Cabo Verde caracteriza-se por um desprendimento quase total do ambiente, sublimando-se numa expressão poética que nada tinha em comum com a terra e o povo do arquipélago. [...] possuidores de uma cultura clássica, adquirida principalmente no Seminário de S. Nicolau, os poetas da geração em referência esqueceram-se da terra e do povo.(FONSECA; MOREIRA, 2007, p.17).

A fase Claridosa, que faz referência à *Revista Claridade*, publicada em 1936, abrange o início da década de 1930. Em seu contexto sociocultural, esta fase é marcada pelo declínio do Porto Grande do Mindelo, na ilha de São Vicente, na sequência da crise mundial e da instauração do Estado Novo em Portugal. Tal evento torna-se decisivo para a construção da identidade cabo-verdiana, uma vez que o Porto Grande não foi apenas um ponto de escala, de reabastecimento, de mercado do carvão, mas um ponto de troca cultural. Isso, porque ocorreu uma miscigenação por ali. Na fase Claridosa,

os poetas [...] eram homens comuns que caminhavam de mãos dadas com o povo e tinham os pés fincados na terra. Cabo Verde passou a ser o espaço e o ambiente onde as árvores morrem de sede, os homens, de fome, e a esperança nunca morre. [...] A voz do poeta, agora, é a voz da própria terra, do próprio povo, da própria realidade cabo-verdiana. (FONSECA; MOREIRA, 2007, p.18).

A Pós-Claridosa, que se iniciou no ano de 1960 e está presente até os dias de hoje, abrange o surgimento do Partido Africano Independente da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) aliado à crise do governo de Salazar, em Portugal, no final da década de 1950. Aqui, ao contrário dos poetas da fase Claridosa,

a nova poesia é uma expressão artística cuja formulação sugere e reflete a dinâmica do real e nela intervém. A grande diferença, no entanto, reside no fato de que esse autor, para além de criar uma nova dinâmica das relações entre o sujeito e o objeto poético, coloca toda a problemática da identidade cabo-verdiana num contexto mais vasto, que é o da identidade da África.” (FONSECA; MOREIRA, 2007, p.22).

A escritora Orlanda Amarílis foi o primeiro nome feminino da literatura cabo-verdiana a alcançar fama internacional, encenando o cotidiano das mulheres não apenas nas ilhas de Cabo Verde. A autora apresenta, também, a vida daquelas mulheres que migram a outros lugares ou ilhas, devido às adversidades impostas pela natureza, assim como aos países de chegada, que as colocam na condição de uma

eterna diáspora. Amarílis veio de um movimento literário em Cabo Verde na década de 1940, cujo veículo de comunicação era a revista *Certeza*. O objetivo desse movimento era a discussão sobre a literatura cabo-verdiana e sua legitimidade representativa, além de fazer denúncias a respeito da injustiça social no país.

A literatura de Orlanda Amarílis concentra-se nas mulheres cabo-verdianas da diáspora, mas as que permanecem na ilha também recebem atenção especial da escritora. Assim, a autora, em uma perspectiva que identificamos como bastante feminista, aborda a resistência das mulheres crioulas dentro e ao redor do arquipélago. Portanto, Amarílis propõe uma forma de ver as questões do exílio, da diáspora e da insularidade próprios do povo cabo verdiano, recorrendo à tradição africana, suas crenças religiosas e a língua, já que há uma divisão entre a língua portuguesa e o crioulo cabo-verdiano, como forma de expressão literal de sua identidade.

### 3 PERSONAGENS EM DESLOCAMENTO

#### 3.1 A encenação do deslocamento na escrita amariliana

No conto “Thonon-Le-Bains” (1983), dois personagens meio-irmãos, Gabriel e Piedade, são forçados a migrar para uma cidade da França que possui o mesmo nome com o qual o conto foi intitulado, devido às péssimas condições de vida de sua família. O irmão mais velho, Gabriel, vai antes de sua irmã para conseguir um emprego e garantir o sustento deles, arrumando um subemprego e vivendo em condições precárias. Porém, em suas cartas, diz que o lugar é ótimo para se viver. Assim, sua mãe, Nh’Ana, decide mandar Piedade para a cidade francesa, para que ela tivesse a chance de conseguir um emprego e ajudar no sustento da família, que continuava em Cabo Verde.

É estimulante reparar como, ao longo do conto, Amarílis justapõe a vida dos irmãos na França à vida da mãe e da família em Cabo Verde, expondo as diferenças culturais entre o Norte e o Sul. Ao longo da história, podemos perceber, por meio da voz narrativa, como Nh’Ana vivia cada dia com a esperança de que seus filhos a buscassem para, todos juntos, viverem uma vida melhor na Europa.

Ao saber que Piedade está namorando um cidadão francês, Nh’Ana acredita que sua filha casar-se-á bem, já que o namorado tem uma boa condição financeira e poderá dar a ela uma vida mais tranquila, o que aumenta ainda mais a sua esperança de ir encontrar os filhos na França. No entanto, sua filha Piedade sofre feminicídio, sendo cruelmente assassinada por seu namorado francês, Jean. O estrangeiro mata Piedade a sangue frio, já que a via como seu objeto de posse. A autora expõe, a partir desse desfecho, não só a xenofobia causada pelo processo migratório, mas também a violência de gênero e de raça da qual Piedade, mulher cabo-verdiana, é vítima.

Ao longo de sua escrita, Amarílis utiliza estratégias para a encenação de diversos tipos de violência contra o migrante, dedicando, portanto, uma atenção mais específica à violência praticada contra a personagem Piedade. Além disso, a autora explora a questão do exílio pelo qual as personagens passam, como os meio-irmãos que precisam viver longe de casa, de sua família, de sua cultura, e a mãe que tem que viver longe de sua família.

Em “Luna Cohen” (1983), ao contrário das personagens presentes nos outros

dois contos a serem analisados nesta dissertação, a personagem principal, Luna, é uma jovem cabo-verdiana independente, que pertence à elite local e que migra, dentro do continente africano, para estudar. Luna, diferentemente de Piedade, é uma estudante que migra para Ilê-lfé para fazer um curso de pós-graduação e se depara apenas com professores do gênero masculino.

Ela difere-se das outras personagens femininas de Amarílis, pois não demonstra subalternidade e submissão aos homens, como as personagens dos outros dois contos a serem analisadas. Além disso, Luna não possui nenhuma dificuldade financeira, justificando sua migração como resultado da busca pelo aperfeiçoamento de seu intelecto. Assim, a personagem protagonista parte em uma viagem até a Nigéria para encontrar-se com seu professor orientador, o Professor Khan. Ao longo da história, é contada toda a sua trajetória em busca de materiais para complementar a sua tese.

Nesse conto, pode-se afirmar que o tema principal discutido pela autora é a identidade nacional, uma vez que a personagem vive lembrando de sua vida em Cabo Verde ao longo da viagem e anseia pela volta à terra à qual pertence. Além disso, Luna reconhece que, apesar de ser judia e viver viajando de um lugar a outro, ela se identifica como cabo-verdiana. Isso confirma a ideia de que, mesmo longe de sua cultura, a personagem principal mantém-se ligada e em sintonia com ela mesma.

No conto “Canal Gelado” (1983), narrado tanto em primeira como em terceira pessoa, Amarílis encena as mudanças que a cidade de Mindelo, em Cabo Verde, sofreu após a independência das colônias portuguesas da África. Essas mudanças podem ser percebidas, quando a narradora ilustra como o Canal Gelado fora coberto por casas e os nomes das ruas foram mudados no processo de reorganização social e política do país.

Essas mudanças são encenadas, especialmente, por meio das idas e vindas da menina Mandinha entre sua casa e a escola. Nesse caminho, ela depara-se com personagens, como Nha Quinha, uma mãe viúva, que se dividia entre a venda de cimbrão e tamarindo, os afazeres domésticos e os cuidados com o seu filho Lela, que sofria por ter pegado tuberculose. Além disso, Mandinha sempre visita a casa de Nha Quinha em busca de cimbrão e de se atualizar sobre a situação de Lela.

Percebe-se, ainda, no conto, um diálogo de duas amigas, a narradora e a personagem Ludja, que descrevem o cotidiano das pessoas, em especial das

mulheres, que habitavam a região denominada “Canal Gelado”. Por meio do diálogo entre essas duas amigas, a autora recupera o olhar de alguém que está distante, em tempo e espaço, isto é, que está fora daquela região, na diáspora. A partir dessa “mistura” de vozes, percebe-se, também, que Amarílis faz uma denúncia social, como a miséria, as casas pequenas onde os moradores da região viviam e o racismo. Há também, nesse conto, um deslocamento entre camadas sociais, por meio de uma narradora-personagem.

Dessa forma, podemos perceber que este é um conto de memórias, que recupera traços do passado e da vivência cabo-verdiana, talvez de Mandinha, ou até mesmo, da própria autora.

### **3.2 Personagens do entre-lugar nos contos de *Ilhéu dos Pássaros***

Nos três contos que estamos analisando, observamos o tratamento específico que Amarílis atribui à cultura e à sociedade cabo-verdianas na coletânea *Ilhéu dos Pássaros* (1983). A coletânea destaca-se por uma intensa crítica social, feita por meio de um tratamento singular dos temas da memória e da identidade.

No conto “Thonon-le-Bains”, Nh’Ana esperava ansiosamente pelo dia em que Gabriel cumpriria sua palavra de honra e enviaria uma carta chamando a meia-irmã Piedade para ir morar na França com ele, como podemos perceber pelo seguinte excerto: “Gabriel não faltava à palavra. Gabriel enteadado de nh’Ana prometera levar a sua meia-irmã para França e não se esquecera.” (AMARILIS, 1983, p. 1). Para a personagem, o lugar representado nas cartas de seu enteado traria novas oportunidades não só para a filha, mas para ela e seus outros filhos também, que teriam a chance de sair da situação de pobreza na qual se encontravam na Ilha de São Vicente. Tal ponto pode ser percebido na fala da personagem ao se despedir da comadre:

"Sabe, comadre, a vida aqui já não podia continuar como era. Sete anos sem chuva é muito. Eu não tenho nem uma migalha de reforma de Deus-Haja. Nós vivemos da renda dos bocadinhos de terra e de mais alguma coisinha [...]". "Sabe, comadre, se nha fidja me mandar algum dinheirinho, posso começar um negócio de comidas, assim uma caldeira de catchupa com mandioca e toucinho para vender à boca-da-noite, um groguínho ou um pontche para emborcar em cima, e pronto." (AMARILIS, 1983, p. 2)

Ao observarmos a forma como ele descreve a vida na França pelas cartas que envia à mãe, podemos perceber que a personagem de Gabriel encontra-se preso num entre-lugar, já que não pertence nem a Cabo Verde nem à França. Apesar de sua terra natal oferecer um acolhimento familiar, ao escrever as cartas, ele constrói um “cenário” extremamente positivo, por meio do qual tranquiliza a mãe, garantindo-lhe que tudo está bem no país estrangeiro apenas para que ela mantenha a calma, na tentativa de mascarar as condições precárias em que vive. Podemos perceber isso, a seguir. por exemplo, no momento em que conta à mãe sobre o tempo frio na cidade de Thonon-le-Bains, mas logo apresenta soluções para acalmar o coração de Nh’Ana.:

**“Não fiques apoquentada com esta conversa sobre o frio de Thonon,** mamãe, porque mana também faz limpeza no hotel de manhãzinha muito cedo e **o patrão deixa-nos dormir no caveau da escada** no corredor onde tem um calorzinho sabe dia e noite.” (AMARILIS,1983, p. 4).

Essa contraposição na descrição das características da cidade francesa pode ser vista como uma forma que a narradora elege para mostrar que Gabriel encontra-se em um não-lugar. Apesar de morar há tanto tempo naquele espaço, ele não se instala, de fato, nele, já que dormir de favor no *caveau* da escada para se aquecer significa ocupar apenas provisória e precariamente um espaço que não lhe é destinado. No entanto, Gabriel também não pode voltar para casa, pois as condições lá, em sua terra natal, também não são boas.

Com relação à personagem de Piedade, é notável que, assim como Gabriel, ela vive no entre-lugar, já que o espaço no qual se encontra não se encaixa com seus costumes e valores. Por isso, a personagem, como seu próprio nome já diz, parece pedir misericórdia, compaixão pela situação em que vive ao se mudar para a França. Apesar de ser noiva de um francês, Piedade não sente amor por ele. No entanto, a situação do suposto compromisso a faz se sentir um pouco mais confortável, talvez por enxergar nele um bom futuro para ela, como se pode observar abaixo.

“Não parecia muito entusiasmada com a perspectiva do casamento, mas continuava a dizer bem do noivo, era seu amigo dava-lhe muitos presentes, já a tinha levado duas vezes à Suíça, era muito perto de *Thonon*, só atravessar a fronteira e pronto.” (AMARILIS,1983, p. 5).

Ao contrário de Gabriel, Piedade parece dar mais sinais da falta que sentia do seu espaço nacional, da terra natal, de onde nasceu e cresceu, na qual havia costumes, rostos e lugares conhecidos e familiares para ela. Podemos perceber esse sentimento quando a personagem contrasta a diferença que existia entre si e o noivo:

Jean era bom, era seu amigo, mas começou a pensar na sua idade e na dele, começou a pensar na seriedade do Jean, na sua maneira de tratar tudo tão a sério. Deitava contas à vida, calculava todos os francos para isto e para aquilo e ela começou a perder a paciência para aquelas conversas. Um bocado alevantada, esboada mesmo, queria brincar, rir, fumar o seu cigarrinho e ei-la agoniada com as conversas de gente-velha do Jean. (AMARILIS, 1983, p. 5).

Podemos perceber que Piedade sentia muita falta de sua terra, mas também queria uma oportunidade de melhorar de vida. No entanto, a personagem de Amarílis perdeu sua chance de voltar para seu espaço nacional devido à sua trágica e violenta morte, acontecimento que motivou o retorno de seu meio-irmão à Cabo Verde.

Ao final da narrativa, enquanto a volta para casa é descrita, podemos perceber, mais uma vez, o exílio e a presença do entre-lugar, quando Gabriel encontra paz de espírito ao examinar de longe a cidade na qual cresceu e da qual partiu, mas sem estar de volta ao território europeu:

“Logo à tarde iria até ao Step. Dali avistaria o ilhéu, ia-se sentir mais calmo. Espraiar o olhar até ao ilhéu dos Pássaros, isolado a pouco mais de umas centenas de metros da praia, ia dar-lhe a tranquilidade de espírito tão precisada agora. (AMARILIS, 1983, p. 8).

A ideia de exílio existiu desde sempre. Pessoas vivem migrando, deslocando-se de seus países de origem. O exílio é um emblema da condição humana, um problema de muitas facetas. Sendo assim, de acordo com Montañés, “a experiência do exílio está presente na literatura de todos os tempos.” (MONTAÑÉS, 2006, p. 9). A literatura, muitas vezes, encena o exílio e como os imigrantes lidam com isso.

Nesse sentido, para o autor Alexis Nouss, os migrantes vivenciam uma experiência exílica. Por isso, ele criou o termo “exiliência”, que define como:

Núcleo existencial comum a todas as experiências de sujeitos migrantes, quaisquer que sejam as épocas, as culturas e as circunstâncias que as

acolhem ou que as provocam, a **exiliência** declina-se em condição e consciência, podendo inclusive acontecer que as duas, em graus distintos, não coincidam: pode alguém sentir-se em exílio sem ser concretamente um exilado (consciência sem condição), como pode alguém ser um exilado em concreto, sem contudo sentir-se em exílio (condição sem consciência). (NOUSS, 2016, p. 53, grifo meu).

No conto “Luna Cohen” (1983), também presente na obra *Ilheu dos Pássaros*, Amarílis traz outra perspectiva, pois a personagem principal, Luna Cohen, é uma jovem da elite cabo-verdiana que se desloca do país em busca de conhecimento científico-acadêmico, ou seja, ela migra da Ilha de Cabo Verde para estudar.

Ao contrário de Piedade, Luna não precisa se mudar da Ilha em busca de melhores condições de vida. Observa-se também que ela desloca-se dentro do próprio continente africano, já que vai para Ífe-Ile estudar na Nigéria e não para o continente europeu, como Piedade o fez.

Luna Cohen é uma personagem construída por Amarílis de forma diferenciada da de Piedade, pois é uma mulher cabo-verdiana independente, com doutorado, cidadã do mundo. Isso se dá pelo fato de Piedade ter sido exilada para desempenhar um papel subalterno na França. Ao contrário disso, Luna Cohen encena seu papel de mulher que não se subordina a nenhum homem, mesmo sendo orientada apenas por professores do gênero masculino na Nigéria, como o professor Kahn.

Outro fator primordial para salientar é que Luna não viajou para Nigéria por sua questão financeira, como foi o caso de Piedade. Ela estava em busca de seu aperfeiçoamento acadêmico, sua condição de emigrada era diferenciada da personagem de “Thonon-Le-Bains”.

Apesar de apresentar condições distintas, ela também se encaixa nessa condição do entre-lugar. Isso, porque, para prosseguir com seus estudos, Luna passou por vários locais, como Roma, Milão e Cairo (AMARÍLIS, 1983, p.51-52). Esse constante contato com outras culturas e costumes acaba por interferir na sua construção identitária e, às vezes, limita-a na condição de observadora. Tal posição pode ser exemplificada pelo seguinte trecho:

Desviou a sua atenção para um grupo familiar de quatro pessoas, vieram em dois carros com chofer, o chefe do clã no primeiro, seguido da mulher e da filha no seguinte. O velho chefe, homem de meia idade, vestes brancas, aproximou-se do anfitrião, dobrou os joelhos no no mosaico cinzento e vergou-se até tocar com a testa no chão. Levantou-se e aproximou-se então dos demais. (AMARÍLIS, 1983, p.56).

Assim, ela prossegue em sua análise de todo o ritual que se passava logo à sua frente por mais um tempo. No entanto, a forma como a narrativa é construída ali se assemelha à estrutura de um estudo de caso, expondo a posição de observadora que Luna possui, mesmo após não ter lhe custado “adaptar-se à vida tranquila de Ifê.” (AMARÍLIS, 1983, p.55).

As narrativas analisadas neste trabalho encenam bem o ser em condição exílica. Tanto Gabriel quanto Piedade, personagens na narrativa “Thonon-Le-Bains”, são seres exilados, nos quais a condição social e consciência de classe, raça e gênero coincidem. De certa forma, Luna também se apresenta como consciente das implicações de gênero com que se depara em seu exílio e, ainda, quando, mesmo transitando livre e independentemente entre os espaços africanos representados por Cabo Verde e Nigéria, identifica-se como judia e cabo-verdiana, o que mostra como a vinculação a culturas distintas também a coloca na condição de entre-lugar, determinando sua forma de estar nos espaços.

É pertinente refletir sobre as personagens da literatura cabo-verdiana amariliana, como Piedade, Gabriel e Luna, uma vez que precisamos salientar as condições de subjugação, opressão, violência e subalternidade a que foram sujeitadas nessas narrativas em seus processos migratórios.

Em “Canal Gelado” (1983), mais um dos contos presentes na coletânea de Amarílis, ao contrário do que é colocado em “Luna Cohen” (1983), mas próximo ao que é trazido em “Thonon-les-Bains”, a autora discute questões, como a miséria e as condições de vida precárias das pessoas que habitavam a região do Canal Gelado, ou seja, o modo de viver de indivíduos que estão dentro do próprio país.

Na narrativa, percebe-se, inicialmente, a presença da oralidade e a mudança entre dois focos narrativos, um no tempo presente, expondo um narrador feminino que conta sobre as alterações sofridas no Canal, e um no tempo passado, que mostra o cotidiano naquele espaço.

O primeiro propõe um diálogo entre a narradora e a personagem Ludja, que traz notícias de Cabo Verde, demonstrando o sentimento de pertencimento e de nostalgia que as pessoas que partem sentem, mesmo depois de deixarem a sua terra natal.

No segundo foco proposto, Amarílis expõe as memórias da condição de miséria

em que os trabalhadores da companhia de carvão e os moradores da região do Canal Gelado viviam e da conseqüente carência que tinham. Para isso, a autora faz um paralelo entre espaços e vivências, como acontece com a figura de Nha Quinha, moradora do Canal, que se dividia entre os afazeres domésticos, a venda de Cimbrão e Tamarindo e os cuidados com seu filho, em contraste à figura da mãe de Mandinha, toda “mansa, o falar, o andar, os gestos”. (AMARÍLIS, 1983, p. 74).

Outro ponto relevante a ser trazido nesta seção é a visão da Menininha, fazendo uma distinção bem demarcada entre as pessoas que habitavam a região do Canal Gelado e aquelas que moravam na parte mais distante daquela região: “A casa do Padre Inglês, a de D. Chinchinha, a do Dr. Roque, e ainda outras ao longo da rua como a da D. Marta, o escritório da Wilson & Company, etc., etc., eram a reserva de gente-branco.” (AMARÍLIS, 1983, p. 71).

A condição de entre-lugar de Mandinha é mais uma vez exposta quando, ao longo de toda narrativa, as pessoas que habitam aquela região são descritas como “gente descalça”, apontando sua visão discriminatória em relação aos costumes de sua terra natal, apesar de ainda viver nela.

Tal crítica social não é apresentada apenas na contraposição de personagens, mas pode ser notada, também, na oposição de espaços construídos na narrativa e nas características atribuídas a esses. No entanto, é necessário considerar, assim como fizemos com Piedade, Gabriel e Luna, a construção das personagens dentro da escrita amariliana. Isso, porque essas personagens expressam a identidade da nação cabo-verdiana e os problemas que a cercam.

### **3.3 A identidade cabo-verdiana na escrita de Amarílis**

É substancial considerar o processo de construção da identidade cabo-verdiana na escrita de Amarílis. Para isso, é preciso, em um primeiro momento, compreender a ideia de identidade em sentido processual, assim como afirma Stuart Hall (2006) quando nos explica que

em vez de pensarmos na identidade como um facto, que encontra representação *a posteriori* em práticas culturais novas, talvez devamos pensar na identidade como uma “produção”, algo que nunca está completo, que é sempre processual e sempre constituído no quadro, e não fora, da

representação. Este ponto de vista problematiza a própria autoridade e autenticidade que o termo “identidade cultural” reclama. (HALL, 2006, p. 21, grifos do autor).

Assim, a identidade não se caracteriza como algo estático ou imutável, mas como uma constante mudança, que se atualiza por meio da transformação, das experiências históricas e da diferença com o outro.

No conto “Canal Gelado” (1983), Amarílis aborda a construção da identidade cultural nacional de uma comunidade insular, que apresenta o hibridismo cultural e a constante negociação com o outro como base para esse processo. Nesse conto, a presença de elementos que remetem à memória cultural e espacial configura um fenômeno que contribui para manter a coesão social e expor a ideia de compartilhamento de valores, memórias, costumes e, assim, afirmar uma identidade cultural cabo-verdiana pautada na mudança e na contraposição.

A narrativa é desenvolvida a partir de um diálogo entre duas amigas, em que a narradora e a personagem Ludja recuperam suas memórias de “Canal Gelado”, região na qual habitavam. No início da história, alguns dos costumes da região são colocados para iniciar o processo de divergência espacial e temporal da identidade cabo-verdiana, conforme se vê no fragmento a seguir.

Nesse tempo tudo andava descalço, gente-grande e gente-menino, e as roupas remendadas, roupa de trabalho riscavam vincos de pó de carvão da Companhia. À tardinha saíam pela banda de cima, mais ampla e arejada, iam tomar um groguinho ou comer uma gemada no botequim do Freitas. (AMARÍLIS, 1983, p. 67-68).

Logo após, no início do diálogo com sua amiga, os costumes são contrapostos entre o passado e o presente naquela mesma região, como se pode observar na seguinte passagem:

A Semana passada fui desenfadadas a Ludja. “Tem piada”, disse-me ela, “os homens da nossa terra ainda andam descalços, alguns, só aos domingos se pinocam com roupas da Holanda. Mas o Canal Gelado desapareceu.”  
 “Ah sim, como?”  
 “Sabes, aquilo era dos ingleses. Taparam as saídas daquele poço de tuberculose.” (AMARÍLIS, 1983, p. 68).

Outro ponto em que é possível perceber a representação da identidade cultural dentro do conto, retratada na conversa entre as duas amigas, é a constante

transitoriedade, ida e vinda, entre o tempo presente e o tempo passado. Ao longo do conto, é notório como a discussão da narradora e sua amiga costura-se à narrativa da história de Nha Quinha e seu filho, Lela, que sofria com tuberculose. É necessário reparar, também, a presença da doença na descrição do espaço do Canal Gelado e como ele era percebido pelos próprios moradores, que utilizavam a passagem como um atalho, em contrariedade ao que as pessoas de fora viam, como uma “passagem estreita e ressalbada de doenças, chichi e escassez de catchupa”. (AMARÍLIS, 1983, p. 67).

Podemos perceber a identidade, também, quando a narradora descreve os espaços daquela região ao longo da história, a fim de construir o cenário que representa o dia a dia e os costumes da população que ali vivia, expondo a diversidade que o caracteriza. Alguns exemplos desse movimento descritivo encontram-se no seguinte trecho: “As casas do Canal Gelado eram todas iguais. Um quarto térreo e um quintalinho. Aí cozinhavam e tomavam banho.” (AMARÍLIS, 1983, p. 68).

No entanto, tal cenário novamente é colocado em contraste com a mudança histórica, isto é, o estado atual do local de que falavam, já que a região do Canal Gelado foi totalmente destruída para a construção de novas casas, conforme se observa no diálogo entre as personagens:

Ludja dera-me mais informações. “Olha, aquele quarteirão todo foi deitado abaixo, todas as casas foram destelhadas. Se fores lá agora só vê paredes.” “Pelos vistos não será muito a diferença”, atentei eu com uma dentadinha na torrada.

Ludja cortou-me a palavra. “Bem, diferença diferença, há muitas. Vai lá no tempo de calor, menina. Hás-de ver casas novas, altas, o bairro da Hojanda, o bairro.” (AMARÍLIS, 1983, p. 69).

Ademais, é possível ver a construção dessa identidade, mais uma vez, na contraposição entre seus habitantes. É o que se vê, por exemplo, na diferença entre a liberdade com que o Padre Inglês ocupa o espaço, já que costumava “tomar banhos de sol, nu em pelota” (AMARÍLIS, 1983, p. 70) em seu quintal, e a total reclusão em que vivia Lela, filho de Nha Quinha, que passava pelo sofrimento de estar tuberculoso e acabar falecendo da doença.

Essa dicotomia traz um tom de denúncia sobre a condição de colonizador e colonizado, colocando em evidência falta de liberdade do colonizado, mesmo em sua própria terra natal, em comparação ao colonizador, que vive em uma terra estrangeira.

A partir disso, é possível perceber a construção de uma ideia de inferioridade de um em relação ao outro, recuperando e expondo, assim, as consequências da europeização.

A descrição assume um papel determinante para a concepção das diferenças que caracterizam as personagens, uma vez que a narrativa apresenta os objetos que estão dentro da casa de Nha Quinha: “um ou dois catres, uma mesa encostada à parede, um banco ou dois, um pote de água ao canto tapado com um prato de esmalte e uma caneca de riba.” (AMARÍLIS, 1983, p. 71).

É significativo recuperar a ideia da presença de movimentos sociais que buscam pelas “histórias ocultas” aquilo que não é mostrado ou discutido, representando o caráter de uma produção constante da identidade, já que, segundo Hall,

as "histórias ocultas" desempenharam um papel fundamental na emergência de muitos dos mais importantes movimentos sociais dos nossos tempos - nas correntes feministas, anticoloniais e anti-racistas. A obra fotográfica de toda uma geração de artistas jamaicanos e rastafarianos, bem como a de um artista visual como Armet Francis (um fotógrafo natural da Jamaica que vive em Inglaterra desde os oito anos), testemunham o ininterrupto poder criativo desta concepção de identidade adentro das práticas emergentes de representação. (HALL, 1996, p. 23, grifos do autor).

Ao considerarmos essa discussão, juntamente à concepção da identidade pautada na diferença, é possível notar a construção desse movimento no conto “Luna Cohen” (1983). Apesar de ter saído do país por vontade própria, ao longo da história, a personagem principal, que leva o mesmo nome do conto, mostra-se saudosa em relação à terra à qual pertence. Assim, a discussão acerca da presença da identidade nacional torna-se um dos principais temas trazidos no conto, já que a personagem vive lembrando da sua vida em Cabo Verde durante sua estadia em Ile-Ife, reconhecendo-se como cabo-verdiana.

Inicialmente, cabe destacar as afirmações que, mesmo vivendo em uma constante diáspora, a própria personagem faz, confirmando a sua identidade cabo-verdiana, como se vê nas passagens abaixo.

“Judia sim, mas a sua pátria era onde nasceram os avós, os pais, ela própria, onde vivera, estudara e passara a juventude.” (AMARÍLIS, 1983, p. 55).

“Você sabe, eu também sou judia, no entanto, mentalmente cabo-verdiana”

(AMARÍLIS, 1983, p. 57).

Tal atitude encontra ressonância no pensamento de Hall, que diz:

Não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional. (HALL, 2006, p. 59).

Podemos notar, também, como a personagem recupera a sua ligação com a sua nação por meio da memória e de sabores que lembram a sua terra, como o hábito de comer goiabas maduras e fazer goiabadas, demonstrado no trecho a seguir.

Goiabas perdiam-se na berma da estrada. “Não gosta de goiabas, Dr. Odgi? São tão boas!”  
Dr. Odgi tinha os olhos grandes, pareciam duas amêndoas. Sorriu. “Não comemos disso.”  
“O quê?” Luna admirou-se. “Não comem goiabas? Em Cabo Verde fazemos goiabada e comemos goiabas maduras. É tão bom!” (AMARÍLIS, 1983, p. 62).

É interessante, ainda, frisar como essa identidade cabo-verdiana mostra-se constante na própria fala de Luna, uma vez que ela traz um tom nostálgico de admiração e saudade das tradições de Cabo Verde ao observar os costumes do país em que estava no momento. Acreditamos que isso aconteça, porque, segundo Hall, a identidade forma-se a partir de “uma falta de inteireza que é preenchida a partir de nosso exterior”. (HALL, 2006, p. 39).

Essa ligação com sua terra e a saudade de sua cultura e costumes podem ser percebidas, mais uma vez, no momento em que o Professor de Luna decide adiar o trabalho para o próximo semestre. Diante de tal situação, a personagem mostra-se aliviada e não hesita ao decidir voltar a Cabo Verde durante esse período de “descanso”: “Ficou aliviada. E se eu fosse assistir às festas de aniversário da independência de Cabo Verde? Pensou.” (AMARÍLIS, 1983, p. 61).

Mais um exemplo do tratamento específico que Amarílis atribui à cultura e à sociedade cabo-verdiana pode ser visto no conto “Thonon-Le-Bains” (1983), no qual se verifica uma intensa crítica social, além de um tratamento singular para os temas da memória e da identidade cultural. Sob o ponto de vista de uma narradora onisciente, que nos conta a história de Nh’Ana, mãe de Piedade e madrasta de Gabriel, a trama apresenta uma constante dualidade, mostrando a vida dos que

migraram, Gabriel e Piedade, e a de quem ficou em Cabo Verde a espera de notícias, Nh'Ana: "Piedade procurava sossegar a mãe, estivesse descansada porque aqui na França não é preciso coser enxoval. A gente vai nos magasins e compra tudo roupa de casa, roupa-de-baixo, tudo-enquanto." (AMARÍLIS, 1983, p. 4).

Nesse conto, é possível perceber a diáspora como parte da identidade cabo-verdiana, expondo a necessidade de migrar em busca de melhores condições de vida. Isso pode ser visto na ida de Gabriel e Piedade à França em busca de novas oportunidades para garantir o sustento da família e na crença de uma imigração progressiva de toda a família, por parte de Nh'Ana:

Gabriel enteado de nh'Ana prometera levar a sua meia-irmã para França e não se esquecera. (...) "Mas, comadre Ana, bocê não tem medo de mandar a sua filha assim sozinha para tão longe?" "Como comadre, medo de quê? Medo de nada. Gabriel explicou tudo muito bem explicado. **Piedade vai agora, depois, daqui a uns dois anos vai o Juquinha, depois Maria Antonieta e depois vou eu mais o Chiquinho**". (AMARÍLIS, 1983, p. 13, grifo meu).

Além disso, notamos essa necessidade na espera ansiosa pelo dia em que Gabriel enviaria uma carta chamando a meia-irmã, Piedade, para ir morar na França com ele. Isso, porque o lugar que o enteado apresentava em suas cartas parecia retratar um lugar melhor para se viver, com mais oportunidades tanto de emprego quanto de moradia para toda a família. Essa espera, ou esperança, pode ser percebida na descrença da melhora de sua situação atual na Ilha de São Vicente, exposta no seguinte trecho:

"Sabe, comadre, a vida aqui já não podia continuar como era. Sete anos sem chuva é muito. Eu não tenho nem uma migalha de reforma de Deus-Haja. Nós vivemos da renda dos bocadinhos de terra e de mais alguma coisinha [...]" (AMARILIS, 1983, p. 2).

Ademais, o deslocamento do enteado e da filha constituíam a esperança de Nh'Ana de poder construir seu pequeno negócio em Cabo Verde com o dinheiro enviado pelos dois, como vemos no trecho abaixo.

"Sabe, comadre, se nha fidja me mandar algum dinheirinho, posso começar um negócio de comidas, assim uma caldeira de catchupa com mandioca e toucinho para vender à boca-da-noite, um groguinho ou um pontche para emborcar em cima, e pronto. [...]" (AMARÍLIS, 1983, p2).

No entanto, ao longo da história, vemos que a situação dos irmãos imigrantes na França não é tão diferente das condições de vida que tinham em sua terra natal. Outro momento da narrativa que explicita a construção dessa identidade cabo-verdiana é a diferença cultural apresentada pela narradora entre Piedade e seu namorado francês, Jean. Apesar de estar sempre se encontrando com ele, é notável que ela prefere manter a sua percepção e modo de vida cabo-verdiano, aumentando ainda mais a diferença cultural entre os dois, como se observa em uma passagem da narrativa que já citamos anteriormente, na qual a personagem reflete sobre as diferenças de pensamento e de comportamento dela e do noivo, ou seja, o modo como ambos encaram a vida. (AMARILIS, 1983, p. 5).

Ao longo do conto, percebe-se que não só Piedade, mas todos os cabo-verdianos que decidem deixar o país não renunciam às suas raízes, não deixam de lado aquilo que faz parte da sua identidade nacional, como as festas, as danças e a comida. Assim como é colocado na narrativa, eles mantêm seus “requebros” (AMARÍLIS, 1983, p. 5), “dengosices” (AMARÍLIS, 1983, p. 5), “floreios de tango e de rumba negra” (AMARÍLIS, 1983, p. 5).

Esse jeito de ser pode ser exemplificado pelo trecho que mostra a festa dada no dia do aniversário de Gabriel, na qual percebemos a intensidade dos costumes cabo-verdianos em vários aspectos, como a dança e a comida:

**No dia dos anos de Gabriel resolveram fazer uma festa** em casa dos dois amigos, aqueles tchês de Santanton espavoneados com o gira discos novo. Convidaram os amigos do Gabriel, veio uma cunhada de Mochinho casada de pouco tempo com um da Suíça, um moço de vinte e quatro anos, trabalhador numa herdade e ainda duas sampadjudas empregadas também num bar da Suíça[...] **Não se sabem onde descobriram bananas verdes, mas houve caldo de peixe com batata doce e banana verde reforçado com malagueta.** Jean sentia-se desconfortado, nada habituado ao sabor forte a alho e cebola. [...] Mochinho empurrou a cama para a parede. Trouxe o pick- up e colocou-o sobre a mesa de cabeceira. “Vamos fazer uma picapada?” [...] Entremearam música americana com sambinhas e coladeiras. Foi um rodopio sem parar. Quando deu para descansar o moço badio sentou-se na cama pôs um travesseiro entre as pernas e **começou com as mão em batidelas sacas e ocas a fazer a toada da tchabeta**[...] **Piedade, numa euforia nunca vista, agarrou uma toalha de rosto, atou-a abaixo da cintura e rebolou as ancas. “oi povo, vamos dar com o torno”, gemia ela. “Oh, nha gente, nô dá com a cadeira!”.** (AMARÍLIS, 1983, p. 5-6, grifos meus).

Assim, a comemoração realizada entre esses imigrantes pode ser encarada

como uma forma de reafirmação identitária de um grupo que se vê longe da sua terra. Isto é, um grupo que vive na diáspora, mas que não se desfaz da sua cultura, nem deixa que ela se perca.

Pela análise desses três contos, é possível perceber, na escrita de Amarílis, um tratamento especial com relação à identidade cabo-verdiana. Tal aspecto resulta de sua posição de intelectual da diáspora, a qual lhe garante um olhar observador, de fora, mas, ao mesmo tempo, compreensivo acerca da identidade do povo de Cabo Verde.

## 4 DIÁSPORA E EXÍLIO NA ESCRITA AMARILIANA

### 4.1 A diáspora e o espaço na literatura

Assim como discutimos no segundo capítulo deste estudo, Amarílis viveu a maior parte de sua vida em constante deslocamento e isso, de alguma forma, é refletido em suas obras. A experiência de personagens cabo-verdianos que vivenciam os processos da migração e que experimentam os sentimentos conflituosos causados por esse movimento está presente como uma das principais temáticas em diferentes contos da autora. Dessa forma, é possível dizer que vários de seus contos podem ser vistos e analisados a partir da perspectiva da diáspora, já que trazem em sua construção o deslocamento contemporâneo.

Mas, para compreender melhor o motivo pelo qual a escrita de Amarílis encaixa-se nessa perspectiva, é preciso, primeiramente, recuperar o conceito de diáspora e alguns outros elementos que contribuem para a construção dessa ideia, como o deslocamento e o espaço. Aqui, iniciaremos a discussão a partir do conceito de diáspora. Sendo esta compreendida como a condição de desagregação ou êxodo dos indivíduos que precisam deixar a sua terra natal, seja em busca de sustento, seja em busca de maior conhecimento.

De acordo com Avtar Brah (1996), existem diversas motivações para esse êxodo: desigualdades econômicas, mobilidade crescente do capital, desejo das pessoas de busca por melhores oportunidades de vida, conflitos políticos, guerras e fome são alguns dos fatores que mais contribuem para esse movimento de saída da terra natal, como se pode observar a seguir.

As pessoas em movimento podem ser trabalhadores migrantes (tanto “documentados” como “não documentados”), especialistas altamente qualificados, empresários, estudantes, refugiados e pessoas em busca de asilo, ou membros da família de antigos migrantes. [...] essas novas migrações colocam essa construção em questão de forma ainda mais séria, à medida que os eventos globais tornam cada vez mais insustentáveis as distinções, como aquelas mantidas entre os chamados refugiados “políticos” e “econômicos”. (BRAH, 1996, p. 179, tradução minha, grifos da autora)<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> People on the move may be labour migrants (both ‘documented’ and ‘undocumented’), highly-qualified specialists, entrepreneurs, students, refugees and asylum seekers, or the household members of previous migrants. [...] these new migrations call this construct even more seriously into question, as global events increasingly render untenable such distinctions as those held between the so called ‘political’ and ‘economic’ refugees.

No caso de Cabo Verde, por ser um país insular, um dos principais fatores que contribuíram para o movimento migratório foram as complicações socioeconômicas de grande parte da população. Por falta de condições de trabalho e qualidade de vida adequadas, muitos cabo-verdianos foram forçados a migrar para fora da sua nação em busca de melhores condições de vida. O retrato dessas pessoas pode ser visto nas personagens que Amarílis descreve em seus contos, como Piedade e Gabriel, de “Thonon-les-Bains”.

Além disso, é indispensável ressaltar que, como Brah (1996) apresentou, existem outras motivações para a migração, como é o caso da personagem principal Luna, do conto “Luna Cohen”, de Orlanda Amarílis, e da própria autora dos contos, que migrou para fora de sua terra natal em busca de conhecimento, partindo num movimento de diáspora intelectual. Porém, antes de entrar nessa questão, é necessário discutir um pouco mais sobre a ideia da diáspora como um todo e as implicações que ela traz para os indivíduos que se encontram nessa condição.

Para tal, Brah (1996) apresenta o conceito da diáspora ligado à ideia de ‘casa’ ou ‘lar’, mas não necessariamente vinculado à ideia de um território físico. Segundo a socióloga,

[...] o conceito de diáspora oferece uma crítica dos discursos sobre origens fixas, ao mesmo tempo em que leva em conta um desejo de retorno que não é a mesma coisa que o desejo de uma ‘pátria’. Esta distinção é essencialmente importante, até porque nem todas as diásporas sustentam uma ideologia de “retorno”. Ao examinar o subtexto de “casa” que o conceito de diáspora incorpora, eu analiso a problemática da posição do sujeito “indígena” e sua precária relação com os discursos “nativistas”. (BRAH, 1996, p.180, tradução minha, grifos da autora)<sup>6</sup>.

Ademais, a socióloga apresenta a categoria do espaço da diáspora, que é construída a partir não só dos que migraram e seus descendentes, mas também por aqueles que são denominados como ‘nativos’. Assim, ao abordar a diáspora como um todo, é pertinente considerarmos não só aqueles que deixam a sua terra natal, mas também aqueles que continuam nela, observando a relação que é construída entre

---

<sup>6</sup> [...] the concept of diaspora offers a critique of discourses of fixed origins, while taking account of a homing desire which is not the same thing as desire for a ‘homeland’. This distinction is important, not least because not all diasporas sustain an ideology of ‘return’. In examining the subtext of ‘home’ which the concept of diaspora embodies, I analyse the problematic of the ‘indigene’ subject position and its precarious relationship to ‘nativist’ discourses.

eles e como ela dá-se.

Quando pensamos em diáspora, não podemos nos ater apenas ao processo de deslocamento realizado pelos indivíduos, mas a esse processo somado ao estabelecimento de raízes em outro lugar longe de 'casa'. Para isso, é preciso compreender as circunstâncias que motivaram a migração, assim como a chegada a outro território e o estabelecimento dessa população. Essas especificidades culturais, econômicas e políticas contribuem para a construção da ideia variável de comunidade diaspórica. Isso, porque ela configura-se nas histórias que são contadas individual ou coletivamente na vida cotidiana. (BRAH, 1996).

Dessa forma, é possível perceber a relação intrínseca entre a diáspora e a identidade, uma vez que ela também se configura como plural e em constante processo de transformação, a depender de diversos fatores, como cultura, história, economia, entre outros. Brah diz ainda que

O conceito de diáspora surge, então, como um conjunto de tecnologias investigativas que historicizam trajetórias de diferentes diásporas, mapeiam sua relacionalidade e interrogam, por exemplo, o que significa a busca de origens na história de uma determinada diáspora; [...] (BRAH, 1996, p. 197, tradução minha, grifos da autora)<sup>7</sup>.

Da mesma maneira, Stuart Hall defende que o “conceito fechado de diáspora se apoia sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um “Outro” e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora” (HALL, 2003, p. 33, grifos do autor). Ao discutir a diáspora, o teórico recupera a noção de uma identidade cultural híbrida gerada a partir do deslocamento dos indivíduos e de seu contato com o “outro”, com o diferente de si, formando uma nova necessidade, uma nova forma de ver o mundo e de se relacionar com a ideia de uma “terra natal”.

A partir disso, é possível conceber a diáspora como uma condição inerente às comunidades migratórias, já que elas encontram-se nesse entre-lugar cultural, identitário e, até mesmo, espacial. Aqui, ainda, é fundamental salientar a experiência de sofrimento e de exílio, que vamos discutir melhor em uma próxima seção, causados

---

<sup>7</sup> The concept of diaspora then emerges as an *ensemble of investigative technologies* that historicise trajectories of different different diasporas, map their relationality, and interrogate, for example, what the search for origins signifies in the history of a particular diaspora; [...].

pela diáspora. Isso, porque tais experiências contribuem para a construção desse indivíduo que vive longe de casa sob um poder estrangeiro.

A diáspora é um tema presente na obra de Amarílis, uma vez que ela busca retratar, em grande parte de suas histórias, as experiências das comunidades diaspóricas. Nestas, a autora recupera as lutas, a solidão, as dificuldades e as conquistas dessa população, mostrando os impactos gerados pela diáspora em suas vidas e em suas identidades.

Como apresentamos no segundo capítulo deste estudo, Orlanda Amarílis nasceu em Cabo Verde – um país já marcado pela diáspora – e viveu, durante a maior parte de sua vida, em Portugal, fato que contribui para a sua visão singular acerca do tema da migração. Seu conto “Thonon-les-bains”, objeto de análise deste trabalho, apresenta uma narrativa que mostra personagens em busca de uma nova vida, tentando encontrar um novo lugar no mundo num espaço totalmente diverso daquele de sua origem. Em “Luna Cohen”, segundo conto estudado aqui, percebe-se, na narrativa, a busca por mais conhecimento como condição para a imigração da personagem principal. No conto “Canal Gelado”, terceiro e último conto em foco neste estudo, pode-se notar o papel da experiência e da memória na compreensão da construção identitária do indivíduo.

Ademais, a autora aborda questões de identidade e pertencimento, explorando como a diáspora interfere no relacionamento de suas personagens com o mundo a sua volta, com suas culturas de origem e com a sociedade para a qual migram e onde vivem atualmente. Com sua escrita intensa e poética, Amarílis destaca a riqueza das diversas histórias de vida dos migrantes e suas diásporas, trazendo questões e temas relevantes e de grande importância para entender a sociedade atual, não apenas cabo-verdiana, mas também aquelas constituídas pelos espaços de chegada dos personagens.

Para seguirmos com a discussão acerca da diáspora e do exílio, é necessário primeiro recuperar o conceito de espaço. Isso, porque o espaço é um dos elementos essenciais para compreender a forma como Amarílis trata o exílio e a diáspora em sua obra.

Como já sabemos, o espaço é objeto de estudo de diversas áreas, como Geografia, Arte, Física, Filosofia, entre outros. No entanto, para o presente trabalho, focaremos nos estudos do espaço no âmbito literário. Com isso em mente, é

necessário apontar que o espaço, na área da Literatura, apresenta duas caracterizações principais e distintas. A primeira, levantada pelas correntes formalistas e estruturalistas, não atribui um valor “empírico” ao conceito de espaço como categoria literária, mas defende “[...] a existência de uma ‘espacialidade’ da própria linguagem.” (BRANDÃO, 2007, p. 207, grifo do autor). A segunda, abordada por correntes sociológicas ou culturalistas, trata o espaço como “conteúdo social que se projeta no texto” (BRANDÃO, 2007, p. 207). Contudo, essas não são as únicas concepções de espaço presentes no campo da Literatura.

Para facilitar o trabalho de análise, Luís Alberto Brandão sistematiza quatro principais modos de abordar o espaço na literatura, sendo estes: i) representação do espaço; ii) espaço como forma de estruturação textual; iii) espaço como focalização; e iv) espaço da linguagem. Na representação do espaço, segundo o autor, trabalha-se as características físicas atribuídas ao espaço construído, ou seja, são abordados aspectos concretos que são compreendidos como “cenário”, lugar narrativo no qual as personagens transitam e ao qual pertencem.

Com relação à concepção do espaço como forma de estruturação textual, nomeada também como estruturação espacial por Brandão (2007), observa-se a produção de um “efeito de simultaneidade”, considerando o espaço como principal e suspendendo as noções que o associam à temporalidade. Nessa perspectiva, de acordo com o autor, enquanto recupera os pensamentos de Frank e Poulet, “espaço é sinônimo de simultaneidade, e é por meio desta que se atinge a totalidade da obra”. (BRANDÃO, 2007, p.210).

No terceiro modo de abordar o espaço, temos este como o responsável pela construção do ponto de vista, da perspectiva pela qual a narrativa é construída, associando-o à “voz” do narrador:

A visão, entendida mais ou menos literalmente, mais ou menos próxima de um modelo perceptivo, é tida como uma faculdade espacial, baseada na relação entre dois planos: espaço visto, percebido, concebido, configurado; e espaço vidente, perceptório, conceitor, configurador. (BRANDÃO, 2007, p. 211).

Por último, ao abordar o espaço da linguagem, traz-se a ideia de que a linguagem verbal apresenta uma espacialidade própria, de que a palavra também é espaço. Para a defesa de tal ponto de vista, duas linhas de argumentação são trazidas

pelo autor: a primeira considera que há uma espécie de duplicidade na concepção de espaço – relacional e absoluta – e que

[...] pode ser observada no par que atribui à fala (no sentido saussuriano, ou seja, como manifestação concreta da língua) o caráter puramente diferencial, correlacional, opositivo; e à língua (como sistema geral de regras) a feição absoluta, universal e abstrata. (BRANDÃO, 2007, p. 212).

Já a segunda afirma que a linguagem é espacial, pois possui concretude, ou seja, apresenta signos que exprimem movimentos sonoros, visuais, táteis, que são perceptíveis aos sentidos humanos.

No entanto, não podemos limitar o estudo do espaço apenas aos quatro modos listados anteriormente, pois existem várias outras possibilidades, nomeadas pelo autor como expansões ou derivações destes. Por isso, o autor adverte que

deve-se ter em mente que estas não chegam a constituir modos plenamente elaborados – e, muito menos, consolidados –, seja como sistemas teóricos voltados especificamente para o texto literário, seja como conjuntos de procedimentos metodológicos que garantiriam uma aplicação imediata, capaz de gerar resultados avaliáveis com nitidez. (BRANDÃO, 2007, p. 213).

Uma das expansões discutidas pelo autor em seu artigo são as *representações heterotópicas*. Aproveitando o termo proposto por Michel Foucault, Brandão discute a que ponto os espaços extratextuais podem ser alterados ou transfigurados na “operação representativa”. Isso implica identificar em que medida a literatura consegue fazer uso da representação do espaço, considerando aspectos socioculturais e históricos. Como afirma o autor, “trata-se [...] não de um problema concernente à descrição de espaços, mas à *proposição* destes”. (BRANDÃO, 2007, p. 214, grifo do autor). Assim, as representações heterotópicas avaliam as tensões causadas por esse movimento ao longo da narrativa, levando em conta “as condições que tornam viável o poder de dadas significações espaciais”. (BRANDÃO, 2007, p. 214).

Da mesma forma, a partir da construção e produção espacial ao longo das narrativas, podemos identificar a condição do exílio presente nos contos “Thonon-le-bains”, “Canal Gelado” e “Luna Cohen”, de Orlanda Amarilis (1983), conforme pretendemos mostrar a seguir.

## 4.2 O espaço do exílio

Segundo o dicionário de português da Google, proporcionado pela Oxford Languages, a palavra exílio deriva do latim *exilium* e tem o sentido de expatriação, degredo, seja por expulsão ou por vontade própria. Ou, segundo a escritora e pintora costa-marfinense Véronique Tadjó, “o exílio começa quando você não pode mais voltar para o país que deixou para trás”. (TADJO, 2008, p. 5)<sup>8</sup>.

Historicamente, o exílio tem sido uma realidade enfrentada por muitas pessoas ao longo dos séculos e causado por diversas motivações, sejam elas perseguições políticas e fugas de regimes opressivos, países em guerra ou, até mesmo, a busca por melhores condições de vida.

Quando alguém é forçado a deixar seu país de origem e viver em um ambiente estrangeiro, enfrenta desafios e experiências que moldam sua percepção de si mesmo e de sua relação com o mundo. Essa condição de afastamento de suas origens faz com que o indivíduo passe por um processo de despersonalização. Isso, porque as interações com a nova cultura e a relação com os outros influenciam o processo de construção identitária do indivíduo.

Os exilados são confrontados com a necessidade de se adaptar a um ambiente diferente, aprender um novo idioma e se integrar socialmente. Essa interação com a cultura de acolhimento pode levar a uma mescla de elementos culturais, resultando em uma identidade híbrida que incorpora influências tanto da cultura de origem quanto da cultura de destino. No entanto, esse processo dá-se de forma sofrida e, algumas vezes, violenta: a perda do ambiente familiar, da língua materna, dos costumes e das referências culturais pode criar um sentimento de alienação e desconexão. Conforme nos explica Denise Rollemberg, a violência pode assumir a forma

[...] da dor do desenraizamento, dos que vivem divididos entre culturas e mundos diferentes, sentimento que atinge profundamente o exilado. Medo do desconhecido, incompreensão, solidão, isolamento, incertezas, violência do clima, tudo isso rompe a unidade que ele dominava [...]. Deste sentimento surge um ser de duas faces, olhando em direções opostas, desejando partir e ficar, [...] oscila, hesita e sofre.[...] Dividido entre culturas diferentes, ele torna-se um *apátrida*. (ROLLEMBERG, 1999, p. 27, grifos da autora).

---

<sup>8</sup> “Exile begins when you can no longer return to the country you left behind”. (TADJO, 2008, p. 5).

Assim, o indivíduo encontra-se em um constante entre-lugar, distante de sua terra natal, de sua cultura e seus costumes, ao mesmo tempo em que é mal acolhido pelo lugar em que se abriga.

Apesar disso, o exílio também pode ser um sinal de oportunidades e de renovação. Alguns indivíduos aproveitam-se dessa condição para se descobrirem, e para se transformarem. Segundo Rollemberg, a “distância que faz sofrer é a mesma que permite uma pausa para a reflexão e a aprendizagem” (1999, p. 34), a partir da qual se tem uma ideia mais clara sobre si mesmo e sobre aquilo pelo que se luta, assim, o exílio torna-se, para o sujeito exilado, a sua escola.

Ainda, segundo Edward Said (2003), o exílio não é apenas uma experiência geográfica, mas também uma condição psicológica e existencial. O teórico argumenta, em sua obra, que o exílio não é apenas uma consequência política ou social, mas também uma experiência pessoal que molda a identidade e o pensamento do exilado. Esse exilado vive em constante tensão entre a nostalgia pelo lar perdido e a necessidade de se adaptar ao país de chegada. Sendo assim, segundo Said,

Para a maioria dos exilados, a dificuldade não consiste só em ser forçado a viver longe de casa, mas sobretudo, e levando em conta o mundo de hoje, em ter de conviver o tempo todo com a lembrança de que ele realmente se encontra no exílio, de que sua casa não está de fato tão distante assim, e de que a circulação habitual do cotidiano da vida contemporânea o mantém num contato permanente, embora torturante e vazio, com o lugar de origem. Portanto, o exilado vive num estado intermediário, nem de todo e integrado ao novo lugar, nem totalmente liberto do antigo, cercado de envolvimento e distanciamentos pela metade; [...] (SAID, 2003, p. 56-57).

Ademais, o teórico apresenta a experiência do exílio como um estado de marginalidade, no qual o exilado encontra-se na periferia de duas culturas. Ele argumenta, ainda, que o exilado desenvolve uma perspectiva crítica e uma sensibilidade única devido a essa posição liminar. Essa perspectiva pode permitir uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais, culturais e políticas, bem como a capacidade de questionar e desafiar narrativas dominantes, o que pode contribuir para a construção de manifestações artísticas, como é o caso da literatura:

O exilado sabe que, num mundo secular e contingente, as pátrias são sempre provisórias. Fronteiras e barreiras, que nos fecham na segurança de um território familiar, também podem se tornar prisões e são, com frequência, defendidas para além da razão ou da necessidade. O exilado atravessa fronteiras, rompe barreiras do pensamento e da experiência. (SAID, 2003, p.

58).

É oportuno pontuar que, para Said, o exílio também está diretamente ligado à ideia de diáspora, uma vez que envolve comunidades dispersas pelo mundo devido a migrações forçadas ou voluntárias. Essas comunidades diaspóricas mantêm laços culturais e afetivos com sua terra natal, mesmo quando vivem em diferentes países e distantes de casa. A diáspora, aqui, pode ser vista como uma fonte de resistência, renovação cultural e solidariedade entre os exilados.

Além disso, é válido lembrar que, segundo Said (2011), as nossas ações, as nossas escolhas, tudo sofre a influência do nosso passado, e a experiência do exílio é algo que contribui para essa condição. Nesse contexto, “o exílio, a imigração e o cruzamento de fronteiras são experiências que podem, portanto, nos proporcionar novas formas narrativas ou, na expressão de John Berger, **outras maneiras de contar.**” (SAID, 2011, p. 151, grifo meu).

Assim, é preciso que nos voltemos para essas “novas narrativas”, como é o caso da representação do exílio na Literatura. A Literatura e as artes, segundo o teórico, têm um papel essencial na expressão e na compreensão do exílio. Em vista disso, ao se manifestar em narrativas de deslocamento, perda, desenraizamento e busca de identidade, os exilados têm a oportunidade de compartilhar suas histórias, sentimentos e experiências.

Tais aspectos podem ser observados na obra de Orlanda Amarílis, que apresenta, em sua escrita, as experiências do exílio. Isso, porque, como trazemos no segundo capítulo deste estudo, a escritora passou a maior parte de sua vida longe de sua terra natal, vivenciando a condição de exilada. De acordo com Terezinha Taborda Moreira,

[...] a obra de Amarílis traça e retraça cartografias de Cabo Verde que mesclam a cultura local, tradicional e os valores da modernidade, em personagens para os quais é estabelecido um esboço de continuidade temporal – trata-se da vida de personagens que têm uma história cuja significação se desdobra nos níveis individual e social – através de eventos que se configuram como acontecimentos localizados em uma geografia que lhes é específica. (MOREIRA, 2007, p. 367).

Em suas obras, Amarílis retrata os movimentos migratórios, destacando as questões políticas, sociais, culturais e identitárias desse processo, além das consequências para o indivíduo que se encontra no exílio. Sendo assim,

[...] a obra de Orlanda Amarílis resulta de uma ótica privilegiada para se pensar a vida contemporânea. Reflete a posição da autora de equilibrar-se entre mundos que parecem distantes entre si, no tempo e no espaço, lançando sobre cada um deles um olhar enviezado que procura visualizar detalhes que a visada convencional deixa escapar. (MOREIRA, 2007, p. 367).

É imprescindível destacar que, segundo Said (2005),

O exilado vê as coisas tanto em termos do que deixou para trás como em termos do que de fato acontece aqui e agora; através dessa dupla perspectiva, ele nunca vê as coisas de maneira separada ou isolada. [...] isso significa que uma idéia ou experiência é sempre contraposta a outra, fazendo com que ambas apareçam sob uma luz às vezes nova e imprevisível [...] (SAID, 2005, p. 67).

Apesar de ter uma vivência marcada por vários deslocamentos, por precisar acompanhar seu marido em diversas viagens pelo mundo, Amarílis nunca perdeu a sua essência cabo-verdiana. Isso pode ser visto pelo tom de saudosismo, admiração e preocupação com a sua terra natal. No entanto, ao analisar suas obras, pode-se perceber o olhar crítico que ela coloca sobre Cabo Verde, o que é possível, uma vez que Amarílis observa a situação de fora, instaurando um lugar de fala para aqueles que eram, até então, esquecidos ou silenciados.

Essa condição confere ao olhar da autora a ideia de “intelectual no exílio”, termo utilizado por Said (2005). Em função disso, a sua escrita causa desassossego, movimento, inquietude naquele que lê, já que

[...] em virtude de viver segundo normas diferentes, o intelectual não tem uma história, mas apenas uma espécie de efeito desestabilizador; ele provoca abalos sísmicos, surpreende e choca as pessoas, mas nunca pode ser explicado pelo seu passado nem pelos seus amigos. (SAID, 2005, p. 63).

Dessa forma, é necessário analisar e compreender como a diáspora e o exílio tomam forma ao longo das narrativas “Thonon-les-bains”, “Luna Cohen” e “Canal Gelado”, de Orlanda Amarílis.

#### **4.3 Narrativas da diáspora e do exílio na escrita de Amarílis**

O conto intitulado “Thonon-le-Bains” narra a migração de dois irmãos, Gabriel e Piedade, que se mudam para a França em busca de melhores condições de vida, e

de sua mãe, Nh'Ana, que vive à espera de notícias.

No início da história de Amarílis (1983), percebe-se a representação do espaço do exílio da mãe Nha'na, que vivia “exilada” em seus próprios pensamentos, desejando que seus filhos conseguissem uma vida melhor fora da ilha, e também do espaço nacional, que é onde a personagem encontra-se no momento da narrativa. Por meio dela e das cartas de Gabriel que saberemos sobre os acontecimentos da história e os lugares em que se passa essa narrativa.

Nh'Ana ficou atarantada. Oh Nhor Deus, descobri agora porque o meu coração saltava como um cavalo espantado desde pela-manhã. "Dá-me essa carta Antoninho. Estás a virá-la de um lado para o outro, bó dezide nunca viste um selo estrangeiro. Tanta carta de Merca, tanta carta de estrangeiro, pá quê esta cara só pá m ode uma carta?" (AMARILIS, 1983, p. 1).

Podemos perceber a presença do exílio, mais uma vez, na personagem de Gabriel, que se encontra preso no entre-lugar, não pertencendo nem a Cabo Verde e nem à França, mas se esforçando para “caber” nesse ambiente estrangeiro. Como discutimos na seção anterior, o exílio causa esse movimento identitário no indivíduo, uma vez que a interação com essa nova cultura o influencia e integra-se aos costumes já existentes, deixando-o em um “meio do caminho”, sem conseguir prosseguir ou retornar.

“Não fiques apoquentada com esta conversa sobre o frio de Thonon, mamãe, porque mana também faz limpeza no hotel de manhãzinha muito cedo e o patrão deixa-nos dormir no caveau da escada no corredor onde **tem um calorzinho** sabe dia e noite.” (AMARILIS, 1983, p. 4, grifo meu).

A maneira como é feita essa contraposição entre a descrição das características da cidade francesa, como o frio do inverno na cidade e o calor do caveau, pode ser vista como uma forma de mostrar que Gabriel encontra-se em um não-lugar. Apesar de morar há tanto tempo naquele espaço, ele não se acostuma com ele, ou por outro lado, ele convive com a impossibilidade de estabelecer relações de pertencimento com ele, embora não possa voltar para casa. Talvez por isso encontraremos, mais ao final da narrativa, uma fala do personagem em que ele revela o que pensa da situação em que se vê inserido no país onde se instala quando chega à conclusão de que, na França, imigrante “é lixo (...) não é mais nada” (AMARÍLIS, 1983, p. 25). No comentário da personagem, vemos a perspectiva crítica e como ele

analisa a inserção da alteridade cabo-verdiana no espaço francês, ou seja, pela exclusão.

Por fim, temos a personagem Piedade que, assim como Gabriel, vive no entre-lugar, já que o espaço no qual se encontra não se encaixa com seus costumes e seus valores. Para ela, a cidade francesa e o que ela tem a oferecer perdem o brilho e, assim, naturalmente, ela se volta a tudo aquilo que a liga à sua terra natal: “Não era por acaso a falta de notícias da filha. Andara muito influída com a ideia do casamento **mas ultimamente esmorecera.**”(AMARILIS,1983, p. 5, grifo meu).

Talvez por não manifestar a mesma consciência que Gabriel sobre sua condição no espaço francês, Piedade parece dar mais sinais da falta que sentia do seu espaço nacional, da terra natal, onde nascera e crescera, e no qual havia costumes, rostos, lugares conhecidos e familiares para ela. Podemos perceber esse sentimento quando a personagem contrasta a diferença que existia entre si e o noivo:

Jean era bom, era seu amigo, mas começou a pensar na sua idade e na dele, começou a pensar na seriedade do Jean, na sua maneira de tratar tudo tão a sério. Deitava contas à vida, calculava todos os francos para isto e para aquilo e ela começou a perder a paciência para aquelas conversas. Um bocado alevantada, esboada mesmo, queria brincar, rir, fumar o seu cigarrinho e ei-la agoniada com as conversas de gente-velha do Jean. (AMARILIS,1983, p. 5).

É crucial ressaltar que, assim como aponta Terezinha Taborda Moreira (2007), ambas as personagens femininas presentes no texto giram em torno da figura masculina. No caso de Nh’ana, a sua perspectiva de vida encontra-se condicionada à expectativa do sucesso de Gabriel, exilando-a em um sonho, que “ilustra o ser mulher-mãe que espera dentro de uma tradição cujos pontos de referência delimitam a ação da mulher entre as panelas e os santos.” (MOREIRA, 2007, p.369).

Em relação à Piedade, podemos perceber que sua existência condiciona-se à figura do meio-irmão, Gabriel, e do namorado Jean, que a impedem de exilar-se da “repressão machista do homem que não lhe faculta a independência emocional e a expressão de sua individualidade.” (MOREIRA, 2007, p.369).

Ademais, existem outras formas de apreender a construção do espaço do exílio nestes contos, como a descrição dos personagens que, mesmo estando no país, parecem retratá-lo como alguém que o vê de fora. Esse é o caso da idealização do espaço francês feita por Nh’Ana, ainda no conto “Thonon-le-Bains”:

la guardando as cartas debaixo do pano bordado da cómoda ou então debaixo da caixa de jóias. Algumas vezes relia-as para saborear as coisas sabe-de- mundo de França, terra onde todos os menininhos falavam francês desde pequeninos. (AMARILIS, 1983, p. 5).

Ao contrário das personagens de “Thonon-les-bains”, a personagem Luna, do conto “Luna Cohen”, não partiu de sua terra natal por questões financeiras, mas em busca de aperfeiçoamento intelectual, como já mostramos anteriormente. Como vimos na segunda seção, a migração pode ser motivada por diversos fatores socioeconômicos, culturais, por guerra, entre outros, inclusive, a busca por novas oportunidades de estudo. Apesar de viver em uma constante diáspora, a personagem está em constante conexão com Cabo Verde e anseia por sua volta para “casa”.

Ao longo da narrativa, é possível perceber a condição de exílio de Luna, que vive entre a saudade de casa, a necessidade de adaptar-se ao lugar em que estava e sua diáspora, enquanto viaja, na narrativa, para chegar a Ile-Ife. Isso, porque, ao descrever o espaço que a cerca, ela lança um olhar crítico sobre aquilo que acontece à sua volta, lembrando as suas experiências durante suas viagens. Tal ponto pode ser percebido, inicialmente, quando ela critica o tratamento que as companhias aéreas dão aos passageiros:

Longe ia o tempo quando eram oferecidas refeições nos aeroportos ou bebidas esquisitas em Cairo ou em Bombaim. As companhias já não se afoitam em despesas extras. Os passageiros são largados como gado em cada etapa. (AMARÍLIS, 1983, p. 51-52).

É fascinante ver como a personagem tem uma ideia esclarecida de onde é a sua “pátria” quando, em conversa com o Professor Khan, ela afirma para si mesma:

Judia sim, mas a sua pátria era onde nasceram os avós, os pais, ela própria, onde vivera, estudara e passara a juventude. A sua pátria nunca poderia ser Israel. Jamais pensara nem ao de leve neste pormenor de Israel porque era um caso resolvido no seu subconsciente. (AMARÍLIS, 1983, p. 55).

Assim como Edward Said (2005) aponta, o exilado desenvolve uma certa perspectiva crítica e uma sensibilidade única. Tal senso crítico pode ser percebido na personagem Luna, que se vê empolgada ao contar sobre diversos fatos históricos que marcaram a independência de Cabo Verde e, conseqüentemente, a construção da identidade nacional do país:

Arrependeu-se de não se ter referido à reforma agrária ou às nacionalizações. Sobretudo às nacionalizações porque vivera esses dias em Lisboa. Os cartazes, os panos atravessados no alto das ruas e casas da Baixa, o apoio da cidade, do povo quando se soltavam slogans alegres e livres durante os desfiles, as canções a transbordarem das bocas das mulheres, estas segurando estandartes de esperança. (AMARÍLIS, 1983, p. 59).

Outro momento em que se pode perceber a experiência de conscientização sobre si proporcionada pelo exílio é quando Luna acaba sofrendo uma infecção intestinal e fica por três semanas de cama, sem sair da casa em que estava hospedada. Por sua condição precária e por estar longe do seu lar, a personagem sentia-se “abalada” e “não tinha vontade de nada”. No entanto, a chance que surgiu de regressar à sua terra natal a deixou ansiosa, aguardando pelo momento ansiosa: “Até ao dia da partida andou impaciente. O tempo não passava tão depressa como desejava.” (AMARÍLIS, 1983, p.61). Essa ânsia pela volta a Cabo Verde a tomou de tal forma, que, enquanto tomava banho, ela imaginava todo o seu deslocamento até chegar em casa:

Enquanto a água lhe escorria pelo corpo, morna e lisa, Luna divagava. Quando aterrasse na Ilha do Sal tomaria a avioneta para S. Vicente. Nunca tinha estado no aeroporto de S. Pedro. Mas ia jurar. Rodeada pelo mar de pedras de S. Pedro haveria de descortinar lá longe o Ilhéu dos Pássaros. (AMARÍLIS, 1983, p. 64).

Em Canal Gelado, o exílio foi trabalhado de maneira sutil, quando o comparamos aos dois outros contos já analisados até o momento. Ao longo da narrativa, após sua leitura exaustiva, é possível perceber que tal conceito é construído em vários aspectos citados ao longo deste estudo, como as condições socioeconômicas, a memória da terra deixada e o saudosismo presente na conversa sobre essa terra.

Considerando o primeiro elemento colocado, temos a situação de Nha Quinha e seu filho Lela. A primeira vivia exilada em sua humilde residência para cuidar do filho, podendo essa cena ser evidenciada por trechos em que suas ações sempre envolviam o espaço de sua moradia ou a preocupação com a doença do filho, como:

“Nha Quinha **voltou para dentro de casa** e encostou a porta.” [...] “Nha Quinha desceu dois degraus para dentro de casa e **foi sentar-se num caixote perto do catre de Lela.**” [...]

“Lela, queres uma pinguinha de chá de casca de laranja? Djodja veio ontem de S. Nicolau e **há-de vir trazer uma garrafa de xarope de agrião para a tua tosse.**” [...] (AMARÍLIS, 1983, p.68-70, grifos meus).

Já o segundo seguia exilado em seu próprio sofrimento com o avanço da doença que fora causada pelas condições de vida precária, podendo essa realidade ser ilustrada por excertos, como: “Lela queria estar sossegado com a sua dor no peito.” (AMARÍLIS, 1983, p.71) e “Lela tossiu, cuspiu baixinho no chão e ficou de lado a gemer baixinho.” (AMARÍLIS, 1983, p.72).

O exílio não é discutido só nesse momento, mas também na contraposição espacial exposta ao longo da narrativa. Durante toda a história, podemos perceber o espaço “Canal Gelado” como um lugar com condições precárias, no qual a população mais pobre vivia exilada da qualidade de vida essencial para suprir as necessidades básicas, como a saúde. Isso pode ser percebido na nomeação do espaço como um “poço de tuberculose” (p.68) pela personagem.

Além disso, é possível perceber, na narração, que se alterna entre a visão de um adulto, revisitando suas memórias do passado, e a de uma criança. Nesse movimento, observa-se a ligação da terra que deixou e à qual não pode mais retornar, uma vez que a área sofreu diversas mudanças com o tempo, deixando aquele espaço apenas às recordações da infância da narradora.

“Pelos vistos não será muito a diferença”, atentei eu com uma dentadinha na torrada. Ludja cortou-me a palavra. “Bem, diferença diferença, há muitas. Vai lá no tempo de calor, menina. Hás-de ver casas novas, altas, o bairro da Holanda, o bairro.” (AMARÍLIS, 1983, p.69).

Dessa forma, apesar de poder regressar à Mindelo e à região do Canal, ela não têm mais a chance de vislumbrar as coisas que podia quando criança.

Ludja telefonou-me de manhã cedo. Viera de viagem na véspera à noite. “Vou desenfadar-te hoje, queres?” [...] “Tenho novidades de São Vicente. Lembrei-me muitas vezes de ti.” “De mim, Ludja?”. “Nem adivinhas. Quando ia à Pracinha de Igreja visitar minha madrinha, passava sempre pelos lados de Canal Gelado [...] (AMARÍLIS, 1983 p. 76 - 77).

É relevante, ainda, ressaltar a fala de Ludja, que representa a referência marcante que o Canal Gelado representava para a narradora, uma vez que se lembrava dela sempre que passava por lá. Essa relevância é mais uma vez trazida na

voz da própria narradora que, em um tom saudosista, ainda se lembra da brisa que assoprava lá, como vemos em “o ar frio da tardinha lembrou-me a correteza de ar do Canal Gelado.” (AMARÍLIS, 1983, p.72).

Assim como postula Said, o exílio “é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal” (2003, p.46), ou seja, é algo que muda o sujeito, impedindo-o de manter a sua vida, seus costumes, da mesma forma como antes da migração, seja dentro, seja fora do arquipélago.

Desse modo, é possível perceber que, em ambos os contos, é trabalhado o espaço do exílio alinhado não só com descrição do espaço concreto ou empírico, mas também com a delimitação do lugar social, cultural e histórico de cada um dos personagens trazidos ao longo das narrativas. Assim, a representação desses lugares contribui para a ideia de pertencimento ou não-pertencimento das personagens.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término desta dissertação, podemos afirmar que a escrita de Orlanda Amarílis revela-se como um valioso testemunho literário das experiências de diáspora, exílio e deslocamento, e como essas experiências impactam na construção identitária do indivíduo. A autora, por meio de sua sensibilidade e domínio da palavra escrita, oferece ao leitor uma imersão profunda nas vidas dos deslocados, explorando as complexidades emocionais, os conflitos de identidade e os desafios de adaptação enfrentados por aqueles que são forçados a abandonar suas raízes e adaptar-se a uma nova terra.

Amarílis retrata essas experiências não apenas como narrativas individuais, mas também como reflexões sobre as dinâmicas sociais, políticas e culturais que levaram e levam ao deslocamento. Ela aborda questões de poder, opressão e resistência, expondo as injustiças e desigualdades que frequentemente acompanham essas trajetórias, além dos conflitos internos vivenciados por aquele que vive a diáspora e o exílio. Podemos ver isso em seu conto “Thonon-les-bains” (1983), no qual ela apresenta Nh’ana, que vive “exilada” em seus próprios pensamentos; Gabriel, que vive preso em um entre-lugar; e Piedade que sequer tem a oportunidade de se adaptar à vida na França.

Ao mesmo tempo, suas histórias carregam um forte senso de esperança e resiliência, revelando a capacidade humana de se adaptar, reconstruir e encontrar novos significados em terras estrangeiras, como acontece em “Luna Cohen” (1983), em que Luna deixa sua terra natal em busca de ampliar o seu conhecimento.

Por meio da análise das obras selecionadas, foi possível identificar os recursos literários utilizados por Amarílis para transmitir as complexidades das experiências diaspóricas e todo o sentimento que envolve o indivíduo que se encontra nessas condições. Seja por meio da construção de personagens multifacetados, da utilização de metáforas e de cenários vívidos e bem detalhados, seja por meio do uso hábil da linguagem e dos dialetos locais, a autora cria narrativas ricas e envolventes que nos transportam para os espaços e momentos de exílio e deslocamento.

A questão da identidade, essencial a todo ser humano, é trazida pela autora em seus contos de diferentes formas. Em “Canal Gelado” (1983), ela apresenta a construção de uma identidade híbrida e em constante negociação com o outro, fazendo uso da memória cultural e espacial para construir sua narrativa.

No conto “Luna Cohen” (1983), a autora apresenta a convicção de uma identidade por meio da personagem que leva o mesmo nome do título da narrativa, expondo, ao longo de todo o texto, a conexão entre ela e sua terra natal. Em “Thonon-les-bains” (1983), Amarílis discute a identidade cabo-verdiana a partir, por exemplo, da contraposição cultural entre Piedade e seu namorado francês, Jean. É necessário, ainda, salientar que, em todos os seus contos, a autora aponta a diáspora como algo inerente à identidade cabo-verdiana.

Além disso, foi possível reconhecer a relevância da escrita de Orlanda Amarílis como um veículo de preservação e difusão da memória coletiva dos povos diaspóricos. Suas histórias são testemunhos vivos de uma história frequentemente negligenciada ou apagada, permitindo que as vozes silenciadas sejam ouvidas e valorizadas.

Ao apresentar essas narrativas ao público, a autora não apenas desperta empatia e compreensão, mas também contribui para o fortalecimento das identidades e da autoestima das comunidades diaspóricas. Assim, Amarílis traz à tona, por meio de suas narrativas, as mazelas vividas pelo povo cabo-verdiano, utilizando seu olhar crítico e evidenciando as dificuldades enfrentadas por muitos após deixarem a sua terra natal.

Por fim, é válido ressaltar que a escrita de Orlanda Amarílis transcende fronteiras geográficas e culturais, alcançando um público global ávido por conhecer e compreender as experiências diaspóricas. Sua obra serve como um lembrete poderoso de que, embora a diáspora, o exílio e o deslocamento sejam desafiadores e dolorosos, eles também podem ser fontes de resiliência, criatividade e transformação.

Dessa forma, concluímos que a escrita de Orlanda Amarílis é uma contribuição significativa para a literatura diaspórica e para a compreensão mais ampla das complexidades e impactos desses fenômenos. Sua voz literária ressoa como um farol de esperança e resistência, iluminando o caminho para a valorização das histórias e experiências daqueles que foram forçados a deixar suas terras em busca de uma nova vida.

## REFERÊNCIAS

- ABDALA Jr., Benjamin. Globalização, Cultura e Idealização em Orlanda Amarílis. In: CARVALHAL, Tânia Franco; TUTIKIAN, Jane. **Literatura e História: Três vozes de expressão portuguesa** – Helder Macedo, José Saramago e Orlanda Amarílis. Porto Alegre: Ed.Universidade UFRGS, 1999.
- AMARILIS, Orlanda. **Ilhéu dos pássaros**. Lisboa: Plátano, 1983.
- BARROS, Maria Regina de. **Emigrar é preciso, viver não é preciso**. Dissertação (Mestrado em Letras, Área de Literaturas de Língua Portuguesa). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, PUC. Belo Horizonte, 2005.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução: Myriam de Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998. p. 70-104.
- BRAH, Avtar. **Cartographies of diaspora: contesting identities**. Londres: Routledge, 1996.
- BRANDÃO, Luis Alberto. Espaços literários e suas expansões. **Aletria: Revista de estudos de literatura**. v. 15, p. 207-220, jan-jun, 2007.
- BOBBIO, Norberto. Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. São Paulo: UNESP, 1997. Disponível em: <[https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$diaspora](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$diaspora)>. Acesso em: 10 set. 2022.
- CLIFFORD, James. Diasporas. **Cultural Anthropology**, vol. 9, n. 3, agosto de 1994, p. 302-338.
- FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. Exílios e diásporas. In: MARGATO, Izabel; GOMES, Renato Cordeiro. (Org.) **O papel do intelectual hoje**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares; MOREIRA, Terezinha Taborda. Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa. **Caderno Cespuc de Pesquisas**, Belo Horizonte, n.16, p.13-69, set. 2007. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/14767/11446>> Acesso em: 10 set. 2022.
- GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural e Diáspora**. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n.24, p.68-75, 1996.

HANCIAU, Nubia. Entre-lugar. In: FIGUEIREDO, Eurídice (org). **Conceitos de Literatura e cultura**. Juiz de Fora: UFJF, 2005, p. 215-241.

LOPES FILHO, J. **Introdução à Cultura Cabo-verdiana**. Praia: Instituto Superior de Educação de Cabo Verde, 2003. 336p.

MADEIRA, João Paulo. O processo de construção da identidade e do estado-nação em Cabo Verde. **Revista Científica Vozes dos Vales**, Ano 3, Nº 6, out. 2014, p.1-23. Disponível em: <<http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2014/10/O-Processo-de-Constru%ca7%c3%a3o-da-Identidade-e-do-Estado-Na%ca7%c3%a3o-em-Cabo-Verde.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2023.

MAIA, Maria Armandina. Orlanda Amarílis – os passos em volta do Ilhéu dos Pássaros. In: MATA, Inocência; PADILHA, Laura C. **A Mulher em África – Vozes de uma margem sempre presente**. Lisboa: Edições Colibri, 2007, p. 269-281.

MATA, Inocência. A condição pós-colonial das literaturas africanas de língua portuguesa algumas diferenças e convergências e muitos lugares-comuns. In: LEÃO, Angela Vaz (org). **Contatos e ressonâncias: literaturas africanas de língua portuguesa**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003.

MATA, Inocência. Géneros narrativos nas literaturas africanas em português – entre a tradição africana e o “cânone ocidental”. **Scripta**, v. 19, n. 37, 2015, p. 79-93.

MONTAÑÉS, Amanda Pérez. **Vozes do exílio e suas manifestações nas narrativas de Julio Cortázar e Marta Traba**. Florianópolis, 2006.

MOREIRA, Terezinha Taborda. A palavra em exílio. In: MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante. **A mulher em África: vozes de uma margem sempre presente**. Lisboa: Edições Colibri, 2007.

NOUSS, A. **Pensar o exílio e a migração hoje**. Trad. A. P. Coutinho. Porto. PT: Instituto de Literatura Compara Margarida Losa (FLUP); Edições Afrontamento, 2016.

ROLLEMBERG, Denise. **Exílio – entre raízes e radares**. São Paulo: Editora Record, 1999.

RUSHDIE, Salman. **Imaginary homelands: essays and criticism, 1981-1991**. London: Granta Books; New York: Penguin Books, 1992.

SAID, Edward W. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SAID, Edward W. **Representações do intelectual – As conferências Reith de 1993**. Tradução: Milton Hatoum. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

ŠOPOVA, Jasmina. Women between two shores. **The UNESCO Courier**, n. 2, 2008, p. 1-2. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000158580/PDF/158580eng.pdf.multi>>. Acesso em: 19 abr. 2023.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TADJO, Véronique. Véronique tadjó, a collector of travel souvenirs. [Entrevista concedida a] Bernard Magnier. **The UNESCO Courier**, n. 2, p.5-7, 2008. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000158589>>. Acesso em: 22 maio. 2023.

## ANEXO A – Conto “Canal gelado”

AMARILIS, Orlanda. *Ilhéu dos pássaros*. Lisboa: Plátano, 1983.

### Canal gelado

*“Ouve, Ludja, e o Ilhéu dos Pássaros? Está no mesmo sítio?”*

Não era a primeira vez nesse dia. Atravessou o Canal Gelado para alcançar mais depressa a Rua da Praça Nova. Ideias encasquetadas na cabeça das crianças, porquanto quase ninguém fazia uso da passagem estreita e ressalbada de doenças, chichi e escassez de catchupa, passagem apenas utilizada pelos moradores do Canal. Quando vinham do trabalho da Companhia do Carvão, entravam pelo lado de baixo. Nesse tempo tudo andava descalço, gente-grande e gente-menino, e as roupas remendas, roupa de trabalho, riscavam vincos de pó de carvão da Companhia. À tardinha saíam pela banda de cima, mais ampla e arejada, iam tomar um griguinho ou comer uma gemada no botequim do Freitas. Homens e rapazes alinhavam-se ao longo do balcão de tábuas. Outros ficavam agrupinhados num canto ou encostados numa rima de sacos de mancarra no outro canto. Mancarra torrada e um cálice de grogue, doce de mancarra e ponche, mancarra a litro para se comer à noitinha a caminho da Pontinha ou num sentar parado nos bancos da Praça Nova. Na esquina do Canal podia-se comprar sucrinha, doce de leite e ainda reбуçados de mancarra. Mancarra grossa, mancarra boa, mancarra da Guiné.

A semana passada fui desenfadar a Ludja. “Tem piada”, disse-me ela, “os homens da nossa terra ainda andam descalços, alguns, só aos domingos se pinocam com roupas da Holanda. Mas o Canal Gelado desapareceu.”

“Ah, sim, como?”

“Sabes, aquilo era dos ingleses. Taparam as saídas daquele poço de tuberculose.”

Nha Quinha assomou à porta e levou a mão à testa por sobre o lenço a abrandar a clareza do sol tão quente nesse dia. Levantou a cabeça como a querer enfrentar o mormaço.

“Ah moço, essa menininha já passou hoje três vezes por aqui. Ela é filha de

gente direita e anda por aqui a passear. Com certeza fugiu de casa e anda na brincadeira.”

Nha Quinha voltou para dentro de casa e encostou a porta.

As casas do Canal gelado eram todas iguais. Um quarto térreo e um quintalinho. Aí cozinhavam e tomavam banho.

As casas estendiam-se só de um lado daquela correnteza de ar. Ladeadas por uma parede da altura de um rés-do-chão, do outro lado da parede era quintalona por detrás ainda de outras casas do outro ângulo da rua. Nha Quinha desceu dois degraus para dentro de casa e foi sentar-se num caixote perto do catre do Lela.

“Lela, queres uma pinguinha de chá de casaca de laranja? Djodja veio ontem de S. Nicolau e há-de vir trazer uma garrafa de xarope de agrião para a tua tosse.”

Lela não respondeu. Nem se voltou. Deitado no catre, a sua barbona era preta e frisadinha e a cabelona de sua cabeça só deixava ver uma pontinha das orelhas.

Ludja dera-me mais informações. “Olha, aquele quarteirão todo foi deitado abaixo, todas as casas foram destelhadas. Se fores lá agora só vês paredes.”

“Pelos vistos não será muito a diferença”, atentei eu com uma dentadinha na torrada.

Ludja cortou-me a palavra. “Bem, diferença diferença, há muitas. Vai lá no tempo de calor, menina. Hás-de ver casas novas, altas, o bairro da Holanda, o bairro.”

No silêncio da tarde o meu mastigar parecia troçar das falas de Ludja. As torradas estavam mesmo boas e estalavam entre os meus dentes.

Nha Quinha levantou-se e abriu a porta.

“Quem é? Hã, é bô menininha? Não, não tem cimbrão. Cimbrão já acabou. Só amanhã. Amanhã sim, vem um navio de Ribeira da Barca e vou receber uns dois sacos. Não menininha, não tenho cimbrão hoje. Vai teu caminho, obrigada.”

Lela só distinguiu a voz de Nha Quinha. “Quem é, mamãe?”

Nha Quinha cerrou a porta e voltou a sentar-se no caixote. Mal se sentara, levantou-se e foi buscar uma vassoura sem cabo, feita de palha de não sei quê e começou a varrer.

“Podias tomar agora um chazinho de casca de laranja, Lela”! Puxou o lenço para a testa. “Essa menininha já passou hoje três vezes aqui no Canal Gelado. A querer para eu lhe vender cimbrão. Teimosinha. Eu a mostrar-lhe o saco vazio ali de cima daquele banco e ela a teimar.”

Foi buscar uma caneca pendurada num prego em cima do pote, encheu-a de água e borrifou o chão para poder continuar a varrer. Em soalho de terra batida para se varrer tem-se de borrifar primeiro, senão é um pó, gente!

As casas seriam umas quinze ao longo do Canal. Todo o quarteirão, aliás, estava cheio daquelas casas de um quarto e um quintalinho. Casas dos carregadores de carvão da companhia inglesa Miller's and Son. A parte da frente do quarteirão dava para a Rua da Praça Nova, tinha um ar mais consertado. Começava com a casa de nha Chinchinha, a casa do Dr. Roque, Igreja Inglesa. Depois a casa do Padre Inglês. Dobrada a esquina, a rua subia por ali adiante. Era a Travessa do Cadamosto. Na casa do tio Pedro entrava-se por um quintal onde havia cabras, pombos e galinhas. Quantas vezes o tio Pedro não teve que insistir com o senhor Miller para lhe abrir uma porta onde estava a janela. Ao menos as visitas deixavam de entrar pelo quintal.

Do sobrado podia-se espreitar a reserva do Padre Inglês. De vez em quando, numa espreitadela, lá o víamos a tomar banho de sol, nu em pelota. Um dia descobrimos uma coisa boa. Dávamos uns gritinhos, ul, ul, ul, e deixávamo-nos estar sossegadinhos. O Padre Inglês no meio do quintal, as mãos a esconder o sexo pálido, os cabelos ralos ao vento, bem tentava descobrir o autor da brincadeira para além da janela do sobrado sempre fechada. Outras vezes fazíamos brr, brr, brr.

Nha Quinha trouxe o chá numa canequinha de folha de estanho. “Toma, Lela, toma.”

Lela queria estar sossegado com a sua dor no peito. Se fosse um caldinho quente. Chá de casca de laranja! Cuspiu no chão ao lado do catre, agarrou num manduco e fez desaparecer o escarro no chão térreo, esfregando-o para trás e para diante. Do escarro apenas ficou uma mancha húmida ao pé do catre.

A casa do Padre Inglês, a de D. Chinchinha, a do Dr. Roque, e ainda outras ao longo da rua como a da D. Marta, o escritório da Wilson & Company, etc., etc., eram a reserva de gente-branco. Gente do grémio, do jogo da canasta e do mah-jong.

Mandinha saiu do Canal e seguiu rente à casa do Dr. Roque. Ia para a escola da D. Daluz. Gostava de passar pelo canal e espreitar as casas. Todas tinham uma porta e uma janela. As portas ou estavam de meia lombada aberta ou encostadas, como a de nha Quinha. Para se entrar nas primeiras desciam-se dois degraus para dentro de casa. Um ou dois catres, uma mesa encostada à parede, um banco ou dois, um pote de água ao canto tapado com um prato de esmalte e uma caneca de riba.

Mandinha gostava de espreitar a ver o Lela encolhido no catre com um pano por cima, moscas em ziguezague, nha Quinha sentada num caixote à espera de fregueses. Junto à mesa os sacos de cimbrão um tostão, quatro tamarindos um tostão.

Nha Quinha arrumou a vassoura e foi sentar-se no caixote. Lela tossiu, cuspiu no chão e ficou de lado a gemer baixinho. De vez em quando sentia falta de ar. Tinha de se sentar no catre. A mãe esfregava-lhe as costas ou dava-lhe uma colher de água de açúcar. “Quando melhorares vais pô Santo Antão mudar de ares, nha fidje.” “Ludja, que foi feito de Nha Quinha?” “Adê, ela morreu dias-há no mundo.”

A tarde e a nossa conversa emoreceram.

“Gostei tanto de ter cá vindo, Ludja. Hás-de a minha casa. Vai num domingo. Faço um cuscus quente para tomarmos com café do Fogo.”

No elevador pus um pouco de pó de arroz e passei cuspo nas sobrelhas. O tempo arrefecera. O ar frio da tardinha lembrou-me a correnteza de ar do Canal Gelado.

Mandinha passara mais umas quatro vezes no Canal de saibro e mijo, em dias interpolados. De uma das vezes ouvira gritar na casa de nha Quinha. Encostou-se à parede e esperou.

“Jesus, Maria, José, vocês acudam-me.”

Da porta de baixo saiu Mauri Tuda seguida de nha Joana. Afadigadas. Entraram em casa do Lela.

“Você não se vai apoquentar, nha Quinha”, dizia nha Joana. “Vamos fazer uma reza”.

Nha Quinha chorava de mãos na cabeça.”Ele comeu um ovo estrelado agorinha assim. Fui busca-lo no ninho logo depois da postura. Era um ovinho fresco acabado de pôr.”

“Foi o ovo que lhe deu na fraqueza”, sussurrou Mari Tuda.

Mandinha continuou encostada à parede, cabeça muito hirta a escutar. Não se ouviu mais nada. Uma mão tocou-lhe no ombro. Mandinha afastou-se, sempre encostada à parede. Trivide de pé descalço, a pôr a sua mão suja no meu ombro. Voltou a cara e meteu a língua entre os dentes de cima e o lábio superior. Espremeu os olhos com força.

“Tu estás a fazer troça de mim, menininha. Estás a fazer-me bloco. Sou gente-grande e sou de respeito. Além do mais, meninos não fazem bloco pô gente-

grande.”

Mandinha apanhou o saco da escola do chão, pô-lo no ombro. “Eu não conheço você, eu não falo com gente descalça.”

“Gente descalça, mas gente séria. Tua mãe teu pai mandam-te pô escola e tu vens pô Canal Gelado.”

“Nha pai não porque nha pai já morreu. Eu venho comprar cimbrão na casa de nha Quinha.”

“Vai para a escola, menininha. Lela de nha Quinha está tuberculoso, ainda apanhas alguma fraqueza de peito também.”

Durante muitos dias não fez a volta do Canal. Passava de largo, uma olhadela, e seguia rua em frente para a escola de D. Daluz.

Bia estava em casa da Mandinha quando ela entrou. Sentada ao pé da tia, estava a fazer redinha para vender.

“Eh, Mandinha, tu estás com os dentes muito amarelos. Precisa esfregar os dentes como deve ser. Titia, Mandinha está muito porquinha. Não esfrega os dentes como deve ser.”

Mandinha irritou-se e atirou o saco para o meio da casa.

“Porca és tu, tchina és tu. Tu pensas Tol gosta de ti, mas ele namora a Emídia, namora a Bleca e namora a Doroteia. Bem feito, bem feito.”

Bia agarrou-a pelo braço. “Dou-te duas bofetadas, sua tchefra. Andas sempre metida na rua, por isso andas assim arregaçada. Fala de coisas da tua idade e não te metas na minha vida.”

A mãe de Mandinha balouçava-se mansamente na cadeira de balanço. Toda ela era mansa. O falar, o andar, os gestos. Pousou o romance sobre o regaço, aberto e voltado para baixo.

“Bia, não se ameaça ninguém com bofetadas. A cara de um homem, de uma pessoa qualquer, é sagrada. É o último sítio onde se bate numa pessoa.” “Titia, não está a ver a malcriadeza dela? Só fala conversas de gente-grande.” Voltou-se para a prima. “Olá, bem feito calafetado, lancha bedja foi ao fundo não veio mais.”

Mandinha, mofina, saracoteava e falava.

“É de vera, é de vera. Dezide Tol fez-te uma coisa, trá, trá, trá.”

“Está a ver, titia?” Bia começou a chorar. “Mandinha anda sempre a passar no Canal Gelado, por isso aprende estas coisas de pouco respeito. Todos os dias

passa lá, por isso está uma malcriada. E desaforada. Oh titia, veja a maneira dela de mão na cintura. Parece daquela gente de ponta-de-praia.”

“No Canal Gelado, Mandinha? Não tens vergonha na cara? A andar por aí como uma desivada, hã?”

“Adê, mamã, vou lá só para comprar cimbrão em casa de nha Quinha. Há muito tempo não vou lá. Bia é mentirosa.”

“Mentirosa, eu? Tchásse d’Inferr. Já te disse, dou-te duas bofetadas bem dadas, se te metes na minha vida.”

“Sim, sim. Tu andas é com raiva de mim. Deitei-se o segredo na praça.” “Cala a boca, Mandinha”, ordenou a mãe. “Cala a boca e vai lanchar.”

A mãe de Mandinha pegou no romance e voltou-o. Começou a balançar-se, para a frente, para trás, na cadeira de balanço, naquela sua mansidão tão dela. Pousou o romance de novo.

“Olha, Bia, estas a ver este romance? É muito bonito. É tudo bom neste romance. Mas na vida, por vezes, temos surpresas. É preciso olho aberto, Bia. Vida é vida. Vida não é romance.”

Bia estava a chorar outra vez.

“Vida é como um carro. Tem de ser muito bem encaminhada, senão vamos pela rocha abaixo. Estás a ouvir, Bia?”

“Oh, titia, Mandinha foi sempre assim, só por via de eu lhe dizer aquilo dos dentes, começou a inventar histórias.”

Limpou o nariz com as costas da mão e ficou a olhar para o chão. O banquinho onde estava sentada era baixo. Descansou o queixo sobre os joelhos e deixou-se estar assim um grande bocado.

A mãe da Mandinha fechou o livro e continuou a balançar. Bia fungou.

“Vai para casa, Bia. Já é tarde. Diz à tua mãe para vir falar comigo amanhã. Té manhã. Tira um doce de coco daquela caixa de tampa. Aquela aí, aquela azul. E vai direta no teu caminho.”

Levantou-se e tirou o molho de chaves de cima da cômoda.

Mandinha a sover o café e a trincar o bolo de mel, mal sentiu a porta fechar-se e foi, sossegadinha, esconder-se na sala atrás do piano. Quando no outro dia

saiu de casa, pensou e fê-lo. Pois agora vou omprar um tostão de cimbrão na casa de nha Quinha. E vou entrar para ver o Lela. Lela está tuberculoso mas eu não me importo. Vou ver a sua barbona e a sua cabelona. E vou contar na escola como o seu peito fica liso como uma bexiga de porco quando a tosse toma conta dele. E também vou contar quantas vezes ele cuspiu sangue no pé do catre. Vou contar à Guigui, vou contar à Augusta e à Djéna. Pronto.

Agarrou o saco da escola de modo a poder perscrutar-lhe o fundo. Tinha uma moedinha ganha no último fim-de-semana, dada pelo tio, sob a promessa de só falar português e poucas vezes o crioulo. Todas as semanas repetia-se o mesmo ritual. Ganhava uma moedinha e prometia falar sempre o português até o fim do contrato. Tornou a pendurar o saco ao ombro.

A mãe tinha-lhe dado duas palmadas na polpa quando a topou atrás do piano. “Toma. Para não seres faladeira de coisas fora do teu tamanho.”

Mandinha batera o pé com malcriação e a mãe deu-lhe mais uma. “Toma para não seres desaforada. Menino é menino.”

Luja telefonou-me de manhã cedo. Viera de viagem na véspera à noite. “Vou desenfadar-te hoje, queres?”

Era domingo e eu podia pôr um cuscus a subir para o nosso lanche. “Tenho novidade de São Vicente. Lembrei-me muitas vezes de ti.” “De mim, Ludja?”

“Nem adivinhas. Quando ia à Pracinha de Igreja visitar a minha madrinha, passava sempre pelos lados de Canal Gelado.”

“Ah, sim, Ludja? Conta-me. Olá, Pracinha de Igreja não. Dezide agora sê nome é Praça Amílcar Cabral. É de vera?”

“Sim, agora é Praça Amílcar Cabral. Nomes das ruas foram todos mudados. Também o Canal Gelado já não é mais Canal Gelado. Taparam-no com casas. De um lado é Rua Kwame N’Krumah, do outro é a avenida, avenida, não me lembro agora o nome.”

“Ouve, Ludja, eo Ilhéu dos Pássaros? Está no mesmo sítio?”

“Está sim senhora. E mais imponente como nunca.” Riu. Eu ouvia o rumor do seu riso. Mas ainda quis divertir-me. “Imponente na sua pequenez, mas imponente.”

Ludja desligou não sem acrescentar qu’Soncente tava sabe-de-mundo. Eu

esperaria por ela ao lanche. Cuscus, café com leite, mel de cana, manteiga e queijo fresco.

Mandinha dobrou a esquina da Rua Senador Vera-Cruz, passou para o outro passeio e foi indo. Do Canal Gelado vinha uma zoadada. À entrada do Canal parou. Nem viva alma de gente a vender sucrinha, doce de coco ou rebuçado de mancarra.

A porta de nha Quinha estava escancarada, a janela aberta. Do batente ao chão iriam uns dois palmos se tanto. Aproximou-se da janela, debruçou-se e pôs as mãos no queixo. As sandálias riscaram a calçada. Ficou de pernas esticadas com ar de quem vai escorregar para dentro de casa. Algumas pessoas estavam por aí, um mocinho sentado num banco, nha Quinha no caixote ao pé do catre de Lela.

Como não conseguia enxergar bem dentro daquele quarto de terra batida, com telhas sem forro e traves de lado a lado das paredes, levantou-se e entrou mesmo pela janela.

Ficou junto de nha Quina. Lela estava estendido no catre, de fato preto, olhos fechados, um lenço passado no queixo e atado à cabeça.

Nha Quinha pranteava alto.

“Oh lela, hoje estás tão calado! Oh Lela, eras tão conversador e hoje não dizes nada, ah nha mãe.”

Nha Quinha parou e assou-se. Nha Joana tomou a encomendação.

“Oh Lela, oh nha mãe! Se encontrares Jon Chica de nhô Raul e Rosa Maria dá-lhes nós mantenha. E também Junzim de nhô Bento que tem seus ossos lá na Tabuga e Tita de nh’Ana, dá-lhes também mantenha. Oh, oh, oh, sôdade de quem já está na terra de verdade, umuum.”

Mandinha teve pena do Lela tão magrinho nas roupas largas da mortalha.

Jona combinava baixo com nha Tuda. Depois afastou-se. Ia pedir uns sapatos e um lençol nas portas da morada. Lela estava descalço e tinha de ser embrulhado num lençol antes de ir para debaixo do chão. Até ao cemitério iria no caixão da igreja, caixão para mortos pobres. Mas o caixão tinha de ser devolvido a nhô Padre para poder servir ainda a todos os outros coitados sem dinheiro para caixão. Era caixão de igreja. Caixão para mortos pobres.

Nh’Ana segredos ao ouvido de nha Tuda.

“Nha Quinha chora o seu morto com tanto sentimento, não acha, nha Tuda?”

Nha Quinha pranteou abanando a cabeça. “Oh, Lela, nunca mais tomas café

na tua cabeça, oh Lela. Nunca mais hás-de entrar por está porta, nem sentar no teu banco ao pé da janela, ah nha mãe."

Mandinha seguia atentamente os pontinhos escuros na cara de Lela. Desciam-se pela testa e espalhavam-se-lhe pela cara. Inclinou-se para ver melhor. Pôs as mãos sobre o ombro de nha Quinha. nem queria acreditar naquilo. Adê! Uá! Lela tinha a cara coberta de piolhos. Mandinha surpreendeu-se ao falar.

"Nha Quinha, Lela está cheio de piolhos na cara, não está a ver, nha Quinha?"

A mulher voltou-se no caixote e levantou a cara para Mandinha. Nha Quinha era bem velha, pensou Mandinha. Coitada de nha Quinha. Tão velha e sem ninguém. Sem filho, sem marido, sem ninguém.

Nha Quinha tirou-lhe a mão de cima do seu ombro. E chorou alto, bem alto. E chorou alto, sim senhor.

"Oh menininha vai pra escoola. Vai depreessa. Já é taarde!" Segurou a cabeça e chorou mais alto ainda. "Bocês mandem-me esta menininha daqui, nhas gente, nha ah mãe." Mandinha segurou o saco e foi saindo. Envergonhada. Não atravessou o Canal Gelado. Voltou para trás, subiu a pequena rampa e alcançou a rua. Foi andando pelo passeio e quando chegou ao candeeiro deu uma corrida. Seguiu sempre junto à parede do telégrafo pintada da cor do tijolo. A mão espalmada ia deslizando ao longo da parede. Limpou-a com a outra e começou a correr de mené-manquinho. E a sua voz desafinada, voz dos nove anos feitos, entoava ou melhor desentoava. Mais cantava, mais desafinada era a sua voz miudinha e às ondas. De mané-manquinho seguiu rua acima, caminho da escola de D. Daluz.

## ANEXO B – Conto “Luna Cohen”

AMARILIS, Orlanda. *Ilhéu dos pássaros*. Lisboa: Plátano, 1983.

### Luna Cohen

Sentada num dos assentos ao longo de uma das paredes do aeroporto de Ikeja, Luna bebeu a cerveja quase de uma só vez. O líquido no fundo foi dançando num corrupio seguido, o tempo do balanço do copo nas suas mãos nervosas. Beber o resto? A bebida perdia o sabor entre duas cadências de segundos. Uma poção quente e enjoativa quando não saboreada em devido tempo. Por detrás do assento, um gradeamento separava-a da multidão num outro compartilhamento, curiosa, a espreitar os passageiros do último avião, alguns ainda a dessedentar-se no bar onde ela se encontrava havia quase duas horas. Na sua frente um Inglês de passagem, à espera do próximo avião para Kano. Viajante internacional, intermediário de negócios ou passador de heroína? Um gole, dois cigarros, nada mais. Uma conversa entre quem aguarda e está à espera, e outrem desejosa de chegar ao fim da viagem, ou seja, de tomar um transporte até Lagos e daí a Ile-Ife, a mais ou menos seiscentos quilómetros deste lugar onde se encontrava neste momento com um estranho a seu lado a falar de nada, justamente a mastigar a conversa.

A ventoinha do tecto roda sempre. A multidão espreita, ri, fervilha. No bar servem-se refrescos e tudo quanto seja bebível. A gare aérea, baixinha ao rés do chão, com uma cobertura parecida com madeira, talvez seja mesmo madeira.

Fora uma manhã intensa a cumprir formalidades, a correr de balcão a balcão. e os funcionários sem pressas. Indiferentes, Largam frases curtas, formais. “The pink one”. Entregou um dos impressos. “The pink one”, insistiu o empregado. Ficou a olhar para ele, a boca semiaberta. Ele devolveu-lhe o papel, tirou-lhe os outros da mão e escolheu um pequeno impresso cor-de-rosa. Escreveu qualquer coisa no verso e pôs-lhe o carimbo em cima. Passou-lhe para as mãos. Luna continuou de balcão em balcão e entregar papéis brancos, amarelos. Alcançou o extremo da sala e encontrou-se em frente de uma porta.

entrou. Seria outro balcão, dessa vez com guichets. Já não havia mais papéis. Entregara-os todos. Não só isso. Haviam-na passado a pente fino. De onde vinha,

quanto tempo ia ficar, se trazia dinheiro, quanto, finalidade da vinda para o país, autorização da entrada, “Está aqui. Foi-me passada pelo consulado britânico em Portugal,” onde se ia instalar, tudo registrado e confirmado nos montes de impressos preenchidos e entregues a funcionários aqui e mais além e logo a seguir, nunca mais parava de entregar tantos papéis de tantas cores e tonalidades. E agora?

Um fulano gordo, camisa e calças brancas, os dentes muito certos e arrumados. “Miss Cohen? Professor Kahn mandou-me para a acompanhar.”

Ela acenou um sim contente, contente por encontrar a pessoa número um da sua próxima estadia na Nigéria. Fularin cumprimentou-a com efusão de velhos conhecidos. Em África é assim. A apresentação e as amizades fazem-se sem reticências. “Venho da parte do professor Kahn. Tenho o automóvel no parque para a levar até Varsity.” Queria dizer University. “Já trocou dinheiro? Pode fazê-lo aí.” Levou-a a um pequeno e claro corredor. Havia um guichê à esquerda. Fularin deu alguns passos, abanando-se e limpando a testa.

Quando voltou, ele sugeriu uma bebida. Ia levá-la ao bar do aeroporto. Havia quase duas horas no mesmo lugar. À espera. Fularin deixara-a com um copo na frente, prometera voltar dentro em pouco.

Vira-o por aí, aos abraços, apertando a mão a um outro pessoal, rindo sempre, andando para aqui para acolá.

“Este Fularin é incrível”. O ar sério do Inglês intrigou-a. Luna olhou para ele. Camisa aberta, cara lustrosa, ar cívico. “Conhece-o?” “Oh”, e ele sacudiu a cabeça como quem tem uma longa história a contar. Se o conhecia! O Inglês conhecia muita gente em todo o lado. Andava a montar a rede telefônica na Nigéria. E contou coisas de Istambul. Gente simpática. Compras de pedras preciosas, jóias raras. Lavara-o um amigo a uma dessas lojas. Numa antecâmara um indivíduo sorridente, recebe-o de braços abertos. Sentados em otomanas de pele de camelo trocam-se cumprimentos, bebem chá quente muito doce. O amigo ficara à porta. Angariador? Talvez guarda-costas, pensara ele ao vê-lo pouco depois, através da vidraça, da maneira como se tinha encostado no umbral e como tinha o braço estendido, ligeiramente levantado de encontro ao outro lado da porta.

O dono do estabelecimento fizera um pequeno sinal ao homenzinho para correr o cortinado. Depois disto, a magra figura ficou postada do lado de lá com o ar de quem não tem nada a fazer.

O sujeito balançou uma minúscula campainha e aguardou os dois empregados. Apareceram com uma caixa, pequena cómoda de madeira pau-rosa e sândalo, de estreitas gavetas com puxadores disfarçados na ranhura da madeira. Pousaram-na e retiraram-se. Com servilidade? Não, apenas lançaram o olhar de revés para o Inglês a medir as suas posses.

Corrida a cortina, o mesmo indivíduo começou a abrir as gavetas. Um mudo deslumbramento a desfilas perante os seus olhos.

“E comprou alguma coisa?”

O tempo parou. Aterrou um Boeing. Vira-o aproximar-se como se viesse de encontro às portas envidraçadas do barzito. Através do gradeamento, mesmo por detrás do cumprido sofá estofado, levantou-se o silêncio do tagarelar sem parar desde a sua chegada. O avião passou sobre o telhado de madeira e o silêncio estendeu-se pelos outros compartimentos. Depois, a espera. Escutava-se com atenção, o pescoço ligeiramente para a frente, até diluir-se no calor o derradeiro bafo do motor. “Mummy, mummy,” ouviu-se ainda, pouco se tinham recomposto do hiato da chegada e do aterrar do avião da Costa do Marfim.

O Inglês continuava a narrar. Luna ouvia-o e sorria. “E eu a pensar que essas coisas só aconteciam nos romances cor-de-rosa”. “O quê?”, interpelou o Inglês.

Luna estava inquieta. Fularin nunca mais aparecia. O Inglês continuava a conversar, a relatar. Fez uma pausa.

Levantou-se, foi até ao balcão. Voltou com um copo na mão e sentou-se de novo. “Não dê confiança a esse Fularin.” “Porquê?”, perguntou Luna curiosa. “Porquê?”, insistiu a querer saber. “Forget it”, aconselhou-lhe o Inglês. E mudou de conversa.

“Minha mulher está em Londres. Sou engenheiro, mas lá o trabalho não garante o sustento de uma casa.”

Luna sente um pequeno enjoo. Longas horas de voo durante toda a noite, não pudera comer nada, quer em Roma quer em Milão. Os restaurantes fechados, apenas o bar onde se vendem sandes ressequidas embaladas em plástico transparente. Aqui também, só refrigerantes, cerveja, talvez whisky. Longe ia o tempo quando eram oferecidas refeições nos aeroportos ou bebidas esquisitas em Cairo ou em Bombaim. As companhias já não se afoitam em despesas extras. Os passageiros são largados como gado em cada etapa.

Levantou-se com um pequeno sobressalto. Senhor mei pai, não vi as minhas malas ainda. Ninguém me trouxe as malas.

Foi até à porta e sentiu náuseas outra vez. Um porteiro, impassível, não a deixou passar. “Por aqui só os passageiros”. “Mas eu sou passageira.” “Agora já não o é.” E os seus dentes brancos, limpos, não são agressivos.

A ventoinha do tecto espalha o ar fresco aos quatro cantos. Luna não sabe como explicar àquele indivíduo de calças azuis e camisa branca. Deveria ter as malas consigo, mas ainda não as viu.

Retornou ao bar e, encostada à vidraça, estendeu o olhar pelo espaço aberto. Passageiros de vestes claras, outras coloridas como o arco-íris, caminham ao longo da pista. Vinham calmos, sorriam e, no ar, o aroma a perfume francês. Quando entrara em Milão no avião da frota nigeriana, sentira no interior do avião o mesmo cheiro a pairar no ar. A algazarra rompeu de novo e, de gare, acenava-se para os familiares. Os panos bem arrumados à volta do corpo e as meio soltas capulanas protegem-nas do calor. Os companheiros lançam as pernas muito direitas. Os ombros são largos sob os casacos de alpaca. Os mais velhos trazem a roupa tradicional e na cabeça uma espécie de boné sem pala, redondo, ligeiramente levantado à frente, com uma pequena ondulação. Fularin vislumbrou-a de longe, a testa encostada aos vidros, espraiando a vista para os campos secos onde o calor despega-se da terra e a grama nasce rija e espalha-se pelo solo descoberto.

As voltas dadas para encontrar a bagagem foram nulas. Estivera até numa espécie de armazém onde estavam empilhadas e etiquetadas malas desaparecidas em voos dos meses de Fevereiro, de Março, de Abril. Desistiu de continuar a procurar.

Em passinhos saltitantes seguiu atrás de Fularin até ao parque onde ficara o automóvel. As sandálias de tiras finas e transparentes deixava um pó espalhar-se em camada ocre muito ténue sobre os seus pés ardentes do calor.

A estrada vai sendo comida a uma velocidade impossível de descrever. O carro não se detém, nem nos buracos onde salta e geme, nem nos espaços onde a terra levanta nuvens de poeira vermelha envolvendo-os completamente. A viagem parece decorrer num filme no qual a preocupação é fixar as diversas etapas de um próximo acidente. A tarde torna-se fresca e Luna tenta segurar a cabeça atirada para um lado para o outro lado como a querer ser arrancada do pescoço. Começaram a aparecer pequenas fogueiras onde descansam caldeiras fumegantes assentadas em três

pedras. Na estrada as mulheres acenam convidando a parar.

“De que se trata, senhor?” Fularin volta-se um pouco. “Milho, milho verde.” “Ah, gosto tanto de milho cozido.”

Recostou-se melhor e deixa-se cair a cabeça para trás. com o dedo grande de pó tenta soltar as tiras da sandália no outro pé. Conseguiu-o. Os dedos dançam libertos, os pés acariciam a rede fresca do tapete.

“Aprecia, miss Cohen?” Os dentes de Fularin mostram-se com satisfação. Está feliz. Porquê?

Luna ri-se intimamente da satisfação do gordo Fularin.

O carro encosta-se à berna. O chofer sai com presteza enquanto Fuarin continua sentado no banco da frente. Torna-se com um saco plástico onde traz seis enganhas de milho verde cozido a fumar. Durante algum tempo vão encontrando mulheres vestidas de panos garridos, estampados, com desenhos bastante simétricos, a acenarem com uma colher de pau no ar, junto às caldeiras onde ferve o milho verde. Luna vai roendo o milho com uma fome de doze horas. Fularin torna a mostrar os dentes, satisfeito. Luna continua a olhar para a estrada, os vidros descidos. O ar da tarde entra morno no interior do carro. Adormeceu, acordou, tornou a adormecer, nunca mais chegavam. Quando atravessaram Ibadan ainda teriam de percorrer uns sessenta quilómetros antes de alcançarem a cerca do campus de Ili-ife.

Na cama onde dorme há horas, o corpo de Luna não acusa vontade de despertar. O steward aguarda, sentado no patim da porta da frente da vivenda do campus, onde Professor Kahn a instalara. Os arbustos bastantes juntos trazem ao quarto um ruído característico. Foi quando Luna acordou. Sentou-se na cama, puxou o lençol e começou a perscrutar o ruído ténue e contínuo. Lembrou-se de cobras, lacraus, lagartos. Deu um salto na cama e saiu a correr do quarto. No corredor espreitou através da porta para debaixo da cama e sentiu-se mais tranquila. Os mosaicos frescos debaixo dos pés acalmaram-na. Sentiu-se segura e foi então buscar água num tambor de ferro a um canto da cozinha. Trouxe dois baldes cheios e colocou-os dentro da banheira. Ia tirando água com o copo, curvara-se para poder se molhar e ensaboar-se.

Quando acabou de se banhar, despejou o resto da água do balde sobre os ombros. Já estava calma de todo.

Não lhe custou adaptar-se à vida tranquila de Ife. Trabalhava com o Professor

Kahn na continuidade de cartas trocadas em longos meses de correspondência. Ambos judeus, tinham muitos pontos comuns além do trabalho, divergente apenas uma alínea. Professor Kahn preocupava-se demasiado com Israel. “Está a ver, não é, miss Luna? Desejo conhecer a nossa pátria. Ali estão as minhas raízes, para lá vou viver após a minha reforma. Munique representa para mim o local onde por acidente vi a luz do dia. Um acidente no qual os meus não pediram a minha colaboração.” Um riso curto e seco. “Não pensa o mesmo, miss Luna.” Luna endireitou o cigarro na boquilha e lançou o fumo pouco depois, longo, leve, um fumo digerido e bem saboreado. Não respondeu. Não tinha problemas desses. Judia sim, mas a sua pátria era onde nasceram os avós, os pais, ela própria, onde vivera, estudara e passara a juventude. A sua pátria nunca poderia ser Israel. Jamais pensara nem ao de leve neste pormenor de Israel porque era um caso resolvido no seu subconsciente.

Continuou a olhar para os convidados do Deão. Chegavam em grupos familiares para o almoço no Staff Club.

Luna pensou na necessidade de ir ao cabeleireiro. Não se adaptava a ter de lavar a cabeça em casa. Era um desconforto. “Professor Kahn, conhece um bom cabeleireiro em Ibadan?”

Professor Kahn estava exuberante. Não bebia vinho todos os dias, era superior às suas poses, mas de vez em quando excedia-se, desferrar-se.

“ih, ih, ih, cabeleireiro, miss Luna? Quer trancinhas besuntadas com graxa?”  
“Graxa, Professor Kahn?”

Desviou a sua atenção para um grupo familiar de quatro pessoas, vieram em dois carros com chofer, o chefe do clã no primeiro, seguido da mulher e da filha no seguinte. O velho chefe, homem de meia idade, vestes brancas, aproximou-se do anfitrião, dobrou os joelhos no no mosaico cinzento e vergou-se até tocar com a testa no chão. Levantou-se e aproximou-se então dos demais.

Luna ia-se habituando a esses rituais tribais com sistemas de classe e tradições bem definidas em público. Traduzir o respeito pelo “mais velho”, também é reverência. Neste momento é a saudação entre dois amigos da tribo etche. É o exercício do estabelecido. Pediu uma chávena de chá e foi sentar-se num cadeirão ao pé da piscina, os sardões enormes, verdes, alguns com uma mancha rósea ou castanha no dorso passeavam-se por aí. As sardaniscas, maiores e mais gordas, levantavam a cabeça e assemelha-se a um bicho pronto a atirar-se. Sentiu-se um frio pela espinha

abaixo.

“Então essas pesquisas?” Luna levantou a cabeça e olhou sorridente para o Dr. Da Silva. Tão bom ouvir falar português a milhares de quilómetros de Lisboa. “Olá, então?”

Da Silva trazia um blusão e calças iguais. Jeans impecáveis. A camisa toda aberta. Um fio de ouro com um cruxifixo. “Tudo bem, Luna?” “Sei lá”, Luna sorriu. “Olhe, venho de uma viagem de quase dois mil quilómetros. Trouxe imenso material para a minha tese de doutoramento. E você, que tal o seu trabalho, gosta?” “Sei lá”, Luna desabafa. “Não devo chegar a lado nenhum. Professor Kahn sempre a falar de Israel, Professor Grüber no mesmo. Você sabe, eu também sou judia, no entanto, mentalmente sou cabo-verdiana. Por vezes fico bloqueada com as conversas deles, compreende?”

“Olha uma coisa, Luna, faça seu trabalho e não dê importância a isso. Eles masturbam-se com esse tema, está a perceber? Não gosto nada destes bichos.” Apontou para os sardões a treparem para os arbustos aí a dois passos. “Eu quando regressar ao Brasil, levo todo o material de recolha para a minha tese. Deixo-os falar, masturbam-se e só. Sabe, dei um salto a Nairobi. De avião. Voltei via Nsuky. Falei com a ex-mulher de Ull Schneider. Ela tem responsabilidades, é agora deusa yorubá, foi-me apresentada pelo técnico nuclear egípcio, casado com aquela moça americana. Não a conhece? Não, refiro-me à americana. Está no departamento de Artes. Não faz nada. Entretem-se por aí. Da próxima vez vou até Calabar. Vou lá descobrir muita coisa para a minha tese.”

Da Silva estava exuberante. Continuou a falar, a contar.

O almoço decorreu num ambiente abafado. O calor era cortado pelo cheiro da carne servida com uma espécie de funge. As ventoinhas giravam mas não abrandaram o ar quente. O termómetro marcaria 40° talvez, Luna não percebia os Fahrenheits, diga-se. Pela altura do mercúrio tentava adivinhar a temperatura.

Nessa noite não dormiu ou melhor, dormiu mal. Um moço inglês estrangeiro, duas professorinhas alemãs do departamento de línguas modernas e ainda o Dr. Odgi jovem nigeriano descendente de iorubás acompanharam-na a casa.

O campus abrangia uma área de muitos hectares, bem guardado, e nessa hora tardia seria melhor não se aventurarem a regressar a casa fora das cercas. trouxeram uma garrafa de whisky, algumas cervejas e trataram de passar a noite de maneira

mais agradável. Dr. Odgi, descontraído, não era mais uma pessoa do curso de férias em Lisboa. Quando o conhecera então, parecera-lhe tímido e insignificante. Revelava-se agora um outro indivíduo, cheio de preocupações, atento às mudanças em África.

Luna começou a sentir cólicas acompanhadas de espasmos. Abusara dos picantes mas não se queixava. Os amigos queriam novas da revolução em Portugal. Luna ia relatando coisas do M.F.A., do Copcon.

Uma das alemãs tirou um pacotinho da mala de mão e foi ferver água para fazer chá.

Luna contou sobre o 11 de Março. Não faziam a mínima ideia de muitas coisas. Mas sabiam de outras.

“E sobre os helicópteros? Quem os levou afinal?” Luna admirou-se. “Quem vos contou sobre isso?” Estava cansada. Não tinha vontade de falar mais.

“Olhem, há dois quartos vagos. Acomodem-se, estejam à vontade. Vou-me deitar. Desculpem-me, mas não estou bem.”

Dr. Odgi retirou-se pois tinha conseguido uma vivenda no campus para ali a dois meses. Com um sorriso maroto um atirou-lhes “have a good time” e saiu puxando a porta de mansinho.

No quarto chegavam até ela frases, alusões ao 25 de novembro. Ainda ouviu “...três mil armas distribuídas!”. “Por quem?”

Arrependeu-se de não se ter referido à reforma agrária ou às nacionalizações. Sobretudo às nacionalizações porque vivera esses dias em Lisboa. Os cartazes, os panos atravessados no alto das ruas e casas da Baixa, o apoio da cidade, do povo quando se soltavam slogans alegre e livres durante os desfiles, as canções a transbordarem das bocas das mulheres, estas segurando estandartes de esperança. Encolheu-se na cama e apertou o ventre.

Foi uma noite de cólicas. No dia seguinte, como não tivesse aparecido, vieram procurá-la cerca das quatro da tarde. Estava sem forças, mal balbuciou duas palavras. Os amigos tinham partido muito cedo para ibadan e julgou as suas horas contadas ali sozinha.

Curtiu uma infecção intestinal durante três semanas. O empregado vinha, punha-lhe um termo com chá ao lado, fazia a limpeza e ia sentar-se na casa de jantar a estudar. Andava a seguir um curso por correspondência. À tarde arranjava-lhe outro termo com chá, colocava um pacote de tostas na mesa de cabeceira e ia-se embora.

Abalada pela estadia na cama, não tinha vontade de nada. Deixava-se ficar na cadeira de lona, a seguir as nuvens de mosquitos e bichinhos a voejarem contra a rede da janela à procura da luz acesa dentro da sala. Apareciam ao entardecer, mas de toda maneira, as redes em qualquer das janelas impedia-nas de invadir o interior da moradia. No campus havia um jardim zoológico. E se também um daqueles bichos se lembrasse de fugir e comesse por aí a rondar? Levantou-se de um salto e foi verificar a porta. Estava fechada. Tranquilizava, sentou-se de novo, sem vontade para mais nada a não ser prestar atenção ao bater dos insectos contra a rede onde alguns iam ficando presos.

Da Silva viera vê-la numa tarde, andava ela a passear à volta da vivenda, a pisar a erva fresca e densa por todo o lado. Da Silva não saiu da passadeira e chamou-a. “Venha cá, quero dar um grande abraço à nossa ressuscitada.”

Luna, agradecida, só sabia repetir: “É tão bom estar-se de saúde outra vez. É tão bom!”

Sentaram-se na varanda. Ia aspirando o cheiro acre da terra molhada enquanto Da Silva preparava um teste. “Olhe aqui, Luna, você alguma vez viu um historiador fazendo investigações para o seu doutoramento, ter de preparar um teste como este aqui?” Oiça, oiça.

\_ Você já tomou o seu cafezinho?

\_ Sim, dona Clara, estou acabando mesmo agora.

\_ Já pensou...?

Não acabou porque Luna ria como não lhe acontecia desde aquela noite.

A tarde foi agradável. Da Silva era bem amigo. À saída ainda lhe disse duas tretas com humor e finalizou: “Veja se evita andar a passear na relva. As cobrinhas aparecem com a chuva e devem andar por aí. Mesmo pequeninas elas gostam de dar a sua picadinha, benzinho.”

Despediu-se do Da Silva e fugiu para dentro de casa. Já sentia cobrinhas a subirem-lhe pelas costas acima, rastejando como seda a estalar e a enrolarem-se debaixo do vestido cor-de-rosa com ramagens verdes.

Professor Kahn, apreensivo pela sua súbita magreza, propôs-lhe continuarem o trabalho no semestre seguinte. Ficou aliviada. E se eu fosse assistir às festas de aniversário da independência em Cabo Verde?, pensou. Até ao dia da partida andou impaciente. O tempo não passava tão depressa como desejava. Queria fazer umas

pequenas compras, mas ser-lhe-ia quase impossível. No campus havia um supermercado, uma livraria, o banco e os correios. Talvez pudesse escolher discos na livraria. Da Silva levou-a à cidade, chamavam eles, mais parecia uma aldeola, a cerca de dois quilómetros, à boutique de uma jovem americana. Comprou colares e aproveitou para visitar o museu. Casa baixa de chão cimentado, onde de olhos arregalados pôde admirar peças autênticas de uma cultura milenária, únicas no mundo. O empregado, o Peter, vira-a entrar no museu e viera a correr entregar-lhe um fio de missangas multicores.

A caminho de Ikeja lembrou-se do milho verde cozido. O carro voava. Dr. Odgi acompanhava-a. Goiabas perdiam-se na berna da estrada. “Não gosta de goiabas, Dr. Odgi? São tão boas!”

Dr. Odgi tinha os olhos grandes, pareciam duas amêndoas. Sorriu. “Não comemos disso.”

“O quê?” Luna admirou-se. “Não comem goiabas? Em Cabo Verde fazemos goiabada e comemos goiabas maduras. É tão bom!”

O carro saltava e voava. Uma vegetação densa e cerrada ladeava a estrada. Atravessavam uma zona de verde sem fim com grandes árvores a sobressaírem dos arbustos de folhas rijas e de um verde escuro pujante. Seria difícil descornitar algo através da folhagem sussurrante.

“Será floresta virgem?”, perguntou Luna.

“Não, são quintas”, respondeu Dr. Odgi meio aborrecido.

Luna encostou-se a um canto do carro. Dormitava ainda quando chegaram ao aeroporto.

O avião devia partir às seis da manhã. Dr. Odgi levou-a ao hotel para jantar e passar a noite. Parecia já estar na Europa. Até eles chegava o som de uma orquestras num dos salões. Era uma festa privada, uma festa de multinacionais, possivelmente um encontro de magnatas de petróleo. A Europa e o imperialismo ficavam para além daquela porta. Deste lado era a exploração.

O departamento não lhe pagaria a estadia no hotel. Não fazia parte do contrato. Deu cerca de trezentos e cinquenta francos pelo quarto, pagos em cheque de viagem. Pelo jantar foi outra loucura. Como não tinha nairas acabava por pagar sempre a dobrar. Começou a pensar na sua vida e nos meses passados em Ife, fez um rápido balanço se teria valido a pena. A caminho do quarto ia deitando contas. Dr. Odgi

lembrou-lhe: “Já disse ao criado para a acordar às quatro e meia. Está certo?”

Atravessaram um longo corredor ao ar livre para alcançar o outro corpo do edifício. A humidade na armação coberta de trepadeiras e de flores de cardeal ficava paganhenta nas mãos quentes de Luna. Ia estar tudo certo. Ia a Cabo Verde.

Foi boa esta experiência. Abriu-lhe os olhos. Nem para si já contam os pequenos problemas do Professor Kahn, do Professor Grübber, de Israel, sei lá. Problemas substitutos de outros, bolorentos, na média burguesia.

Arrumou a roupa na cadeira e sentou-se na ponta da cama. Ligou o ar condicionado e deitou-se sobre a colcha de algodão a pensar nas ruas térreas e lamacentas à entrada de Lagos, nos dois ou três arranha-céus de Ibadan a dominarem um mar de casas baixas e mal alinhadas a par de vivendas com jardins bem cuidados e crianças meio nuas a apontarem para ela a rir “Oybo, oybo”, e mais riam mais apontavam para Luna atónita. Além, ao lado do mercado, outras crianças agachadas, de cócoras umas três, libertando-se calmamente de fezes incómodas. Lembra-se disto e sorri.

Quando de madrugada bateram à porta do quarto, Luna ia a meter-se debaixo do cobertor. Gelara com o ar condicionado, tinha a garganta ferida, ia ter anginas desta vez.

Meio estremunhada bocejou e ficou assim na borda da cama. Não conseguia coordenar bem as ideias. Despiu a camisa de noite com nervosismo e atravessou nua a curta distância para a casa de banho. Um tanto alheada meteu-se debaixo do chuveiro. Enquanto a água lhe escorria pelo corpo, morna e lisa, Luna divagava. Quando aterrasse na Ilha do Sal tomaria a avioneta para a A. Vicente. Nunca tinha estado no aeroporto de S. Pedro. Mas ia jurar. Rodeada pelo mar de pedra de S. Pedro haveria de descortinar lá longe o Ilhéu dos Pássaros. Ou não? Não importa. O ilhéu era a sentinela entre S. Vicente e Santo Antão. Mas ela nada receava. Tinha o passe e a senha.

## ANEXO C – Conto “Tonon-les-Bains”

AMARILIS, Orlanda. *Ilhéu dos pássaros*. Lisboa: Plátano, 1983.

### Thonon-les-Bains

Ficou feliz. A carta trazia tudo explicadinho tintim por tintim. Pela-manhã sentira um baque no coração e encostada na ombreira da porta da rua esperara até acalmar aquele coração doido doido, a bater tão descompassadamente. Antoninho Coxinho encontrara-a ainda sem cor e animara-a. Eh, nh'Ana, bocê está com uma cara puxada. Bocê ponha-se contente, eu trago uma carta de França pá bocê. Bocê oiá, esse selo é francês, é selo de estrangeiro.

Nh'Ana ficou atarantada. Oh Nhor Deus, descobri agora porque o meu coração saltava como um cavalo espantado desde pela-manhã. "Dá-me essa carta Antoninho. Estás a virá-la de um lado para o outro, bó dezide nunca viste um selo estrangeiro. Tanta carta de Merca, tanta carta de estrangeiro, pá quê esta cara só pá mode uma carta?"

"Não Nh'Ana, cartas de Merca nunca tem selo assim tão bonito. Mercano não é capaz de desenhar selo tão bonito assim."

Nh'Ana fechou a porta e foi direita para o seu quarto. Trouxe uma cadeira para junto da mesa de cabeceira, sentou-se, mirou a carta e procurou depois na gaveta uma raspadeira. Enquanto a abria com muito cuidado ia mirando o selo. Antoninho Coxinho tinha dito uma verdade. Mercanos não tinham gosto para nada. Quando mandavam encomendas eram umas roupas estapafúrdias uns trastes sem gosto. Mas tinham uma coisa boa: perfumes. Perfume de Merca não tinha comparação.

Acabou de abrir o envelope e tirou a carta com jeito. Abriu-a e começou a lê-la.

Bendito seja Deus. Apertou a carta contra o peito e os olhos procuraram a cantoneira do outro lado da cama. Uma imagem dentro de um nicho feito de uma caixa de sapatos com um friso de floritas de cera em volta, mostrava uma face descaída com dois vincos sobre os cantos dos lábios. De cada lado do nicho havia uma Santa Teresinha e uma Nossa Senhora do Rosário.

"Meu Sagrado Coração de Jesus, tu ouviste as minhas rezas e tu também Santa Teresinha e tu também Nossa Senhora do Rosário."

Benzeu-se e levantou-se, deu a volta à cama e foi beijar os folhos da cantoneira dos santos. "Maior é o poder de Deus."

Sentou-se para acabar de ler a carta. Tornou a lê-la. Ainda a releu mais uma vez.

Desse dia em diante foi um corropio naquela casa. Nh'Ana entrava e saia para

fazer compras. Pano casca de ovo para roupas de baixo, uma corrida para tirar medidas para uns sapatos de polimento preto, comprar pó de arroz e água de cheiro para pôr no fundo da mala da filha. Tanto tempo à espera da notícia. Uma eternidade à espera da carta de chamada. Gabriel não faltava à palavra. Gabriel enteadado de nh'Ana prometera levar a sua meia-irmã para França e não se esquecera.

"Gabriel é como se fosse meu filho. Ele não se esquece de todas as minhas dificuldades para criar estes quatro filhos que o pai me deixou." Juntou as mãos e pôs os olhos em alvo. "Deus tenha a alma de Chico em paz." Deu um pequeno suspiro. Este filho arranjado fora de casa tem sido o meu anjo da guarda. Manda-me dinheiro, manda-me umas encomendinhas, ó como se fosse meu filho na devera."

"Mas, comadre Ana, bocé não tem medo de mandar a sua filha assim sozinha para tão longe?"

"Como comadre, medo de quê? Medo de nada. Gabriel explicou tudo muito bem explicado. Piedade vai agora, depois, daqui a uns dois anos vai o Juquinha, depois Maria Antonieta e depois vou eu mais o Chiquinho."

"Ah, comadre Ana, Deus há-de acompanhar vocês todos."

Assim se despediram as duas comadres e da mesma maneira se encontraram dias depois, Piedade já iria além do ilhéu dos Pássaros que se a atravessar o canal. Nh'Ana, chorosa, nunca pensara vir a ter uma saudade assim da filha. "Sabe, comadre, a vida aqui já não podia continuar como era. Sete anos sem chuva é muito. Eu não tenho nem uma migalha de reforma de Deus-Haja. Nós vivemos da renda dos bocadinhos de terra e de mais alguma coisinha, encomendas dos nossos rendeiros, um cacho de banana de vez em quando, uns ovinhos, um balaio de mangas uma vez por outra, uma quarta de mongolom, umas duas quartas de milho e é tudo."

"Eu também não tenho nada, comadre Ana. Se não fossem as flores para as coroas dos mortos ou umas rendinhas para lençol, como eu me havia de governar, comadre?"

Nh'Ana concordava com a cabeça. "Sabe, comadre, se nha fidja me mandar algum dinheirinho, posso começar um negócio de comidas, assim uma caldeira de catchupa com mandioca e toucinho para vender à boca-da-noite, um groguínho ou um pontche para emborcar em cima, e pronto."

"Ah, comadre Ana, eu tenho uma receita de pontche assim desta maneira. Num boião grande de boca larga de uns três litros pouco mais ou menos, está a ver comadre, faço um pontche sabe, sabe. Litro e meio de grogue, ou mesmo uns dois litros, três quartos de mel, rodas de dois limões e o resto é água para acabar de encher."

Nh'Ana não concordou. "Ah comadre, tanta água não. Uma pinguinha é a conta de desfazer o mel. Não comadre, água assim não. Nem é pontche nem é nada."

"Adê, que maneira então? Se comadre Ana quer ganhar alguma coisinha no pontche tem de lhe pôr água. Sabe a como é o litro de mel? E o limão, sabe o seu preço? Até porque limão agora é farelo dele.

" Em sonhos enrodilhada, na esperança de abrir o seu botequim, nh'Ana ia desfiando os dias e recebendo notícias da filha. Ultimamente as cartas começaram a rarear. Gabriel veio a explicar então num post-scriptum de duas linhas. Piedade andava de namoro com um francês. Era um bocado mais velho mas estava certo, mãe Ana. Ela vai ficar bem arrumada.

Nh'Ana tanto ficou aliviada com as notícias como ficou desapontada. Esperava ainda por uns anos ter a companhia da Piedade para lhe dar uns conselhos encaminhá-la no casamento, fazerem as duas o enxoval, tudo num sossego do dia-a-dia. Assim não tinha graça, mas enfim.

A comadre não se sabe pá mó de quê, apareceu-lhe lá em casa, sabedora das novas de França. Nh'Ana um pouco contrariada desta tchefreza, fingiu satisfação ter de compartilhar com a sua comadre de tão boa noticia e a modos de uma grande amizade a foi levando para dentro de casa para estarem mais à vontade.

"Vamos tomar um cafezinho, comadre. Estou com um pouco de azia. Almoço não me assentou bem no estômago hoje."

"Ah, comadre Ana, uma chicrinha de café não sei negar, mas não tomo nada. Vim só dar-te parabéns. Veio carta de França, n'é de vera?"

"Como, disseram-te alguma coisa? Eu ainda não falei com ninguém."

"Credo, comadre Ana, eu não sei nada. Só ouvi umas falas soltas sobre a

Piedade e eu pensei logo. Vou a casa da minha comadre Ana. Vou lá não não é por nada. Vou lá só para a avisar sobre Teodoro."

Aqui nh'Ana teve um sobressalto. Ela bem sabia de abusos no correio. Abriam as cartas, liam-nas, tiravam os dólares dos patrícios, fechavam-nas outra vez e não aparecia ninguém para apresentar queixa destas e outras pouca-vergonhas. Mas ela ia queixar-se. Desconfiava de um tal Gilberto, filho de uns gente-branco qualquer não passara do quarto ano do liceu, meteram-no nos correios por favor e era ele de certeza quem andava a abrir carta de cada um. Era ele, tanto mais andava sempre no botequim do Herculano a beber cerveja todas as bocas da noite. Quando se viu empregado dos correios a beber cerveja assim desta maneira, todos os dias todos os dias? A mãe dele, viúva havia quase um ano, sem qualquer pensão de sobrevivência, deitara mão de receber alunos do liceu vindos de outras ilhas, com cama mesa e roupa lavada. Mas ela era atrevida, só queria receber filhos de gente-branco como ela. Quando os tios do Armando, aquele menino de voz doirada, cantava como um canário, quando lhe escreveram para receber o Armando, ela fez umas quantas despropositezas, a revirar os olhos para um lado, a revirá-los para o outro lado, a esfregar a barbela, para no fim dizer que não tinha nem mais um quarto vago, só se o pusesse a dormir no corredor. Era tudo fita de cinema porque para o Arlindo do Dr. Felisberto foi logo, só faltou dar-lhe cama de trono. Esses gente-branco de Soncente; ela não recebera o Armando porque ele era filho de um carpinteiro, não era? Nh'Ana ainda a matutar, engoneada com essa coisa de tudo gente saber da vida de cada um, encheu as chávenas e sentou-se em frente da sua comadre.

"Para quê esta conversa de Teodoro, an comadre?"

"Ah, comadre Ana, não é por nada mas Teodoro gostava muito de sua filha e parece tiveram namoro, não foi?"

"Desculpe-me, comadre, mas Piedade nunca namorou Teodoro."

"Com licença, comadre Ana, mas namorou sim senhora. Namorou tanto, até sê mãe foi deitar cartas para saber da vida e destino dele e da Piedade."

"Home, como?" "É de vera, ela deitou-lhe sorte e deu um rei de copas no meio de Piedade e de Teodoro. Depois, deu três de paus e quatro de paus e ainda dois de espadas. Quer dizer, dentro de três meses, por caminho de mar, numa noite que é o duque de espadas, ela havia de sair para longe desta terra. E foi assim, não foi?"

Nh'Ana estava de boca aberta quase a tremer e a comadre sentia-se feliz. Feliz

por sujeitar Nh'Ana a uma evidência tão clara como a das sortes com cartas. Apenas não lhe contou sobre as cartas pretas à volta da Piedade de uma forma tão esquisita nem a ptadeira de cartas soubera explicar como e por que carga de água Piedade aparecia no meio de tantas cartas de espadas, sete de espadas, seis de espadas, três de espadas e, no fim, um quatro de espadas sobre a moça simbolizada em dama de ouros.

Nh'Ana acalmou-se e acabou por não se importar muito. A sua filha ia casar com um francês, assim iam ter os seus filhos de cabelo fino e olho azul ou verde. Teodoro, quem era Teodoro para pensar em casar com a sua fidja-fêmea? Soberba de fora, (batia palmadinhas de cada lado da cara) soberba de fora mas nha fidja-fêmea vai casar e bem.

Gabriel ia dando notícias sobre aquele frio de França em Thonon-les-Bains perto da fronteira com a Suíça.

França tem muito frio, mamãe, mas gente põe galochas forradas, luvas e capote. Mana fez-me um gorro e um cachecol vermelho. Anteontem foi domingo e, por acaso, encontrei Mochinho um moço badio de Ribeira da Barca. Ele apalpou o meu cachecol e experimentou o meu gorro e riu muito, mamãe. Disse eu estava rãskon, já podia conquistar menina-branca de Thonon.

O seu trabalho no torno numa fábrica de esquis agradava-lhe sobremaneira. Descrevia em pormenor como apertava os parafusos, dava a volta aqueles paus informes, aparava-os, alindava-os à força de máquinas, desapertava os parafusos de novo e lá iam eles para outras mãos fortes para os polirem, depois para outras para lhes colocarem os ferros e assim por diante. A irmã estava no serviço de colar as etiquetas e dar uma limpeza final a cada esqui.

Não fiques apoquentada com esta conversa sobre o frio de Thonon, mamãe, porque mana também faz limpeza no hotel de manhãzinha muito cedo e o patrão deixa-nos dormir no caveau da escada no corredor onde tem um calorzinho sabe dia e noite.

Piedade procurava sossegar a mãe, estivesse descansada porque aqui na França não é preciso coser enxoval. A gente vai nos magasins e compra tudo roupa de casa, roupa-de-baixo, tudo-enquanto. Ela e Gabriel iam arranjar para morar junto duns amigos, patrícios de Santanton, tinham uma casa grande, ela ia ficar a morar aí quando casasse. Jean era um bocado ciumento, tinha quarenta e dois anos, era

separado de uma outra mulher, mas era muito seu amigo. Trazia-lhe chocolates quando vinha namorar com ela, tudo à vista de Gabriel e dos seus amigos. Nunca ficava só com ele porque Gabriel não deixava, sempre a espiar, até os dois amigos eram capazes de lhe ir contar qualquer coisa mal feita ela viesse a fazer.

Nh'Ana descansou. A filha não esquecera ainda os bons ensinamentos de sua mãe. Esta, no entanto, evitava falar nas cartas à sua comadre. Era boa criatura, mas debaixo de suas boas intenções ainda era capaz de deitar algum quebranto na vida de sua filha. Quebranto podia apanhar qualquer pessoa em qualquer idade. Por isso gente põe os fios de conta, pretas e brancas, de volta das barrigas de menino-novo, por baixo do umbigo. Gente-grande não precisa de um fio de conta de quebranto, mas quando desconfia de quebranto vindo por via de um elogio quase sempre (inveja), de um olhar intenso (mau olhado), é fazer figas com a mão esquerda escondida por entre as saias, debaixo de uma prega ou mesmo com a mão atrás 5 das costas. Figa canhota, bardolega, mar de Espanha. E assim a força malfazeja de olhar ou das palavras é afastada.

la guardando as cartas debaixo do pano bordado da cómoda ou então debaixo da caixa de jóias. Algumas vezes relia-as para saborear as coisas sabe-de-mundo de França, terra onde todos os menininhos falavam francês desde pequeninos. Assim iam passando os dias, nh'Ana a pensar no seu botequim no seu negócio para depois do casamento da Piedade.

Todavia, ou por muitos afazeres ou por um pouco de preguiça, as cartas da filha iam rareando. Uma vez por outra quando dava notícias eram logo umas quantas folhas de papel de carta daquelas azuis ou cor-de-rosa com flores estampadas, coisas só mesmo de França. Não parecia muito entusiasmada com a perspectiva do casamento, mas continuava a dizer bem do noivo, era seu amigo dava-lhe muitos presentes, já a tinha levado duas vezes à Suíça, era muito perto de Thonon, só atravessar a fronteira e pronto. Gabriel abria-se mais com a madrasta. Mãe Ana, comprei anteontem uma televisão a cores. Sabe como é? As pessoas se estão vestidas de encarnado ou de azul, a gente vê tudo tal e qual de encarnado de azul ou verde. A minha televisão está em frente da minha cama e quando a quero apagar tenho uma maquininha onde carrego num botão e já está. É como uma pistola, mãe Ana. Aponto para a televisão e carrego no botão e ela apaga-se. Não é uma coisa bonita, mãe Ana?

Não era por acaso a falta de notícias da filha. Andara muito influída com a ideia do casamento mas ultimamente esmorecera. Jean era bom, era seu amigo, mas começou a pensar na sua idade e na dele, começou a pensar na seriedade do Jean, na sua maneira de tratar tudo tão a sério. Deitava contas à vida, calculava todos os francos para isto e para aquilo e ela começou a perder a paciência para aquelas conversas. Um bocado alevantada, esboada mesmo, queria brincar, rir, fumar o seu cigarrinho e ei-la agoniada com as conversas de gente-velha do Jean. E depois, aquele moço da Ribeira da Barca, badio de pé ratchado, vinha todas as tardes com o transistor e aí começavam a dançar os dois, a fazer partes, a cair para a frente e para trás, a dar voltas e a mornar. Jean ficava na ponta da cama, sorria. Não gostava de dançar, preferia ver as dengosices da Piedade e o Maninho a segurá-la em meias voltas inesperadas, parecia um vime tocado pela brisa.

Naquelas partes e requebros, Maninho ia-a apertando e dizia-lhe umas palavrinhas sussurradas, depois largava-a, ela caía para trás e fazia mais partes com floreios de tango e de rumba negra. Jean sorria, sorria sempre, baixava e levantava a cabeça a marcar o compasso.

No dia dos anos do Gabriel resolveram fazer uma festa em casa dos dois amigos, aqueles tchês de Santanton espavoneados com o gira-discos novo. Convidaram os amigos do Gabriel, veio uma cunhada de Mochinho casada de pouco tempo com um da Suíça, um moço de vinte e quatro anos trabalhador numa herdade e ainda duas sampadjudas empregadas também num bar na Suíça.

Piedade preparou cocktails com gin, vermute e gotas de bitter e ainda um outro com vodka, ginginha e refrigerante.

Não se sabe onde descobriram bananas verdes, mas houve caldo de peixe com batata-doce e banana verde reforçado com malagueta. Jean sentia-se desconfortado, nada habituado ao sabor forte a alho e cebola. Comeu o peixe como pôde, sorveu o caldo picante e deixou-se ficar com o prato na mão a ver o vaivém da namorada e das amigas a servirem este, a levarem o prato daquele.

Mochinho estava alegre como nunca e aproximou-se de Jean. "C'est bon, Jean?" Revirou-se para o meio da sala. "Ei, nhãs guente, nhôs arranjem outro prato de canja para este brother".

Com a boca a escaldar da malagueta, Jean levava amiúde o lenço ao nariz. Mochinho empurrou a cama para a parede. Trouxe o pick-up e colocou-o sobre a mesa

de cabeceira. "Vamos fazer uma picapada?"

Entremearam música americana com sambinhas e coladeiras. Foi um rodopio sem parar. Quando deu para descansar o moço badio sentou-se na cama pôs um travesseiro entre as pernas e começou com as mãos em batidelas secas e ocas a fazer a toada da tchabeta.

Piedade, numa euforia nunca vista, agarrou uma toalha de rosto, atou-a abaixo da cintura e rebolou as ancas.

"Oi, povo, vamos dar com o torno", gemia ela. "Oh, nha guente, nó dá com cadeira!"

A folia entrou pela noite adiante. Mochinho não largava a Piedade. De uma garrafinha de grogue ia sorvendo goladas para se aquecer. Não a largava e perdeu a compostura. "Oiá, Dadinha, larga este bedjera do Jean. Vais ser minha tchutchinha, menina. Não queres ser minha tchutchinha?"

Ela deixou-o no meio do quarto e foi sentar-se ao pé do noivo. "Estás chateado, Jean? Não gostas da festa?"

Ele levantou-se. "Je m'en vais." "Porquê, Jean? Olha, eu vou contigo."

No fundo do corredor havia uma casa de banho. Sentiu o coração pesado e encostou-se a Jean. Ia casmurro, sem dar pio.

"Estás aborrecido, Jean? Estás zangado comigo?"

A saída ficava ao lado da casa de banho. Encostou-se mais a Jean e abraçou-

o. "O que é que tu tens, Jean?"

Jean abraçou-a também, envolveu-a e foi levando-a assim de mansinho. Quando chegaram junto à porta, abraçando-a sempre pela cintura, puxou-a para dentro da casa de banho e com o pé fechou a porta e trancou-a. Piedade estava atónita. Ele nunca fora muito efusivo. Beijava-a muito na boca mas nunca fora além disso. Se calhar ela ia deixar de ser menina-nova ali mesmo no chão daquela casa de banho. De qualquer maneira iam-se casar. Ser agora ou no dia do casamento não tinha importância. Deixou-se escorregar sob o peso do homem e viu-se estendida na laje fria. A música vinha até eles e retornava ao pequeno quarto onde era a festa. Na escuridão nada se vislumbrava. Algo enregelou-a e ela pediu "Jean, Jean!"

Ele tinha qualquer coisa brilhante na mão, mas ela já não podia gritar pois ele tapara-lhe a boca com a outra mão. Na escuridão aquele brilho e os seus olhos

esbugalhados a quererem ver. Sentiu uma frieza no pescoço e a seguir lume, lume.

Da casa de banho um grunhido fino ganhou intensidade e correu a casa toda. Os olhos de Piedade esbugalharam-se mais, o pescoço retesou-se, deixou cair os braços. O sangue correu por debaixo da porta para o corredor.

Jean levantou-se, fechou a navalha e abriu a janelita.

Do lado de fora começaram a bater com força na porta. Gabriel só dizia "abre a porta, mana, abre!"

O suíço deu vários encontrões na porta e conseguiu forçá-la. Nem assim puderam entrar porque o corpo de Piedade ocupava toda a casa de banho. Deram a volta à casa e viram a janelita escancarada. Quando conseguiram entrar e acender a luz, o espectáculo horrorizou-os. Piedade tinha sido degolada, degolada como se de um porco se tratasse.

Gabriel viu-se só no meio do seu desespero. Teve de enfrentar as idas à polícia, o enterro da irmã, a procura de um quarto onde se abrigar. Em Thonon ninguém queria alugar quarto nem a ele nem ao Maninho e aos outros dois de Santanton corridos da casa onde moravam, nem a qualquer outro patrício.

Um mês depois ele e os companheiros foram avisados para saírem de Thonon dentro de três dias. Se fossem apanhados noutra encrenca seriam expulsos do país. Gabriel aproveitou para fazer férias e ir até Cabo Verde consolar mãe Ana.

Nh'Ana, Chiquinho, Antonieta, tias, primas, toda a família foi ao cais receber o Gabriel. Traziam luto carregado. Na carta ele nem tivera coragem de contar como tinha sido aquela desgraça toda. O sangue ainda quente, com espuma, a correr em fio pelo corredor deixara-o enjoado dias e dias. Os olhos muito abertos da irmã, o pescoço cortado com malvadez de lado a lado, toda descomposta, a imagem dessa noite perseguia-o, perseguia-o de tal forma que nem sabia como conseguiu aguentar tudo até ao fim.

Quando atravessaram a entrada de casa, Nh'Ana desabafou. Começou a chorar, a prantear. As cadeiras estavam dispostas ao longo da parede em toda a roda da sala. Numa mesa encostada à parede havia um cruxifixo e uma lamparina acesa. Tinha passado o período do nojo, mas Nh'Ana quisera esperar o Gabriel para depois desmanchar o altar. As tias e as primas prantearam também. Calaram-se e apenas um soluço ou outro subia no ar. Gabriel começou então a contar tudo.

"Mas porquê, Gabriel, por que não disseste na polícia que aquele home é que

tinha esfaqueado a falecida? Mas porquê?", perguntava Nh'Ana entre soluços. Gabriel teve dificuldade em explicar-lhe. "Isso não adiantava nada. Eles sabiam mãe Ana, sabiam, isto é, desconfiavam, mas eu sou emigrante. Emigrante é lixo, mãe Ana, emigrante não é mais nada."

Não sabia mais que dizer sobre aqueles dias de pesadelo, nem ia contar como ele e os companheiros tinham sido enxovalhados na polícia.

Começou a falar do enterro. "Foi tudo muito bonito, mãe Ana. Gente foi alugar uma câmara ardente. Eu e Mochinho vimos umas quatro e escolhemos uma toda forrada de pano branco e dourado. Não tivemos trabalho nenhum, foi só falar na agência. Põem flores, põem música e tudo. Falecida esteve dois dias na câmara ardente. Gente pagou tudo, tudo, aquecimento, chá e bolos para os convidados, tudo, tudo. Foi tudo muito bonito. Tínhamos cadeiras estofadas para toda a gente e brandy para quem quisesse."

Mãe Ana ficou mais confortada. Ao menos sua filha tivera um funeral condigno. Mas não se conformava do Gabriel não ter denunciado aquele nome só por medo de ser expulso de França. Mesmo assim ele já não poderia trabalhar em Thonon. Quando voltasse era para começar a vida desde o princípio outra vez. Procura de emprego, licença, carta de serviço, informações.

"Não te apoquentes, mãe Ana. Tenho um amigo que já me arranjou uma pessoa para me esperar na Suíça. Vou para Suíça, vou trabalhar num bar."

"E quem é essa pessoa?" Nh'Ana não se conteve e explodiu. "Toma cuidado com os amigos, Gabriel! Os amigos é que fizeram a desgraça da minha filha que Deus-Haja. Toma sentido!"

Chorava outra vez. Gabriel baixou a cabeça e esperou um pouco.

"Eu não sei quem ele é, mãe Ana. Eu não o conheço. Vamos combinar o dia da minha chegada. Ele vai esperar-me e fica no jardim em frente da estação do comboio. Leva um jornal debaixo do braço, mas ainda temos de combinar as palavras da senha."

Nh'Ana não deu mais conversa sobre o assunto. As tias e as primas ocupavam as cadeiras e olhavam ora para o tecto da madeira pintada com tinta de óleo, ora para a mãe Ana. Gabriel ficou a cismar na sua vida. Não dissera tudo à mãe Ana.

Ia para a Suíça para poder ficar perto de Thonon. Tinha um plano mas não o devia confiar a ninguém. Tinha de vingar a morte da irmã. Mesmo se tivesse de ir até

ao inferno atrás do Jean.

As duas primitas mais novas cochichavam. "Nosso primo Gabriel é um bonito rapaz, n'ê de vera, Luísa?"

"Eu gostava de namorar com ele e ir para a França, não gostavas?" "Cala a boca, menina. Disparatenta..."

Na rua tocavam tambor. Era dia de Santa Cruz. Gabriel levantou-se e foi até à janela. Uma mole de gente seguia atrás de um homem enfiado num pequeno quadrado feito num navio de madeira. Segurava o barco pela cintura saltitava com pequenos passos, balançando o navio, todo enfeitado com bandeirinhas, para um lado, para o outro. Os paus repenicavam com alegria e o barco balançava-se todo. Gabriel tinha os olhos rasos de água. Porquê agora, porquê isto? Limpou os olhos com as costas da mão e foi sentar-se outra vez ao pé da madраста. Logo à tarde iria até ao Step. Dali avistaria o ilhéu, ia-se sentir mais calmo. Espraiar o olhar até ao ilhéu dos Pássaros, isolado a pouco mais de umas centenas de metros da praia, ia dar-lhe a tranquilidade de espírito tão precisada agora.